

Carlos Alberto da Silva Júnior

AS HISTÓRIAS DE
**ROBERT
VILTS**

EDITORA ILLUMINARE

Brasil / Argentina

2018

Copyright ©2018 By Carlos Alberto da Silva Junior

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios.

EDITORA ILLUMINARE
Caixa Postal 49 -Torres -RS - 95560-000
www.editorailluminare.com.br

Edição
Laura Salles

Diagramação
Sarah Schoenberg

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

SILVA JUNIOR, Carlos Alberto.

S192. As Histórias de Rober Vilts. Torres: Editora Illuminare, 2018.

1. Romance. 2. Literatura Brasileira I. Título.

ISBN 9788568904923

CDD: 869.4.

CDU: 821.134.3-3

A Marilyn companheira de tantos caminhos e histórias.
A família, pai, mãe, irmão e especialmente a meu irmão Rafael.
Aos amigos e amigas. A água, elemento que venero.



A Dança

Cuidando de um prato culinário que não sabia fazer: era assim que Lauriny guardava a alegria daquelas noites. Em poucos anos de casamento tudo era audível, degustável e amável. Doce companheirismo em momentos feitos por dois... Um par de almas que se sentiam e se esforçavam para serem gêmeas.

A sensação de prazer se instaurava no ar quando Rober Vilts entrou na casa. Lauriny já o esperava com velas, sensíveis em igualdade à beleza crepitante de seu olhar. O vinho reaproximava o ardor de uma paixão e o que Lauriny mais amava era o prazer de trocar conversas com seu amado e sentir que todos os diálogos, apesar de esquecidos no dia seguinte, os aderiam na nomenclatura 'casal'.

Quais as pretensões de uma recepção? Rober apertou Lauriny em seus braços, romântico que era, e o romantismo realmente se fizera presente. Parou durante alguns segundos com olhar contemplativo ao nada ou para dentro de si, vá lá saber! O fato é que Lauriny, surpreendida, sentiu uma imensa vontade de perguntar: 'o que há, Rober Vilts?'

– Vamos dançar!

Aquilo era um tremendo absurdo. Vilts jamais dançara, não havia quem o fizesse. Aliás, achava que as danças eram fruto de intensa cafonice. Achava assim, pois, defendia-se da sua inabilidade.

Voltando aos filmes românticos, só que agora com força total, os olhares se cruzavam, as pernas se entrecruzavam e as bocas praguejavam o desejo. Estavam os dois inertes em movimento e entregues à novidade que entrava na relação. Não mais cafona, agora formosa e bela: dança.

– Vilts, por que me convidou para dançar? Onde aprendeu a dançar? Aulas com a amante? Será isso?

Em um sorriso espontâneo por conta da “amante”, Vilts pôs-se a discursar:

– A subjetividade das almas se pode descrever de diversas formas, creio que amo a vida, Lauriny, e quem a ama profundamente como eu sinto necessidade de homenageá-la. Me expresso, comunico e apaixono pelo corpo alheio e pelo meu próprio, fazendo, assim, parte da energia do universo quando meu corpo se encontra em estado de dança.

– Estado de dança?

– Sim, é como se neste momento eu pudesse me comunicar com a alegria das pessoas que se juntam através de um ritmo e, quando se encontram ritmadas, sentem-se irmãs umas das outras. Há tipos de dores, de sentimentos, tipos de cabelos e há tipos de danças que se casam com minha mais íntima personalidade. Quando danço, prática totalmente avessa a mim, sinto-me tal qual um ator que representa a arte de não ser ele mesmo. Transporto-me pelos paralelos universais da diferença, que arranca o cotidiano de meus dias e transforma tudo o que toco em dança.

– Minha nossa, Rober Vilts! Sei que está a fazer alguma espécie de brincadeira e, apesar de estar acostumada com seus lampejos cômicos, admito que há tempos não ouço tão sonora poesia. Confesso que meu coração está ritmado com o clima de pureza que você criou nesta sala com suas palavras. Sei que se trata de uma brincadeira sua, pois jamais foi afeito à dança. No entanto, essas palavras me fizeram recordar uma conversa que papai veio ter comigo para se queixar da possível separação de minha mãe. Ele disse à época que nunca aprendera a dançar e que talvez fosse este um modo de resgatar a tão desgastada relação entre os dois. Não soube o que dizer a ele... Mas, se hoje fosse, diria convicta e em uma só frase: ‘Fale com meu marido, ele não dança, porém possui um discurso sobre a dança que irá salvar seu casamento!’

– Lauriny, não se espante. Sempre gostei de inovar e acho que isso já estava escondido em algum canto de minha história. Aliás, estou igualmente surpreso. Vamos deitar e amanhã as danças serão outras: sinais de trânsito bailarão ao som de buzinas enquanto a fumaça provocará gargantas e o comércio promoverá o romantismo, ofuscando-o e...

– Vamos dormir, Vilts. Já está bom por hoje, não é?

Os pensamentos noturnos de Lauriny e Rober Vilts, naquela noite, preencheram-se praticamente da mesma matéria. Lauriny pensava consigo quão agradável haviam sido as palavras do marido e, por mais que as supusesse como uma brincadeira, certa estava de que se casara com um homem cuja inovação era uma constante em seu agir. Já Rober Vilts era aflição, confusão imaginação e fantasia. Seus pensamentos estavam se comportando em forma de rima e ele desconhecia de onde vinham. Seria uma crise de meia-idade? Segundo leu certa vez em uma revista econômica com ares de autoajuda, crises existenciais retornavam avassaladoras em sujeitos de meia-idade, brancos, introvertidos e com histórico de reiteradas oscilações bancárias. Com tudo isso, surgiu um derradeiro pensamento: ‘em horas de angústia, qualquer baboseira faz enorme sentido’.

– Acorda, Lauriny!

– Por quê? Eu não trabalho hoje. Você é quem trabalha.

– Justo. Por esse motivo você precisa acordar. Necessito de uma ideia em no máximo dois dias. Eles querem um dizer chamativo para a propaganda da faculdade que nos contratou recentemente. Estou com o pensamento travado e minha cabeça mais parece a coluna.

– Pensou tanto ontem, dançou tanto, que nada lhe sobrou. Está vendo? Quem poupa tem.

– Isso não vale para pensamento, cara Lauriny. Vais me ajudar?

– Sim, diga: o que eles querem? Qual o público-alvo e as vantagens de se estudar nessa instituição. O importante é que diga antes de tudo qual o nome de tal lugar.

– A faculdade chama-se Alporama, e o nome se refere a uma vista em perspectiva ou ao panorama dos Alpes.

– Parece então de fácil assimilação e você poderia associar o nome a uma ascendência profissional rumo ao topo, aos Alpes. O que acha?

– Exatamente. Porém, não chegam as ideias.

– Geralmente quando você está assim o motivo se deve a um choque das campanhas publicitárias com suas ideologias políticas, não é mesmo?

– Creio que sim, Lauriny. Mas hoje pouco importaria dizer a verdade ou a mentira, realmente as ideias estão ausentes, pelo menos as que se assemelham à verdade, pois, sendo para falsear e vender compulsivamente, o slogan viria com facilidade.

– O publicitário aqui é você, Vilts. No entanto, pelos padrões atuais de propaganda o slogan poderia ser este: ‘Cada um tem seu ponto de vista e a faculdade Alporama tem todos’. E nesse momento vocês poderiam filmar um sujeito no alto de uma montanha observando lugares longínquos.

– Lauriny! Ficou ótimo! Você teria talento pra coisa. Garanto que, trabalhando bem nesta ideia, a equipe de produção fará um magnífico trabalho. Vou agora. Mil beijos e volte a dormir.

– Até, Vilts.



A Empresa

– Vilts, espera!

– Bom dia, Gerrar. Está atrasado também?

– Não. Estou é lhe procurando. Tenho que ficar refém de sua mania de não atender a telefonemas.

– Nunca é tão importante quanto parece, Gerrar. Meu telefone fica em modo silencioso durante grande parte do dia.

– Desta vez envolve a todos, Vilts. A M.S. está planejando fazer vários cortes e vim lhe procurar para saber se está ciente disto?

– Não. E com certeza não estamos incluídos. É um tempo de crise em toda a Alemanha, Gerrar. Não podemos cultivar tamanho espanto. Acabaria acontecendo.

– Uma empresa como a nossa faria campanhas de marketing até mesmo da própria crise para se manter, Vilts. Se eles estão anunciando abertamente as demissões, tudo indica que ninguém está fora de um possível corte. Dizem que a nossa filial de Berlim, apesar de referência, não ficará de fora da navalha.

– Referência? É uma pena não sermos mais, Gerrar. Nos últimos dois anos, caso tenha notado, alguns princípios entraram em falência. Mandamos promover até mesmo casa de salsichas de péssima qualidade. A M.S. esqueceu o que ocorre quando uma empresa promove produtos notoriamente conhecidos pelo descrédito em qualidade. O fracasso dessas empresas é vinculado à nossa forma de fazer propaganda, mais cedo ou mais tarde. Levantamos os defuntos, e eles estão nos deitando.

– Concordo, Vilts. Vejo nessa crise uma oportunidade para a M.S. se consolidar como uma empresa prestadora de serviços de qualidade às empresas de qualidade. O que encontramos hoje é um desespero em função da eminente crise que se abate sobre este país. É realmente uma pena! E hoje, após o trabalho?

– Ontem tive uma noite de insônia, Gerrar, e estou bem cansado. Lauriny anda com iguais sobrecargas de trabalho. Poderemos combinar algo para o fim de semana se você e Loren estiverem desocupados.

– Poderemos conversar nesta semana. Vai de elevador?

– Vou ver o Tom. Tenho que dar notícias sobre o planejamento para o cliente da faculdade que nos contratou semana passada.

– A Alporama? Conseguiu algo?

– De fato... Consegui!

– Então, até mais. A gente se fala. Não espere na saída, pois Loren virá e terei de sair mais cedo hoje.

– Até mais, Gerrar.

– Posso entrar?

– Entre, Rober Vilts.

– Olá, senhor Tom. Aqui está um esboço do plano para a faculdade. Veja se condiz com o solicitado por eles.

– Deixe que eu veja... Gostei bastante do slogan, Rober Vilts. Perfeita metáfora em relação aos pontos de vista. Isso indica seu compromisso e dedicação acerca da pesquisa sobre o tema. Quero que os alunos da própria faculdade sejam expostos na propaganda. O que acha?

– Meu nome é Rober Vilts.

– O quê? Não entendi. Seu nome é Rober Vilts? É claro que é!

– Desculpe-me, senhor Tom. Acredito que algum devaneio me tomou e fiquei disperso por um momento, mas sei que o senhor falava sobre o vídeo. Sim?

– Sim. Poderíamos dispor dos alunos da própria faculdade, como protagonistas no comercial.

– Será adequado e isso vai gerar uma força interna de divulgação, pois os alunos comentariam sobre o comercial em sistemas de internet, uma vez que apareceriam nele.

– Então solicite que o pessoal do quarto entre em comunicação com a faculdade para que mandem um representante. Assim poderemos averiguar a disponibilidade dos alunos que irão compor a cena.

– Farei isso, Tom.

– Olá, Vilts.

– Olá, Lauriny. Trouxe algumas coisas para completar o jantar. Comeu algo?

– Ainda não. Nesse novo abrigo em que estou, os funcionários não podem comer no local do trabalho. Esta semana farei plantão por três dias.

– E o trabalho, como vai?

– Estar com idosos nos insere em outro ritmo de vida, exige minúcia e paciência. Gosto bastante, apesar de não estar mais acostumada a trabalhar nessa área. Porém, como disse, durará apenas três dias. Na outra semana sabe-se lá com quem iremos estar. E o slogan sobre a faculdade, vingou?

– O contentamento foi imediato. Enxerguei até mesmo uma oportunidade momentânea de pedir aumento por causa da qualidade do slogan, mas fui prudente.

– Aumento? Em tempos de crise essa palavra some até mesmo do dicionário. Vocês farão do jeito que sugeri?

– Sim, Lauriny. Tivemos apenas um complemento, pois Tom entendeu ser melhor colocar Ermercília Silva, pessoas da própria faculdade para fazer a propaganda e...

–O que é isso, Vilts? Er-mer-chí-lia Silva? O que é essa coisa que você falou?

–Por que está perguntando isso?

–Porque você disse agora. Er-mer-chí-lia Silva ou Er-me-cí-lia Silva, eu acho.

–Estou sem lembranças de ter dito isso, Lauriny. E nem sei o que significa.

Silva, pelo que recordo, é um sobrenome português. Quanto a esse Er-mer-cí-lia, não faço ideia. Tem certeza de que falei isso?

–Sim, Rober Vilts, absoluta certeza. Foi o que você falou. Será que ouviu este nome ou expressão na empresa hoje?

–Pode ser, contudo, não possuo associação nenhuma com essas palavras. Estou confuso se realmente disse isso, ou se você está brincando comigo.

–Acabaremos por brigar, Vilts. Você disse, sim, e sente-se aqui, pois agora quero saber o que é isso. Abra a pesquisa e vamos saber do que se trata.

–Como se digita isso, Lauriny?

–Digite algo parecido com o nome... Pronto, ele está corrigindo para Ermercília Silva.

–Então deve ser isto. Parece um nome proveniente do Brasil.

–O que está escrito aí?

–Não sei português.

–Algumas palavras você sabe com certeza. É impossível que não saiba.

–E como eu conheceria este nome tão específico do Brasil?

–Como sabe que é específico?

–A página está sendo traduzida para o alemão e estão dizendo que este é um nome português mais frequente no Brasil, Portugal e Angola...

–Estou tão confuso quanto você, Lauriny. Não sei por que pronunciei isso, mas já basta dessa conversa!

–Talvez você tenha visto alguma revista ou tenha se deparado com alguma correspondência de Portugal, do Brasil, ou até mesmo aqui da Alemanha, visto que existem milhares de estrangeiros no país.

–Quem sabe... Mas isso não explica o porquê de esse nome vir à boca, já que estávamos a falar sobre outros assuntos sem ligação alguma com este.

–Descanse, Vilts. Nossa cabeça é mesmo assim, imprevisível. Existem informações perdidas na memória que surgem de repente. Ao menos é isso que estou presenciando no abrigo de idosos esta semana.

–Se já me escapa a memória passando pouco dos trinta, então darei trabalho quando chegar minha vez em abrigos desse tipo.

–Verdade, Vilts. Mas fique tranquilo. Quando eu for lhe visitar, chamarei pelo nome de Ermercília Silva se quiser encontrá-lo.

– Tente não brincar com tais coisas, Lauriny. E, se eu estiver em tal abrigo, conto com sua presença nele também. Por certo, você estará tão desmemoriada quanto eu.

– Não estarei lá... Já que não terei memória não precisarei ficar em lugar nenhum, todos os lugares serão os meus. Mas não mude de assunto, senhor Rober Vilts. Essa tal de Ermercília Silva foi um nome feminino que está em suas fantasias masculinas, então. Você que vá para o abrigo com ela!

– Agindo assim, você estará com ciúmes duas vezes pela mesma pessoa, percebe?

– Verdade. Aproveite para dormir, Vilts. Irei para o plantão no abrigo. Não sei o que acontece com esta cidade, em pleno mês de abril estamos com 24 graus à noite. É melhor aqui em casa do que lá fora.

– Berlim está mudando...

Lauriny regulou o ar e quando já estava pronta para sair Rober já havia pegado no sono, sono que ela costumava chamar de sonho louco de Rober Vilts. Poucas vezes tinha visto alguém revirar-se tanto em uma cama. O rapaz parecia ter o desejo de correr enquanto dormia. Ela afagou a nuca do marido e este parou os movimentos adormecidos e respirou forte, respondendo aos afagos de Lauriny. A noite de sexta-feira, aquela noite de sexta-feira, estava carregada com uma alma misteriosa, e Lauriny teve uma imensa vontade de caminhar de meias, pausadamente no meio da escuridão da madrugada. Lembrava de sua infância, quando várias vezes fizera isso longe dos olhos que a cuidavam. Queria conversar consigo mesma, e a madrugada das estradas entre as florestas da Baviera a acolhia em meio ao frio e à quietude.

Muitas vezes teve, em sua infância, somente a noite para conversar e trocar suas confissões, por isso, respeitava o descer do sol e, nessa hora, sentia dentro de si uma espécie de prece sem palavras que interligava seu ser à noite que se anunciava. Dessa vez, não pôde caminhar como em sua infância, pois o abrigo em que trabalharia de forma provisória ficava a doze quilômetros de distância. Para compensar, dirigiu lentamente tentando a todo custo não quebrar o silêncio noturno. Algo a aturdiu e Lauriny não conseguia identificar. Talvez pudesse ser algo relacionado a Rober Vilts. O certo era que o incômodo estava tão velado quanto a atmosfera daquela noite.

Ao chegar ao abrigo, Lauriny estacionou seu carro e logo que atravessou a porta se encontrou com dois idosos que estavam acordados e os convidou para uma caminhada ao redor do abrigo. Eles estranharam o convite, mas, entendendo que se tratava de uma empolgação da nova moça nova que ficaria pouco tempo por ali, resolveram embarcar no passeio.

– Senhor Klausen e senhora Bertha, quero que tirem os sapatos para podermos caminhar na grama. Vocês podem me acompanhar nisso?

– Podemos sim, não é Bertha?

– Sim, podemos. Qual é mesmo seu nome, moça?

–Lauriny.

–Você parece diferente de tantos outros que nos dão ordens arbitrárias por aqui. Por que deseja que andemos na grama de meias?

–Na infância eu andava para que pudesse refletir e sentir a terra nos pés. É uma longa história. De pronto, quero saber se terei a companhia de vocês?

–Será ótimo acompanhá-la.

Lauriny caminhava ao redor do gigantesco muro do abrigo com um passo leve, procurando não acordar a noite. Jurava ela que a noite dormia e fazia dormir quem a ignorasse. Senhor Klausen e senhora Bertha caminhavam com igual cuidado seguindo os passos da estranha, cuidando para não pisar em folhas secas e evitando qualquer tipo de barulho. Aos poucos, a estranha experiência sugerida aos idosos foi-se clarificando. Percebiam a cada passo que o propósito daquela caminhada em silêncio era que o silêncio da noite, das passadas, das árvores permitisse que cada um conversasse com seu íntimo, mesmo envoltos em tamanho silêncio. Quando de retorno ao abrigo, Lauriny tentou entrar para enfim apresentar-se ao trabalho, mas a senhora Bertha a surpreendeu com um abraço caloroso.

–Moça, pouco a conheço, no entanto devo dizer que tu foste a melhor agente descartável de governo que já passou por aqui. São esses detalhes da vida que nos afastam da solidão deste abrigo. Quando se muda para este lugar, os que não querem morrer de solidão procuram existências nas pedras, nas xícaras de café ou mesmo na decadência prazerosa do cigarro.

–E o senhor Klausen, não é um amigo?

–Claro, moça, mas também é ele uma solidão. O que se chama de abrigo devia muito bem tomar a alcunha de “União de almas solitárias”. Uma ironia, não acha? Um abrigo de quarenta idosos, onde uma solidão está sempre acompanhada de outra solidão.

–Onde estão seus parentes, senhora Bertha? Quer me dizer?

–Hoje é seu último dia aqui, Lauriny?

–Talvez Sim. Normalmente ficamos por três dias, depois sou transferida a outro setor social.

–Sendo assim, acho que entende a inutilidade de ouvir minhas lamúrias sobre meus parentes. Você já deve ter ouvido a história de outras pessoas e são como os livros que mudam personagens e os dramas seguem iguais. Você não parece ter a solidão como companhia, Lauriny. O que buscou convidando-nos a caminhar contigo nesta noite?

–Falarei sobre isso, senhora Bertha. Preciso, por ora, entrar, pois a chefia já deve estranhar a minha falta sem contar que alguém pode precisar de meus serviços.

–Não se preocupe, hoje tivemos atividades físicas e todos estão exaustos inclusive sua chefe que já foi dormir. Somente Klausen e eu

ficamos prostrados aqui na frente e, por isso, você nos encontrou quando chegou. Fique tranquila.

– Sendo assim... Explico que caminhei porque precisava de um pouco de esclarecimento. Hoje ao sair de casa deparei-me com uma confusão interna e rememorei os momentos em que me sentia confusa e angustiada com sentimentos sobre os quais nunca tive o devido controle. Hoje, porém, a necessidade de conversar comigo mesma e apreciar a noite foi mais forte do que minha razão adulta.

Senhora Bertha e Lauriny conversaram durante quase toda a noite, enquanto o senhor Klausen roncava desde o fim da caminhada ao redor do abrigo.

– Senhora Bertha, foi uma noite esplêndida.

– Digo o mesmo, Lauriny. Acalme seu coração. Tem muita vida pela frente até chegar à minha idade e ver a inutilidade de tamanha preocupação. E, se acaso não tiver todo esse tempo de vida disponível a ti, terá um motivo ainda mais importante para não se entregar às angústias e preocupações, uma vez que seu tempo será curto.

– Obrigada, minha nova amiga.

– De nova nada tenho, Lauriny. Conversar com você foi como conversar com uma velha amiga.

– Sejamos então somente amigas, Bertha. Adjetivos são desnecessários.

– Assim acredito! Estarei neste abrigo e não sei por quanto tempo. Se quiser, venha aqui.

– Até mais, Bertha, e mande um grande abraço a seu companheiro Klausen quando a hibernação dele terminar.

– Mandarei.



De 513 a 592 Quilômetros para o Jantar

– Vilts, será prudente levar um mapa para esta viagem ou você conhece bem o local de sua reunião?

– Conheço bem, Lauriny. Ausente suas preocupações, a estrada não permite que nos percamos e chegaremos dentro do previsto. Ando com tantas coisas na cabeça que não me lembro em qual lugar guardei o endereço. Lembro-me apenas de Tom Braits dizer ontem no escritório que antes da reunião todos se encontrariam em um café de Munique para fechar o acordo de divulgação mas, recebi mensagem contradizendo esta informação. Lauriny, procure na gaveta da bancada. Trata-se de um papel timbrado azul.

– Creio ser esse, Rober. Diz aqui: divulgação do parque eólico offshore - Mar do Norte.

– É este mesmo. O governo alemão quer fechar a publicidade desse parque eólico com a empresa que melhor plano apresentar e há grande chance de a M.S levar.

– Este projeto, diante da grandiosidade com que se apresentou, e pelo número de países envolvidos, não acreditávamos que ele saísse um dia do papel. Surpreende a realidade atual.

– Gerou em mim igual surpresa, Lauriny. O fato é que saiu do papel e nosso governo está interessado em novos modelos de energia sustentável. A Alemanha quer ser reconhecida pela vanguarda em energias limpas.

– É uma tendência do governo e das empresas privadas serem reconhecidas pela preocupação ambiental. A exploração amena de recursos naturais sobre a roupagem da sustentabilidade também oferece retorno capital e, melhor, ninguém reclama!

– Certíssima, Lauriny. Temos que ir. Diga-me as horas.

– Estamos dentro do tempo, mas já são sete horas e prometemos nossa presença neste jantar dos meus pais já faz três meses.

– Chegaremos, Lauriny. De Berlim até minha reunião em Munique gastaremos aproximadamente seis horas para chegar e de minha reunião à casa de seus pais será pouco mais de uma hora de viagem.

- A que horas será essa reunião, Vilts?
- Pontualmente, às cinco. Vou ligar no trabalho e avisar para o Gerrar que estarei em Munique e volto na terça, nem sei se ele vai se lembrar disso. Ontem ele chegou a comentar sobre um jantar entre os casais, pois Loren quer vê-la.
- Vai ver ele esqueceu que você irá nesta reunião.
- Deve ser isso. O trabalho anda excessivo na M.S. ultimamente.
- Deixe uma mensagem no celular dele e depois você liga. Vamos sair logo.
- Tudo bem.
- Rober, lembre-se de pegar a Karl-Marx-Straße. Estaremos com menos trânsito por ela e o trajeto será facilitado por lá.
- De qualquer forma, se nossos inúmeros aparelhos não funcionarem, tenho um mapa no porta-luvas.
- Isso é um desejo seu que nunca entendi, Rober Vilts! Que obsessão por mapas. É impossível ter de usá-los nos dias de hoje.
- Pode ser... Mas, como disse, estão no porta-luvas. Do ano retrasado para cá é possível que se tenham mudado muitas coisas na estrada, mas um mapa é sempre válido.
- O que mudou foi o tempo em Berlim. Não me lembro de um abril tão inconstante como esse. Olhe a chuva que se arma! Tomara que não dificulte nossa viagem, dirija com cuidado, Vilts.
- April macht alles was er will!¹ Quando tivermos gelo na pista, reduzo

a velocidade. Pode pegar a garrafa de café no banco de trás, por favor? Você vai querer?

– Eu vou de cerveja, aproveitando que você está a dirigir.

– Não tome muita, Lauriny, pois não posso parar agora.

– Vilts! Olhe a...

Rober Vilts soltou o volante desacordado e o carro foi tendendo rapidamente à direita rumo às árvores coníferas da beira de estrada. Lauriny desatou-se do cinto enquanto segurava o volante. Sentando-se no colo do marido desacordado na tentativa de frear o carro que rumava em considerável velocidade às árvores petrificadas. Em desespero e atenção de um animal em perigo, Lauriny, sabendo que a vida dos dois estaria centrada na atitude dela para com aquele momento, manteve a calma que lhe era possível e soube lidar com os segundos preciosos entre o alívio ou um possível desastre. Conseguiu parar o carro ao invés de irromper em gritos e lágrimas como era seu real desejo de momento. O carro parou em meio a uma paisagem densa, gélida e calma. O clima mudara por completo desde que saíram de Berlim. Rober Vilts respirava normalmente emitindo

¹ April macht alles was er will! - Expressão alemã sobre a inconstância climática do mês de abril

sussurros e isso dava novo sentido às lágrimas que Lauriny despejava a seu lado. Percebeu com alívio que o mal súbito do marido não o levava à morte instantânea. Lauriny encharcou os cabelos de Rober com água gelada e o impacto fez com que ele abrisse os olhos e antes de ser encharcado por inteiro conseguiu dizer: ‘calma!’

– Vilts! O que aconteceu? Vamos voltar agora, isso jamais te aconteceu. Temos que ir a um médico, temos que ver o que te passou e temos que...

– Calma, Lauriny, o que aconteceu não parece ser nada grave, apenas perdi o sentido.

– Foi gravíssimo, Rober Vilts. Você apagou e não faz ideia do que aconteceu. Iríamos na melhor das hipóteses capotar o carro.

– Até onde me recorde senti uma dor em toda a cabeça como se algo quisesse entrar nela à força. A intensidade foi enorme, a dor foi aguda e realmente não me lembro de mais nada após isso.

– Voltemos então, Rober. Sua reunião pode ser remarçada, e o jantar com meus pais transferimos para data oportuna, todos irão entender.

– Não posso voltar, vou ficar bem. A pressão está baixa certamente e você terá que dirigir. Não posso desmarcar algo que não marquei. Sou o representante da M.S. nessa reunião e preciso estar lá para apresentar o projeto de publicidade das obras ambientais. Caso isso não seja apresentado, eles contratam outra empresa e perderemos o maior contrato que a M.S. poderia ter. Dirija, Lauriny. Vou ficar bem.

– É bom que tenha certeza disso, Rober. Sou eu quem não está bem agora. Tive bastante perícia e calma para parar esse carro e o nervosismo agora me toma conta. Quero parar na próxima cidade. A quantos quilômetros estamos da cidade mais próxima?

– Pelo mapa, estamos a pouco mais de quinze quilômetros, mas por que iremos para uma cidade?

– Então pararemos por lá! Preciso tomar um café ao ar livre.

– Fará bem. Nem será preciso adentrar muito, entre à esquerda, Lauriny.

– É dificultoso dirigir nessa estrada de pedras, o carro desliza. Será que este é o caminho? Estou vendo a cidade logo ali abaixo. Acho que precisaremos ir até lá para encontrar um café.

Deixe-me perguntar ao senhor ali adiante.

Com licença poderia nos informar aonde podemos tomar um café por aqui?

– A senhora seguirá ao final da estrada e, na primeira curva à esquerda, já verá o Café das Ideias. Mesmo daqui é possível vê-lo. Fica bem próximo.

– Agradeço, senhor!

(...)

– Chegamos Vilts? Isso não se parece muito com um café.

– Pelo que nos disse o senhor, é este o lugar. A placa à frente diz Ideen Kafee. Depois desse jardim temos uns cem metros até a entrada e a placa diz que não se entra com carros.

– Você mesmo disse que precisava de ar livre, Lauriny, aproveite então.

– Estou com frio, Vilts, está ventando muito. Pegue meu casaco no banco de trás. Lugar estranho este, como um café pode funcionar em lugar tão escondido?

– Você ainda não chegou, Lauriny. Não noto nada de estranho e pode ser escondido para nós que somos estranhos no lugar. Além disso, o dono deve ter afeição a um ambiente mais rústico.

– Deve ser bastante deselegante também. Obrigar os visitantes a andar por essa imensidão de jardim em cima de uma estreita trilha de pedras de 30 centímetros é demais.

– Convenhamos que o jardim é lindo, Lauriny!

– É bastante. Tomara que não nos cobrem pela vista embutindo-a no preço do café.

– Calma, Lauriny.

– Desculpe-me, Vilts. Estou ainda nervosa com o que nos passou na estrada, algo está acontecendo com você e parece que está a esconder de mim. O que é?

– Nada estou escondendo, Lauriny. Por que acha isso?

– Boa tarde, senhora, boa tarde, senhor. Podem se sentar aqui.

– Gostaríamos de sentar à janela, pois minha esposa quer ficar em lugar um pouco mais arejado.

– Claro. Temos uma varanda à direita, venham comigo. Já conhecem este local?

– Não. Paramos por aqui devido a um contratempo na estrada, estamos indo a Munique e viemos atrás de um bom café. Vocês devem apreciar um bom café por aqui, pois o local é bastante convidativo.

– Cultivamos um ambiente simples por aqui, senhor. Temos um bom café, no entanto, não é este o objetivo da casa. Este é um espaço para homenagear a história das coisas do mundo. O café é um complemento enquanto aproveitam o que a casa oferece.

– Como assim?

– Explico à senhora.

– Nossa! Que maravilhosa vista dessa janela, não havia notado.

– O local onde construímos esta casa é planejado para isso. Pela entrada da frente temos um jardim que só poderá ser visto realmente se o visitante prescindir de seu automóvel. Por esta janela da varanda se vê a montanha ao fundo.

– Belíssimo, mas iria dizer sobre a casa e o interrompemos...

– Sim, esta casa é uma homenagem às histórias. Criamos este local para que fosse possível conhecer e dar oportunidade às pessoas para contarem suas histórias.

– Então elas leem livros, contos, poemas?

– Não, senhora. Procedemos nos moldes das antigas tradições das tribos que tinham a prática da exposição de suas experiências e compartilhavam com eles a vida em conjunto. As histórias e os preceitos de gerações nem sempre se fixaram em grafias como temos hoje. Nossa casa, Café das ideias, sugere que os visitantes e amigos tragam objetos ligados a seu cotidiano e compartilhem com os presentes os percursos de suas diversas trajetórias.

– São pessoas anônimas?

– Em sua maioria, sim, senhora. Há pouco um senhor de nome Vilaten Shur trouxe um vidro de perfume e alegrou a todos com uma história interessantíssima. Tudo naquele pequeno palco montado na entrada.

– Que magnífico! Pena estarmos de passagem, mas podemos voltar algum dia. Não é, Vilts?

– Voltaremos sim, Lauriny, encantou a mim também. Só não entendi o motivo por trás desta casa. O senhor pode dizer quem idealizou isso tudo?

– Fui eu mesmo, senhor.

– Desculpe-me a pergunta, mas por que o senhor serve as mesas do local?

– Servir não é a questão. Sempre servimos a algo ou alguém de várias maneiras. Não compreenda esse lugar como um local onde o cliente tem sempre razão. Sirvo as mesas para entrar em contato com todos que por aqui passam e desejo que um dia vocês também contem suas histórias naquele palco. Sejam boas ou ruins espero apenas ter sempre histórias para ouvir e novos momentos a compartilhar.

– Serve como uma espécie de terapia, então?

– Tenho de discordar, senhora. Evitamos este tipo de interpretação, pois temos algumas regras. Admito que exista certo conforto para os novos visitantes que vêm aqui e buscam lugar para conversar, porém nosso objetivo não é buscar conforto para sofrimentos ou percalços da vida, e sim mostrar que há significados agregados até mesmo em um prato de cozinha ou num objeto da realeza. Compartilhamos nossa vida com coisas e pessoas e aqui somente dizemos como isso acontece em forma de histórias. Quando um amigo ou visitante entra em nosso café e nos conta a história do penico de sua avó falecida, ele pode até chorar ou desabafar, como em muitos casos isso acontece. É primordial, no entanto, que nosso amigo compreenda que, quando traz a nós sua história, essa se torna viva novamente não só para ele, como para todos os que o ouvem no momento. Ouvir o que um ser humano comum tem a contar sobre a vida tornou-se algo raro. Dizem que em outras épocas os idosos faziam-se ouvir e tinham quem os escutasse. Os escutados de hoje são celebridades e atraem os ouvidos de todo o mundo com suas vidas e histórias televisionadas. Gente comum também tem histórias para contar e esse é um lugar voltado a esta

prática. Desculpem-me se falei demasiadamente e não lhes trouxe o café. Empolgo-me ao falar de minha casa, de meus projetos...

–Sem desculpas, por favor. Adoramos ouvi-lo. É uma casa realmente especial. Só o tempo que nos é curto e infelizmente não poderemos ficar para o café, pois temos que chegar a Munique sem atrasos. Seu café das ideias tem uma bonita história. Voltaremos algum dia, com certeza.

–Foi um prazer conhecê-lo, senhor, e igualmente à senhora. Espero que voltem para enfim tomarem o café. A saída fica à frente. Uma boa viagem.

–Obrigada.

–Apanhe o casaco, Lauriny.

–Que curioso lugar, não é mesmo, Vilts? Até o vento frio deste jardim parece mais suave. A impressão que guardo daqui é a de um museu em silêncio ou mesmo de um lugar contemplativo daqueles que trazem o passado para o presente.

–Interessante que pense assim, pois não faz meia hora e você reclamava do jardim, das pedras, da distância. Vejo que o encantamento fez sua cabeça e nem sequer tomou um café.

–Foi o velho problema das primeiras impressões, Vilts. Quero retornar para ver como tudo isso funciona. Essa coisa de contar histórias sobre objetos parece muito cativante.

–Podemos parar aqui quando voltarmos da casa de seus pais.

–Por enquanto, interessa que cheguemos em segurança. Ainda não sei se você está bem, esse acontecimento na estrada ainda carece de explicação.

–Caso pudesse explicá-lo, a mim mesmo faria, Lauriny.

–Tudo bem. Enquanto dirijo, aproveite para descansar, Rober. Deveríamos ter ido de avião. Seria bem mais cômodo.

–Mesmo que curta, estávamos precisando de uma viagem de carro, Lauriny. Você bem sabe e também pedia por isso.

–É verdade. Mudando de assunto, ainda estou impressionada com o senhor do café. Algumas pessoas são tão diferentes. Aquele senhor tenta saber das histórias de todos os que ali entram. O que será que o motiva?

–Ele pode ter certa razão em fazê-lo. Conviver apenas consigo mesmo rodeado de pessoas é por vezes árduo. Esse senhor é singular, pois gratuitamente se presta ao mais improvável dos comportamentos humanos: ouvir o que os outros têm a dizer.

–É uma maluca ideia, criar um espaço onde se possa interagir com as histórias das pessoas e ao mesmo tempo é fantástico.

–Acha uma ideia maluca?

–Convenhamos, Vilts, seria mais fácil abrir um café comum. Um ponto de encontro para os que quisessem repousar ou mesmo tomar um simples café. Nem sempre se estará disposto a dividir suas histórias com outras pessoas, ainda mais em cima de um palco.

– Talvez não seja raro que existam pessoas dispostas a ouvir às outras. Acredito que seja um espaço de coragem, Lauriny. Este senhor resgata os valores dos objetos ao denunciar que por trás de cada coisa aparentemente inanimada existe uma emoção humana. Poderíamos chamá-lo de arqueólogo dos sentimentos e, pensando bem, este senhor é um publicitário bem melhor do que muitos que conheço e até do que eu mesmo. Enquanto luto para agregar valor aos objetos inúteis a fim de que sejam consumidos, ele não tem a mínima pretensão de vender nada a ninguém, mas os objetos tornam-se bem mais valiosos.

– Não se deprima, Vilts. Sua formação publicitária tem lá sua importância.

– É melhor que eu não lhe pergunte o grau dessa importância, não é mesmo? Ainda que existam fatores positivos em minha profissão, deparome numa constante indagação: a serviço de quê?

– Sou uma assistente social, Vilts, estou muito mais submersa nesta pergunta do que você. Estou sempre a tentar organizar a vida das pessoas e reduzir os danos causados pelos desastros. Muitas vezes o retorno que recebo é esta pergunta: a serviço de quê?

– Difícil concordar, Lauriny. Poder interferir nas vidas de quem pede ajuda é gratificante. Você está a serviço dos grandes sentimentos humanos e creio que a recompensa é bem maior do que a melhor de minhas campanhas publicitárias.

– Este é o problema, Vilts. Pouco interesse é dispensado a estes tais sentimentos humanos. Muito do que se oferece é uma ajuda fria e governamental. Acho que você e eu trabalhamos a serviço de uma grande campanha publicitária: a vida moderna.

– Dê-me um beijo, Lauriny, fica linda até mesmo em seus discursos desesperançosos.

– Estou dirigindo! Não tem beijo, não!

– Devemos chegar em pouco mais de uma hora...

– Sim, por volta de uma e meia.

– Você trouxe o vinho que comprei para seu pai, Lauriny?

– Claro, o seu agrado está no porta-malas.

– Tenho que agradecer! Sou eu quem dorme com a filha dele, todo cuidado há de ser pouco.

– Pelo visto suas campanhas de marketing pessoal surtiram efeito, ele te adora.

– Um pouco de publicidade própria não faz mal. Foi bom ter trazido o vinho, pois, como disse, durmo com a filha dele e nenhum pai é inteiramente contente com isso.

– Ouço vozes do papai do futuro sentindo os males de entregar a filha. Adiante seu pensamento, Vilts, e imagine quando um nobre rapaz chegar à procura de nossa filha com uma garrafa de vinho na mão e uma forçada simpatia no rosto, o que fará?

– Não é prazeroso que se pense nessas coisas, mas, se um dia acontecer, que ele traga ao menos duas garrafas!

– Você se venderá assim tão fácil?

– As garrafas não serão para mim, e sim para ele amenizar no álcool, o saudoso, 'não' que receberá de minha futura filhinha.

– Caso o ciúme possuísse morada fixa o endereço seria, certamente, Rober Vilts!

– Estou fantasiando, Lauriny. Jamais faria tal coisa. Serei do tipo pai liberal, contudo se meu hipotético futuro genro trazer uma garrafa de vinho em mãos, tal qual faço agora com seu pai, sinal de que bom sujeito é.

– Com suas estratégias publicitárias e um bom vinho na mão você poderá conquistar o mundo, senhor Rober Vilts.

– Interesse-me em conquistar apenas o seu mundo, senhora Lauriny, este já me basta. Falando em vinho, aproveito para destilar um poema que nossa conversa fez recordar: trata-se de um poeta amante de vinhos e proveniente da vinícola de Nahe. Diz ele assim:

*“Pouco tempo depois de nascer, o poeta envelhece Conservando,
porém, aspecto novo, elasticidade plena na face,
tônus muscular invejável.*

*Poetas e poetisas trinta anos curtidos em barris franceses sabendo
eles que aquilo que se curva ao efeito do tempo, necessariamente se
enche de*

*história. Pouco importa aos poetas os nomes que dão ao tempo:
monarquia, república, tempo, cinco e trinta da tarde, não importa! Pois o
poeta curtido está, envelhecendo em garrafa nova, brindando ao tudo e
ao nada chamado:
tempo”*

– Anda afinado nos galanteios, Rober Vilts? Fico ainda mais lisonjeada em saber que essa historinha de poeta local é mentira e que na verdade este poema é seu.

– Você lembrou? Recitei-o a você uma vez só!

– Suficiente para estar em minha lembrança e suficiente para saber que o sujeito poeta da vinícola de Nahe nunca existiu.

– Ele existe, sim, Lauriny, tal como a vinícola. Sou péssimo para recitar poemas, é mais fácil fazê-los.

– O lado positivo de seu momento poeta é que já estamos chegando a Munique!

– Está enganada, Lauriny, ainda falta muito.

– Não, Vilts, a falta de visibilidade nos confundiu e a neblina está cada vez mais espessa. Chegamos à cidade, acredite!

– Espere-me no local da reunião, assim saímos com mais rapidez rumo à casa de seus pais.

– Não irei acompanhá-lo, Vilts. Fico em um hotel e quando sua reunião terminar nos encontramos.

– Irá gastar dinheiro em um hotel apenas por poucas horas?

– Posso encontrar um local para comer, uma cafeteria, enquanto te espero. De qualquer forma, fique tranquilo e deixe-me por aqui mesmo, eu verei o que faço.

– Tudo bem, Lauriny, creio que esta reunião não se estenderá. Apesar da importância do assunto terei de ser cauteloso, pois a escolha da empresa representante será por certo decidida nos detalhes. Caso a M.S. seja a escolhida isso representará um grandioso salto na história de nossa empresa.

– Enquanto não nos vemos, desejo-lhe sorte e peço que tome cuidado. Não se esqueça do que aconteceu na estrada, caso tenha qualquer indisposição, avise-me, por favor. Estarei com o telefone em prontidão.

– Tudo bem, Lauriny, estou ótimo! Deixarei você nesta rua, parece apresentar variadas opções de comida e creio que o hotel onde faremos a reunião fica um pouco mais adiante.

– Tem certeza?

– Sim, tenho! Até mais.

(...)

– Boa tarde, meu nome é Rober Vilts. Venho para uma reunião com o senhor Frederich Van Mechester.

– Claro, um minuto, senhor. Seu nome consta na lista e a reunião será no segundo andar, sala C-22, o elevador fica à sua esquerda.

– Obrigado!

– Boa tarde, senhores. Sou Rober Vilts, representante da M.S... Ao ver toda a composição da mesa, fico receoso de que tenha chegado em atraso.

– Boa tarde, senhor Rober Vilts. Não está em atraso, por coincidência chegamos todos um pouco adiantados. Deixe que eu o apresente a todos os presentes: Frender Murt, meu assessor; os senhores August Lindom e Klivan Dourman, representantes da Warik e Station Rousen, respectivamente. Eu sou Frederich, analista ambiental do governo alemão.

– Meus cumprimentos a todos. Represento a empresa M.S.

– Agora que já estamos com todos os representantes das empresas habilitadas para o projeto Mar do Norte, inicio esta reunião com a clareza que esperamos obter nas apresentações que aqui serão feitas. O objetivo do governo é propiciar ao povo alemão informações sobre a nova matriz energética de base eólica gerando posterior orgulho e confiança da população. As pessoas devem ser envolvidas na estratégia publicitária do

projeto Mar do Norte. Todas as empresas que aqui se encontram foram previamente selecionadas e já é sabido que possuem capacidade técnica e financeira para efetuar os trâmites publicitários. No entanto, somente uma empresa fará jus ao contrato, mediante a apresentação da melhor forma de atingir a confiabilidade do povo alemão junto ao projeto eólico Mar do Norte. Alerto a todos que a produção de energia de modo sustentável é a tônica de nosso século e tornou-se firme sustentáculo da imagem positiva de um governo diante de seu povo. Pensando nisto é que a empresa por nós escolhida terá de mostrar, da mais direta maneira, como pretende vincular o parque eólico Mar do Norte ao sentimento patriótico e ao orgulho do povo alemão. Findo aqui minhas explicações e, caso tenham dúvidas, peço que se manifestem logo após a ordem de apresentação dos projetos. Começemos por ordem de chegada. Por favor, senhor Klivan, informe-nos, de maneira breve, sobre o projeto publicitário de sua empresa.

– Senhor Frederich e todos os presentes: a Station Rousen pretende formar uma associação simbólica entre a força do povo alemão e a energia que será gerada. O despertar alemão para a energia do futuro, energia que, por sua vez, é proveniente de cada um. Como as palavras devem ser curtas preparamos um portfólio com mais detalhes do projeto.

– Agradeço, senhor Klivan, sua proposta se coaduna com nossos objetivos. A brevidade de sua explicação nos é satisfatória. Seguiremos, pois, como dito, conhecemos os pormenores de cada projeto e essa reunião deve ser sucinta, a fim de colher os resumos de cada proposta.

– O projeto publicitário da Warik, representado aqui hoje não só por minha figura, August, como também por aproximadamente dois mil funcionários prevê a propaganda massiva em lares alemães. Transformar o projeto eólico Mar do Norte em discussão rotineira entre as pessoas é o objetivo. Propaganda semanal em sistema público e privado de televisão além de mídias diversas na internet. Usaremos meios diversos e programas consagrados na grade alemã como nossa novela de reprise eterna. Adianto outros pontos essenciais nesta pasta e evito assim o discurso prolongado. Reitero que o ponto principal alcança a necessidade da apropriação desta nova realidade energética pelo povo alemão.

– Senhor August, agradeço pela explicação. Fui incumbido de analisar de perto a proposta de sua empresa, pois ela foi avisada sobre a necessidade de mudanças na parte financeira. Por suas palavras deduzo a simplicidade de tal projeto. Um grande bombardeio midiático é uma estratégia que devemos analisar com cautela, além do que, o gasto governamental com produção e acordos de propaganda em meio televisivo anuncia outro alerta. Devo lembrar a todos que, apesar dos subsídios do governo para a empresa vencedora, estamos em franca contenção de gastos públicos. Mostrar ao povo o gasto exacerbado de dinheiro em propaganda de energias sustentáveis e econômicas seria imprudente.

– Compreendo o que relata, senhor Frederich. Analise ainda assim com mais cautela a proposição de nosso projeto, mesmo porque a

simplicidade que apresentamos é ainda o melhor meio de introjeção de ideias no mercado e na opinião de nossa população.

– Obrigado, senhor August. Não debateremos aqui sobre estes pontos e esta reunião tem caráter de exposição e avaliação. Tudo o que disse já foi massivamente explanado em outras ocasiões. Seguiremos com o terceiro projeto. A empresa M.S. – Marketing Source, representada pelo senhor Rober Vilts, pode se apresentar agora.

– Obrigado, senhor Frederich. Senhores, o projeto da M.S. em princípio custeará uma pesquisa nacional visando saber o real interesse de nossa população acerca da construção de parques de energia limpa. Entrego uma pesquisa regional feita em Berlim e que já nos fornece o parâmetro de aceitação da população sobre o parque Mar do Norte. O povo alemão já possui a consciência de quão importante projeto será alavancado. O que nos diferencia dos outros projetos aqui apresentados é a estratégia ampliada de propaganda. A Alemanha, segundo nosso entendimento, deverá apresentar-se ao mundo externo como a nação verde. Em nível interno já temos este entendimento e precisamos reforçá-lo minimamente. A imagem de nação ecológica e preocupada com questões de todo um planeta fará com que a Alemanha torne-se referência de políticas e empreendimentos presentes, como o parque eólico Mar do Norte e construções futuras destinadas ao mesmo fim: preservação, energias renováveis e sustentabilidade.

– Pois bem, senhor Rober Vilts. Peço licença ao senhor e a todos os presentes. A fase subsequente será de análise interna dos materiais complementares que os senhores forneceram nesta reunião. Desculpo-me pela rapidez com que tratamos este assunto. Vemo-nos em uma próxima ocasião. Meu assessor assistirá neste momento junto a vocês, os vídeos promocionais produzidos por cada empresa e este será mais um critério de pontuação. O comunicado da empresa escolhida será feito o mais brevemente possível e desejo-lhes sorte!

(...)

– Olá, Lauriny, está me ouvindo? A reunião terminou agora.

– Estou sim, Vilts. Como esteve na apresentação?

– Acredito que manteve a firmeza e a confiança não me abandonou.

Praticamente queriam conhecer os rostos dos representantes, pois pouquíssimo pudemos dizer. Eles estavam claramente em dúvida sobre as empresas que sobraram na disputa por causa da semelhança de todas elas. Buscarei você agora.

– A chuva está forte demais, espere um pouco.

– O carro está dentro do prédio e vou desligar para falar para o manobrista trazê-lo. Você está na cafeteria?

– Sim, ainda estou na cafeteria Glockenspiel. Sabe a localização?

- Sim, logo chego!
- O manobrista, por favor.
- Ele está conduzindo outro automóvel neste momento, mas não se preocupe porque eu mesmo trarei o veículo para o senhor. Informe seu nome, por favor.
- Ermercília Si... Perdão, meu nome é Rober Vilts. Rober Vilts. Registrou? Rober Vilts!
- Sim, senhor... Preciso de um documento do veículo antes de resgatá-lo.
- Por que isso? O carro é meu! Você viu quando entrei!
- Claro, senhor, são apenas nossas regras e procedimentos.
- Se for porque errei meu próprio nome, diga-me logo. Acabo de sair de uma atribulada reunião e estou de cabeça muito cheia, por favor, tente isentar-me de problemas.
- Desculpe-me, senhor. Aqui está a chave, e seu carro logo à frente.



O Jantar

– Lauriny! Pode chamá-la? Ela está à minha espera, não pretendo entrar, a chuva está forte.

– Ela se encontra à sua espera, senhor. Um minuto.

– Olá, Vilts. Que chuva! O que houve, errou o caminho?

– Não demorei tanto assim, Lauriny, o manobrista me causou um pouco de atraso. Confundi-me com meu próprio nome e ele achou que eu pudesse estar roubando o carro.

– Confundi-se com o seu nome? Que nome você disse?

– Sim, Lauriny, foi um equívoco passageiro que logo foi sanado. Estou de cabeça cheia e você bem sabe que o dia não foi fácil. Esqueçamos este assunto.

– Tudo bem. Vamos, enfim, jantar na casa de meus pais e um bom vinho lhe trará relaxamento. E a reunião? O contrato ficará com a M.S.?

– Analisando a proposta do governo e a nossa concorrência, acredito que levamos vantagem. Três projetos foram apresentados e, apesar de parecidos, claramente um deles desagradou ao representante do governo, senhor Frederich. Por certo, teremos a disputa entre duas empresas. A pesquisa que encomendamos foi tiro certo, passamos ótima impressão com o adiantamento da opinião do povo de Berlim sobre o projeto eólico Mar do Norte.

– Acredito na sua competência, Rober Vilts! A campanha sairá em seu favor.

– É o que anseio. Seria um marco histórico para nossa empresa... Pode, por favor, dirigir, estou um pouco tonto.

– Dirigirei rumo a um hospital, Vilts. Veremos o que você tem.

– Não é preciso, Lauriny. É somente o cansaço que chegou mais cedo. Juro que não é preocupante, apenas não quero fixar minha atenção na estrada. Ando com a cabeça emaranhada de pensamentos, entupida como um ralo de banheiro.

– Que bela comparação!

– Apesar de sua ironia, a comparação é acertada, Lauriny. Sinto como se uma porção de cabelos se emaranhasse em um rolo e de repente nada mais pudesse passar por dentro do ralo. Assim anda minha cabeça, aturdida e cansada de pensar.

–Algo está deixando você triste. Está insatisfeito com a nossa relação?

–De modo algum. Não estou triste nem tampouco nossa relação está em risco. Apenas um esgotamento mental parece que se aproxima e isso se reflete no corpo. Mas mudemos de assunto, estamos em pequenas férias a partir de agora e reencontrar seus parentes me fará muito bem.

–Fará, sim, Vilts. Tenho só que lhe dizer que estou um pouco assustada com suas tonturas e o apagão na estrada. Nosso corpo precisa de uma pausa, trabalho em demasia pode ter sérias consequências.

–Novos ares serão bem aceitos. A rotina não costuma afetar-me dessa maneira, mesmo com grande quantidade de trabalho. Estou tão exausto que cheguei a trocar meu nome ao falar com o manobrista do hotel.

–Que nome você disse? Conte, não vou rir, prometo.

–É digno de preocupação, não de riso. Falei Ermercília novamente...

–Agora estou realmente preocupada, Vilts! Que nome é esse? O porquê de estar dizendo isso, pode explicar? Explique agora, pois já chega de fingir que isso é normal.

–Se soubessealaria agora mesmo, Lauriny. Uma forte impressão talvez sobre algo que li, não há recordação ou significado para lembrar de pronto algo sobre este nome. Isso em nada se relaciona com o meu desgaste.

–Você precisa de um médico. E precisa largar por um instante a teimosia que carrega. Este é o primeiro passo.

–Sem médicos. É um cansaço, só isso. Voltarei de um médico carregado de diagnósticos e interpretações e tudo isso em uma conversa de 10 minutos. É como se eu fosse a uma vidente.

–Teimosia e ignorância, tinha me esquecido do segundo adjetivo que o personaliza.

–Não comece, Lauriny!

–Algo mudou em você, Vilts. Anda estranho, leve em consideração o que lhe digo.

–Algo sempre muda. Vire à direita, eles estão desviando a pista próximo à casa de seus pais. É seu pai já abrindo o portão logo à frente, não é?

–Deve ter pressentido nossa chegada e parece haver mais gente na casa... Estranho, pois mamãe nada falou sobre isso ao telefone, disse apenas que seríamos nós neste jantar.

–Talvez seja a família que aumentou a quantidade de carros.

–Como vai meu grande amigo, Rober Vilts? Olá, minha filha, senti falta de vocês.

–Olá, senhor Preus, já faz um tempo sem nos vermos.

–Muito tempo, Vilts, parece até ter crescido.

–Não mais nessa idade, senhora Sylvia!

–Como está a vida em Berlim, minha filha? Somente falando ao telefone nunca se sabe.

– Por isso estamos aqui, mãe, e enfim chegaram as vozes por detrás do telefone para visitá-los.

– A sua, sim, pois Vilts nem ao telefone se escuta.

– Sem preocupações, Sylvia. Guardei-me por inteiro à senhora e podemos dizer agora tudo o que a distância não permitiu.

– Sempre elegante nas palavras esse meu genro! Estou felicíssima por virem.

– Vamos, Sylvia, deixem que entrem e já vamos abrir um vinho para comemorar!

– Estou precisando, senhor Preus. Estive em Munique ainda há pouco para uma reunião e...

– Conte-me lá dentro, Vilts. Venham, Lauriny e Sylvia, tomemos um vinho antes do jantar. Estamos com visitas ilustres. Além de vocês, seu primo Matheus e a esposa Elisa, estão na sala.

– Lauriny e Rober, quanto tempo! Estávamos de passagem por aqui e aproveitamos para ver os tios. Eles nos disseram que vocês viriam para o jantar e acabamos por ficar para vê-los.

– Fez bem em ficar, Matheus. Vejo que está muito bem, e Elisa cada vez mais bela.

– Obrigada, Lauriny.

– Estavam de passagem? O que faziam por aqui?

– Estamos a viajar pelo país e semana que vem partiremos para a Ásia. A empresa vai bem e nos permitimos o gozo de férias prolongadas que há muito não tirávamos.

– Que bela notícia, Matheus. Quais países asiáticos?

– Escolhemos uma rota entre províncias chinesas, algo bem bucólico e não convencional. E você, caro Rober, quando quiser explorar este grande mundo é só comunicar, pois aumentamos nossa rede de hotéis em 12% desde a última vez que nos vimos.

– Sempre costumo lembrar-me de você em viagens, Matheus, não se preocupe. É muito bom saber que teremos gratuidade em vários lugares. Senhor Preus, onde está o vinho prometido?

– Chegando, Vilts. Tenha calma!

– Pois bem, mãe, vocês todos deveriam nos visitar em Berlim. Por agora estamos em plena atividade, porém no final do ano teremos duas semanas de recesso em comum, tanto eu como Vilts.

– Combinaremos talvez isso no jantar, seu pai falava tempos atrás em uma visita a Berlim e à casa de vocês.

– Esperamos a todos! Matheus e Elisa também estão convidados. A casa não é grande como os hotéis de vocês, mas garanto que irão gostar.

– Agradecemos o convite, Lauriny, mas seu primo e eu estaremos com muitas demandas no final do ano.

– O convite segue em aberto de qualquer forma.

– Vinho para todos! Vamos à mesa fazer um brinde, o prato fica pronto em instantes e espero que apreciem o que Sylvia e eu fizemos.

–O pai cozinhando? As coisas mudaram durante minha ausência, o que você esqueceu de me falar ao telefone, mãe?

–Muitas coisas, Lauriny, as mudanças não cabem em poucas ligações e agora você pode apreciar o novo chefe que temos na cozinha. Tudo isso sob a minha supervisão, é claro! Nunca gostei de cozinhar, no entanto o controle de qualidade ainda me pertence.

–Falando em mudanças, Lauriny contou que o romance que escrevia está terminado, senhor Preus?

–Sim, Vilts. Desde o sopro do barro até a morte senil. Muitos anos da vida para terminá-lo e agora, enfim, concluído. O trabalho foi bem maior do que criar Lauriny, ao menos esta exigia coisas mais concretas... Mas lição aprendida. Ou um livro ou um filho, as duas coisas juntas extrapolam as forças de qualquer um.

–Vai ter que explicar essa história, pai. Um livro não pode ser mais importante que sua princesinha. A não ser que seja sobre mim, assim não terá que se redimir.

–Não é sobre você, filha, fique tranquila e afaste esses ciúmes, pois este livro não é seu irmão mais novo. Ao contrário, são apenas retrospectivas de um velho querendo perpetuar-se.

–Que bom isso, pai. Estou ansiosa para lê-lo e conhecer mais um pedacinho dessa cabeça grisalha.

–Depois do primeiro virão muitos outros, senhor Preus.

–Esse já é o primeiro e também o último, Vilts. Estiquei a conclusão em busca de um companheiro que me acompanhasse por boa parte da vida. Serei fiel a este amigo.

–O jantar está servido.

–Então, Matheus... Ivis como está? Deve ter crescido bastante, não é?

–Vai muito bem, Lauriny. Temos apenas as preocupações habituais dos pais de um adolescente. Ivis está na faculdade e parece que herdou nosso ímpeto de desbravar o mundo, se diz um garoto sem fronteiras. A Irlanda ficou pequena para ele.

–Fique calmo, primo. Ele acaba escolhendo um lugar para sossegar, é questão de tempo.

–As preocupações têm fundamento, pois agora ele quer sair da Irlanda e fazer intercâmbio na América Latina, precisamente no Chile. Não temos muitas informações sobre o Chile e nem sobre a América Latina, creio ser perigoso.

–Calma, Matheus. Logo você que tanto contato tem com o exterior está se deixando levar pelas impressões pejorativas do que nós, europeus, construímos sobre os demais continentes. Já se perguntou por que esta sua visita para a Ásia não está lhe pondo medo?

–Acredito que seja seguro, todos estão fazendo isso e o mercado asiático está de portas abertas para o mundo.

–Justamente por isso você não tem medo. Percebe que neste momento a Europa esforça-se para montar uma imagem de docilidade chinesa para que empresários como você invistam no mercado chinês?

–Não entendo muito o que diz, Lauriny, apenas expresse o que aprendi com os meus desde sempre. Reconheço que nada sei da América Latina. Quando tiveres um filho seja em uma pocilga ou mesmo num castelo que este se encontre, ambos serão perigosos a seu ver.

–A América Latina é belíssima e cheira à minha infância.

–Você conhece, Vilts?

–Sim, minha mãe era brasileira, mas para além desse país nada conheço.

–Não sabíamos disso, Vilts. E você, fala português?

–Poucas palavras, Matheus. O Brasil é uma parte doce e efêmera da minha vida e minha passagem por lá é veloz como a proximidade que tive junto à minha mãe. Não bastasse isso, poucas palavras eram ditas em português quando morávamos todos na Alemanha, mesmo porque dizê-las junto a minhas tias e avó era uma ofensa profunda. Para eles, reter o ar alemão era de maior valia. Mas... Mudemos de assunto, pois hoje estamos em novos tempos e se algumas antigas pessoas não mudam, as novas nos renovam as esperanças. O jantar está digno da cozinha conjunta de seus pais, quer que eu lhe sirva mais, Lauriny?

–Não precisa, Vilts. Pensando agora sobre sua história com o Brasil podemos explicar aquele nome estranho que você pronunciou. Deve ter sido algum nome que sua mãe dizia ou um amigo ou amiga próximos a ela.

–Mudemos de assunto, Lauriny, você bem sabe que incomoda falar de minha infância e não relaciono o que pronunciei com minhas breves estadas no Brasil.

–Sei que é incômodo, Rober, mas fiquei curiosa.

–Sobre o que estão falando?

–Nada importante, senhora Sylvia. Apenas pronunciei um nome estranho sem saber o porquê, algo sem nexos.



O Que é Isso, Rober Vilts?

– Levo as taças para a sala e vamos nos acomodar por lá. Tudo bem, pai?

– Sim, Lauriny, e já estamos com a lareira acesa. Venha, Vilts. Deixe que eu arraste esta poltrona para o lado do fogo. O inverno deste ano será não menos intenso que o do ano passado.

– Obrigado, senhor Preus. E como está levando estes tempos de aposentadoria? Qual a nova meta de futuro?

– Por enquanto, ainda engajado na distribuição de meu livro. Nesta idade as metas de futuro não fazem mais sentido do que o anseio de viver dia após dia. Quero somente angariar leitores e manter qualquer ocupação cotidiana.

– Ocupações não irão faltar ao senhor. A família é grande e esta casa se mantém sempre cheia.

– Tem razão, Vilts. Esta ocupação me enche de prazer. Recebê-los é sempre gratificante e, por falar nisso, brindemos ao encontro. Lauriny, Vilts, Sylvia, Matheus e Elisa, que tenhamos muitas noites como esta.

– Brindemos também pelo término do livro de papai, pelo sucesso de meus primos, e pela vida de cada um.

– E você, Lauriny, brindará pelo quê?

– Pelo futuro e por coisas boas nele.

– Aproveito para incluir no brinde o meu futuro neto.

– Ainda não, mãe... Calma.

– Calma peço a vocês, meu querido genro ainda não disse pelo que brindará?

– Brindo, senhor Preus, pela semana que marcou minha vida. A semana passada! Foi especial esta semana de passagem na Cidade do Cabo.

– Brindemos, então!

– Brindemos.

– Mas... Vocês estiveram na Cidade do Cabo, Lauriny? Por que não nos disseram?

– Claro que não, mãe. Nunca estivemos na África do Sul, nem mesmo em qualquer país do continente africano, é brincadeira de Vilts e nem sei por que ele falou isso.

– Eu estive, Lauriny. Deixe que eu conte a todos, pois o que aconteceu nesta viagem marcou-me por demais.

– Está louco, Rober Vilts?

– Sente-se, Lauriny. Não estou louco. Vale a pena ouvir também, apesar de você já ter ouvido essa história.

– Semana passada estávamos juntos e você programava uma campanha de marketing para apresentá-la hoje à tarde, como o fez. Não se lembra, ou está de brincadeira novamente?

– Claro que me lembro, Lauriny. Isto tudo foi hoje. Semana passada eu estava na Cidade do Cabo e...

– Calma, Lauriny, será bom ouvir. Vilts está brincando com você. Deixe-o falar.

– Tomara que assim seja, mãe.

– Pois bem, senhor Preus e todos os que queiram ouvir: a Cidade do Cabo é belíssima, rodeada de gente amistosa, colorida. Passei nesta semana pelos olhos de todos e os olhos deles por mim. Digo a vocês que não é a primeira vez que por lá estive. Quis morar nessa cidade há cerca de dois anos atrás quando a visitei por alguns meses. Entendi, porém, que o momento ainda não era oportuno. Me emociono ao lembrar das coisas belas e, como nem tudo era tão formoso por lá, estarreci-me quando presenciei o que estava em moda na época para coibição de assaltos no trânsito.

Alguns tipos de violência são inomináveis e inclassificáveis e confesso que, apesar da beleza da cidade, senti um desconforto intenso na atmosfera que rodeava alguns dos lugares pelos quais passei.

– Existe muita violência por lá?

– Sim, senhor Preus, a violência está em certos olhares, alguns corpos foram também violentados e acabam por perpetuar o que aprenderam a ser. A desigualdade daquele país obrigaria que eu me alongasse na descrição das injustiças e humilhações que presenciei durante minha estada. Reservo-me apenas a contar detalhes, longos detalhes, sobre o que testemunhei. No meu terceiro dia de visita, logo após um lanche, resolvi andar sem rumo apenas para passar o tempo antes do retorno ao hotel. Segui até chegar a um entroncamento de terra e asfalto que demarcava a divisão entre cidade e instância rural. Observei a contragosto os faróis altíssimos que se acendiam naquele cair de tarde, formando um contínuo de luz sem interrupção.

Acredito que naquele local a tensão era inata. Somente hoje, fora do momento, posso descrever o que era: logo à frente de onde eu estava, cerca de cinquenta metros, havia um lugar iluminado, mas sem a presença constante dos faróis. Fui a mando da curiosidade conduzido para lá e, seguindo sempre pela direita, enveredei por ruas que exigiam elas mesmas que se andasse de acordo com o caminho já pré-desenhado por infinitos pés que por ali passaram. Fazia-me turista, cada vez mais, e, à medida que avançava, era nítida minha feição de estrangeiro assustado diante de ruas desconhecidas e da noite escura. O medo começou e uma certa felicidade

também, não sei bem o porquê, talvez a sensação de perigo tenha feito com que as pernas avançassem, mesmo sem direção.

Finquei as mesmas pernas que antes avançavam e detive-me diante de um pequeno ladrilho levantado e uma espécie de hidrante fincado numa esquina de rua que forço-me para lembrar o nome, no entanto, com a imagem que se seguiu, perdoo a mim mesmo se não consegui reter outra informação que não aquela imagem. Alguns fatos são tão impactantes que se talham no tempo. É como uma cena, que, de tão impressionante, torna-se fotografia. Quiçá, por que motivo, não pude perceber o nome da rua, a farmácia ao lado, a montanha por detrás, pelo menos não naquele instante. O momento ao qual me refiro é seco, duro, e, por isso, digno de algum detalhamento se torna, pois, pelo que consta, o horror que presenciei designa-se por normalidade em outras bocas que não a minha.

Fico grato a vocês. Faz uma semana que quero compartilhar isso com outros, precisava pôr para fora... Na Cidade do Cabo, tamanha guerra social se formou que pude acompanhar a cena marcante de minha noite solitária e ver como o meu corpo fraquejou diante dela. Na falta de palavras, creio que a dor que senti alojou-se na alma e no momento lanço mão, de modo ridículo, da palavra alma por falta de linguagem que possa explicar para onde se estende a dor quando ela passa do físico. Naquele cruzamento com luz amarela enfraquecida, perto do hidrante, passou por mim em passo apressado um homem de voz imponente, as pernas em movimento de ida e volta denunciavam a angústia do homem que apontava uma arma longa rumo a um carro de faróis altíssimos. Os faróis perfilavam-se na frente e na lateral do automóvel evidenciando certo poder aquisitivo. Naquele arranjo de poderes, homem armado e automóvel de luxo, percebi que ao acelerar rumo à direita ou à esquerda o carro seria alcançado por uma bala antes mesmo do movimento de partida. Como opção primeira, poderia o condutor ter descido o vidro e negociado o que de valor estaria em troca.

– Troca? Trata-se de um assalto. Por que trocariam algo?

– Sim, senhor Preus. Trocar algo de valor pela garantia da vida. Subtendia-se esta troca no momento que relato. Aproveito para dizer a todos que esta troca se fez. O vidro rapidamente se abriu e uma conversa amena antecipou-se à navalha cortante vinda da lateral do carro e que decepou, como machado em lenha podre, as duas pernas do desespero em forma de homem, que gritava e apoiava os dois troncos de pernas no asfalto e as mãos já desarmadas na porta do automóvel.

Olhei e chorei de susto, não de medo, não de pena, de susto! Com os olhos ardendo e aproveitando as lágrimas já caídas em meio ao rosto, lancei junto a elas a mais pura compaixão quando tive o desprazer de acompanhar o homem escorado ao automóvel e mais uma vez ouvir o acionamento das lâminas atravessando o corpo ajoelhado que desvanecia e desmembrava-se na frente de minhas lágrimas. O carro daquele motorista tinha raiva por sobre a lataria, e ele olhava para o agonizante no asfalto

ainda esperando o desfecho, como quem gosta de esperar pelos caracteres do filme para certificar-se de que ele realmente terminou. O motorista ergueu levemente a cabeça e encontramos-nos em olhares. Ele ria, uma risada larga em que a boca por estar muito aberta esconde os dentes, sem pudor ele ria e me via sem me ver, sem sentir, e assim como ele, eu, mudo, também passei a nada sentir. Entendi por que dizem que a dor tem limites e uma hora cessa. Aquele era o momento de cessar.

Arrancou com o carro numa velocidade quadruplicada pelo meu desespero e o carro antes presente se fazia representado agora na forma de luz distante. Nessa hora, meus passos tinham peso de toneladas e pude dirigir-me aos retalhos do homem em longos segundos. Percebi que não teria estrutura alguma para encontrar aquele ser com vida, vida que eu também trazia comigo, desejei discretamente que a morte estivesse ali e ponto! De qualquer forma, eram os pedaços de mim que morriam ao ver os pedaços dele pelo chão.

Como um imã junto ao corpo, o que acompanhei foi a fuga da vida, gesticulando, fugindo a cada expiração... Partindo. O momento exato que separa o bicho vivo do bicho morto, a ausência do brilho habitual no olhar fez-se presente. O olhar humano se foi e o poste iluminava algo e não alguém. A lâmina contra assalto de carros de luxo tinha executado mais um trabalho, muitos antes desse e muitos depois viriam por certo. Braços puxaram-me daquela cena e me arranhavam, fui movido como um pacote, estático, pesado, sem alças por onde puxar. Fui posto na casa ao lado do hidrante em frente a uma rua, que só se revelou pra mim após longo período depois de todo o fato.

– O que é isso, Rober Vilts?

– Eu pergunto o mesmo, mãe! Estou sem saber o que pensar e mais ainda curiosa em saber de onde Vilts retirou essa história.

– Estranho que não se lembre, Lauriny. Você não pôde ir, mas falamos ao telefone algumas vezes enquanto eu estava nesta viagem para a Cidade do Cabo. Eu é que me preocupo agora com sua ausência de memória.

– Vilts, se quer brigar na frente de todos, continue com sua brincadeira insensata. Essa história não foi nada agradável e não sei por que continua a dizer essas coisas.

– Calma, minha filha, venha aqui um pouco e deixe Rober, todos sabemos que ele está brincando e trata-se apenas de uma história.

– Mas... Rober, que interessante história. Nunca tive ideia de tal sistema em carros de luxo, aliás, já ouvi falar que alguns veículos eram equipados com lança-chamas, no entanto eram somente restritos ao mundo do cinema. Fascinante foi como nos descreveu este fato, em suas palavras: 'o momento' que se tornou impactante.

– Concordo, senhor Preus, e quero perguntar-lhe, Vilts, como reagiu diante de tudo isso?

– Posso contar em outra hora se quiserem, pois receio que Sylvia e Lauriny não gostaram muito do que estou a dizer. Melhor não contrariá-las. Lauriny talvez esteja a fazer alguma piada comigo fazendo-me passar por louco ou está com a memória afetada. Contudo, melhor não testá-la.

– Não se preocupe, Vilts, conte-nos o restante. Lauriny está na antessala com Sylvia e com certeza ela está brincando com você. Imagine, ter se esquecido da viagem de semana passada do próprio marido? É óbvio que minha filha não está falando sério.

– Sem preocupações, senhor Preus. Lauriny gosta desse tipo de brincadeira de vez em quando e ela não para mesmo que o clima se tencione. Ademais, gostaria de continuar relatando o que passei já que é também importante para mim. Sinto-me cada vez mais leve a cada palavra que se encaminha a vocês.

Rober Vilts	Sylvia e Lauriny
<p>– Antes de todo aquele momento, já disse a vocês que perambular naquela noite parecia ser algo excêntrico e intrigante a se fazer pelas ruas do Cabo. Os cheiros, os tons da noite, as pessoas, a proximidade do fim do asfalto e o começo das estradas de terra puxavam-me junto ao desconhecido. Gosto realmente disso e após o abalo que estava vivendo naquela noite embarquei de vez naquela penumbra, já não tão encantadora e mesmo com os conselhos dos moradores que vieram em minha ajuda recolhendo meu corpo estático há poucas horas atrás fui adiante. Disseram em demasia que era preciso pernoitar ali devido ao estado emocional no qual tinham me encontrado. Seria o certo a fazer. Aquilo tudo não estava cabendo dentro de mim, estourava-me, foi talvez por isso que acatar o pedido dos moradores fosse um sincero absurdo. Dormir, sono tranquilo</p>	<p>– Mãe, Vilts está realmente louco!</p> <p>– Que tipo de brincadeira é essa, Lauriny? Quantos absurdos desagradáveis ele está a dizer. Parece alguém que a todo custo quer ser ouvido não interessando o quão absurdo pareça.</p> <p>– Estou preocupada, mãe, e sei que ele não está brincando, pois anda falando coisas estranhas com uma certa frequência e quase sofremos um grave acidente de carro na estrada, por conta de um súbito desmaio dele ao volante.</p> <p>– Parece que ele está a continuar o que estava contando, vamos lá acabar com isso de uma vez!</p> <p>– Não, mãe. Deixe que nós resolvamos. Além disso, os outros estão se agradando ao ouvi-lo. Somente peço a ajuda da senhora, Vilts não está brincando, aliás tomara que esteja... Desculpe-me, estou confusa.</p> <p>– Tudo bem, Lauriny. Somente não gostei dessa conversa sobre corpos</p>

ou repleto de pesadelos que fosse, seria faltar com a honra ao homem despedaçado que vi. Fui então, sentir no corpo e na alma despertos, o que tudo aquilo significaria dali em diante. Continuei por ruas até chegar o último talho de asfalto e ele estava à frente. Rapidamente deparei-me com uma escuridão até mesmo maior do que aquela presenciada quando se fecham os olhos. Minhas referências para continuar a caminhada eram copas de árvores, iluminadas pela fraqueza da luz lunar. Segui e digo a vocês que a ausência de luz causa impactos fortes

a quem nunca dela careceu: euforia, espanto, medo, cautela. Tateio com uma imensa vontade de voltar.

despedaçados aqui em casa. Depois vocês se resolvem e confio que isso é só um modo que seu marido arranjou para parecer engraçado a todos.

– Dificilmente. Ele não é assim.

– Os casamentos têm suas surpresas, Lauriny, muitas delas... Mas ele está continuando a história maluca. Vamos fazer silêncio para tentar ouvir daqui.

– Não será difícil todos estão em silêncio ouvindo-o.

– Olhei para a frente e para trás e naquele instante a palavra ‘voltar’ era só um simples verbo que vinha à cabeça já sem efeito prático. Era um cerco de caminho escuro e percebi que meus sentimentos mudariam conforme a caminhada avançasse. Estava na fase do medo e o medo não passava, mudava de forma e fazia com que eu sentisse a respiração de animais prontos ao ataque. No total desamparo em que estava, comecei a inventar companhias. Aproveitando que o coração batia forte e em intenso descompasso, conversei com ele personificando-o. Deu certo, e a pulsação que vinha dele conferia um aspecto de objeto apartado, alheio a meu corpo. Os passos que eram dados, o ar respirado, tornaram-se aliados diante de meu medo e abriam portas para diálogos com as partes do meu corpo. As pernas emitiam sons no contato com o solo, meus olhos só enxergavam a pretensa ausência da noite e de pouca coisa adiantavam. O pulmão expandia-se em contato com o ar, e o coração, mais uma vez, reclamava a si a atenção como se fosse o coordenador de toda aquela atividade que eu tornara externa somente para não encarar a sós o engolfante escuro.

Apesar da estranheza, o truque para não sentir-me completamente só deu muito certo e a consciência arrefeceu o medo quando soube que estava acompanhada. Dali em diante, pude entrar em contato com o escuro, e passei a ver estrelas que até então se escondiam de minha visão anterior

focada no medo. Contornos de pequenos morros eu também os vi. Abri um enorme sorriso ao pensar: que diabos eu estava fazendo naquela noite, naquela estrada e naquela caminhada rumo ao nada. Senti a força dos clichês a dizer: 'supere seus medos', e o sorriso foi a constatação dessa superação. Efêmera sensação aquela, pois alguns passos adiante percebi que não estava ali para superar nada. A consciência veio ao ataque informando que eu estava ali fugindo de uma cena repugnante e agora atolava cada vez mais, no meio, na ponta, no canto, ou no fim do nada com lugar nenhum. Em resumo, perdido geograficamente e na alma, eu perambulava. Nesse instante aquilo tudo perdeu a graça, se é que tivera alguma, e, andando bem lentamente, comecei a sentir coisas. Só posso chamá-las por coisas, por serem quase inomináveis. Digo isso porque o que se sente em um contexto de ausência de luz e passos sem um porquê a milhares de quilômetros de casa deveria ao menos ter nomenclatura complexa.

Por ora, solidão... Acredito que esta palavra se encaixe, devendo descrever a complexa situação vivida. Parei diante de uma clareira iluminada pela lua e vi ao lado da estrada de chão em que estava uma motocicleta já em restos. Aquele local, apesar de conter um objeto humano, não representava a proximidade de alguém. Uma moto, um lugar, coisas banais até demais. Sentei-me ao lado daquele local com uma cinza raleada de carvão indicando fogo de passado antigo. Uma tristeza infinda se aglutinou à melancolia e ambas formaram meu choro. Um choro franco, sem vigilância de olhares, daquele que não se enxuga pela certeza de novas lágrimas. Somente eu ali estava, por mais que recorresse novamente às artimanhas de minhas companhias corporais, sabia agora que tudo era pertencente a mim: coração, pernas, pulmão, e nesse momento todos eles padeciam da mesma solidão que culminava em meu choro. Tentei então racionalizar a situação dizendo repetidamente que toda a melancolia e choro compulsivo ligavam-se aos chocantes momentos do começo daquela noite. Mas não, não era isso. Chorei e entristeci-me por conta de um simples local, não o local inteiro, não os vários quilômetros que percorri no escuro, mas o local quadrático e limitado onde se encontravam os restos da moto. Quando a tentativa de racionalizar tornou-se falha, senti com franqueza que aquele banal lugar era o local em que o corpo escolheu para despejo de suas mágoas. Aquele lugar com restos de moto e fogueira apagada pelo tempo era eu. Foi como olhar para mim em figura. Um homem que explicava-se por um lugar. Ainda acho que hoje se perguntarem quem sou responderei com um quadro composto de cinzas de fogueira.

Acordei! E assim que olhos se abriram retomei o caminho contrário, pois, com toda aquela luz do sol, abriram-se também os caminhos de ida, volta, direita e esquerda. Ainda bem exausto, pus-me a andar depressa com pensamentos concretos e razoabilíssimos como: hotel, comida, banho e volta pra casa. Consegui carona até bem perto da cidade onde estava

hospedado. Pelo banco de trás, pude ver o lugar inóspito de minha saga noturna revelar-se na luz do dia. A impressão era de nunca antes ter passado por ali e espantei-me ainda mais ao perceber o quanto tinha andado, o encontro com o asfalto demorou a chegar. Muitos passos foram dados, alguns deles irreversíveis: como aqueles dados intimamente, os demais foram apenas um jogo de pernas: ora uma à frente, ora outra atrás.

Cheguei ao hotel e fui saciando minhas necessidades de forma rápida. Comida, banho e mudança na data do voo, tudo isso visando o maior desejo de estar novamente em casa. E aqui estou novamente em nossa saudosa Alemanha.

– Parece ter terminado o discurso de Vilts, mãe. Vamos para a sala, pois precisamos voltar. Quero também arrumar as coisas e ir embora.

– Nem pense em algo assim, Lauriny. Vocês dormem aqui esta noite. Como pode vir de tão longe e ficar apenas algumas horas? Há quanto tempo não nos vemos? Seu quarto está intacto e arrumado para recebê-los, não nos faça essa desfeita. Além disso, quero conversar depois com Vilts sobre essas histórias descabidas. Não tarda, ele contará que tudo isso é uma brincadeira, pois Rober Vilts sempre foi divertido.

– Divertido, mãe? Isso Vilts jamais foi, pelo menos desse modo nunca. E se a senhora for conversar com ele sobre o que foi contado na sala não há motivos para permanecermos por aqui. Isso é sério e espero que dê credibilidade ao assunto. Deixe que nós conversemos em momento propício. Falar com ele só criará animosidades.

– Claro, Lauriny. Conhece seu marido melhor do que eu. Desejo apenas vê-los pelo menos até o café da manhã.

– Olhem, vocês duas finalmente vieram ficar conosco!

– Não, Preus, já irei dormir e você também deveria. Lauriny e Vilts tiveram longa viagem e vim para adiantar que o quarto de Lauriny está arrumado para passarem a noite.

– O que é isso, Sylvia? Mandando nosso convidado para cama? Enquanto estavam ausentes perderam a bela história que Vilts nos contou sobre sua ida à Cidade do Cabo. É claro que Lauriny já sabe disso, então foi você quem perdeu, Sylvia.

– Não, pai, realmente surpreendeu até a mim a beleza e a loucura de tal história. Mas, mudando de assunto, quero ver novamente sua coleção de discos antigos. Você bem sabe que venho aqui por causa dela e vocês estão em segundo plano, não é?

– Quando morreremos vamos deixar a herança para um museu que exponha minha coleção em primeiro plano, minha filha!

– Não se exalte. Sabe que brinco, pai. Vocês sempre foram o primeiro plano de minha vida, porém a coleção de discos tem lá sua importância.

– Pois então vamos vê-la e selecionar alguns para ouvir.

– Nós gostaríamos, senhor Preus, mas já vamos, pois temos que pegar a estrada e Lauriny dirigirá.

– Dormirão aqui e poderão pegar a estrada pela manhã. Matheus e sua Elisa também dormem conosco esta noite!

– Quanto a nós, tio Preus, temos muito a organizar para a viagem rumo à China e ainda existem pendências de trabalho a resolver antes de sairmos definitivamente de férias. Agradecemos por tudo. Vilts e Lauriny, espero que nos visitem, queremos ouvir mais histórias como essas. Grande abraço a todos.

– Tudo bem, Matheus, vão em paz... Vilts, você está bem?

– Estou um pouco tonto, acho que preciso descansar.

– Faça isso. Descanse e tome um banho, pois está com uma palidez saltitante.

– Tudo bem, Matheus, podem ir tranquilos, tive um desconforto durante a vinda de Berlim para cá e o dia também foi preenchido por múltiplas coisas. Por certo, é cansaço o que sinto.

– Deite-se então, Vilts, e deixem a coleção de discos para ouvir amanhã, assim poderão almoçar conosco.

– Seguirei seu conselho, senhora Sylvia. Perdoe-me, senhor Preus, amanhã nos falamos com mais calma.

– Claro, Vilts. Tome um banho, vou levar um comprimido a você e depois mostrar a coleção para Lauriny. Os velhos discos de vinil com músicas de sua infância a esperam.

– Eu o acompanho até o quarto, Vilts.

– Obrigado, senhora Sylvia.

– Venha, Lauriny. A coleção de discos fica no quarto dos fundos agora.

– Sim, pai.

(...)

– Que bom que podemos falar um pouco a sós, minha filha. Que história é essa que Vilts contou a todos aqui? Como ele foi à Cidade do Cabo sem que você soubesse? Isso é verdade? Ele narrou com tanta convicção que fiquei confuso quanto à veracidade.

– Pai, gostaria de retomar esse assunto em outra ocasião. Estou cansada e preocupada com Vilts. A resposta é: não! Ele nunca esteve na Cidade do Cabo, que dirá na semana passada, pois estava trabalhando na M.S e organizava com minúcias uma campanha de publicidade para ser apresentada no dia de hoje, pouco antes de aqui chegarmos. Nada do que Vilts contou a vocês é real e, por favor, evitem o retorno a este assunto perto dele enquanto estivermos aqui. Já combinei com minha mãe para nada falar, porém imaginei mesmo que você estava acreditando em tudo o que ele falava.

– Pareceu bem real, filha. Mesmo sendo uma história imaginada, devo admitir que foi muito convincente o modo com o qual ele nos

apresentou. Em alguns momentos pude observar que seu primo Matheus estava a segurar as lágrimas.

– Vou descansar, pai, e logo que chegar o dia vou conversar com Vilts e decidiremos se um médico será necessário. Ele deve estar muito tenso por conta do contrato que, se acertado, poderá modificar toda a estrutura da companhia em que ele trabalha. Isto pode ser uma reação de ansiedade diante de tanta responsabilidade... Mas, já que estamos aqui, coloque algum disco de minha infância para tocar. Vilts demora bastante no banho e teremos tempo para algumas canções antes de dormir.

– Este som lembra sua infância?

– Nossa, sim! É daquela moça... Estou tentando lembrar.

– Nena 99 Luft Ballons. Sucesso dos anos 80. Você gostava dela e do Alphaville, unanimidade naquela época.

– Claro! Estou impressionada como ainda mantém esses discos intactos.

– Tenho exemplares muito mais antigos, Lauriny, e com diferentes rotações. Mostrá-los agora exigiria uma garrafa de vinho. Deixemos para depois.

– Sempre disse a Vilts que para conquistar o aval do sogro era necessário munir-se de bons vinhos.

– Conquistou-me, sim. Vilts é um bom amigo e, se te faz bem, nenhuma desavença gratuita surgirá para conosco. Talvez precise conversar ou mesmo de ajuda. Cuide dele no que puder, Lauriny, e se julgar necessário envolva-nos nessa ajuda.

– Aciono vocês se precisar. Muito obrigada, pai. Sugiro que passe a noite ao lado de sua coleção de discos já que irá investir toda minha herança futura nela.

– Se eu deixar toda essa coleção de herança a você, garanto que nem de dinheiro precisará. Ela já basta para preencher uma alma por completo.

– Não duvido. E nem quero recebê-la tão cedo, deixe o dinheiro investido nela. Sem você por perto, a coleção perde o sentido. Boa noite.

– Boa noite, Lauriny.

– Vilts, já terminou o banho? Está dormindo? ... Pelo visto, sim.

(...)

– São oito e meia da manhã. Acorde, Lauriny, temos que chegar em Berlim e estou abarrotado de pendências a resolver.

– Temos, Vilts, e também tenho pressa, mas tomemos café com meus pais. Seria uma falta de educação sair com o café posto à mesa. E como foi sua noite, dormiu bem?

– Sim, bastante bem. A dor de cabeça de ontem à noite passou por completo.

– Que ótimo! E quanto às histórias absurdas que você contou nessa noite, poderia começar a dizer os porquês?

- Depois conversamos sobre isso, Lauriny, agora não.
- Que ótimo que ao menos se lembra. Conversaremos seriamente sobre isso.
- Vamos ao café. Seus pais já devem estar à nossa espera.
- Bom dia, mãe. Meu pai ainda dorme?
- Bom dia, Lauriny, bom dia, Rober. Seu pai está caminhado ao lado do Chiemsee e já deve estar regressando para se despedir de vocês e voltar para pescar. E você, Rober, como passou a noite?
- Dormi tão logo pude me deitar, senhora Sylvia. Estava exausto e talvez por isso a dor de cabeça surgiu. Agradeço novamente pela preocupação.
- Comam para resguardar a viagem de volta. Preus já está no portão, chegou a tempo de sentar-se conosco.
- Bom dia, Vilts, bom dia, minha filha. Trouxe um bom vinho para que levem de lembrança. Este é um vinho especial para realçar o romantismo entre os casais. Escolham bem o prato que deve acompanhá-lo. Fica a critério de vocês.
- É sempre bom receber uma garrafa de um bom conhecedor, senhor Preus. Lauriny está precisando de um pouco mais de romantismo de minha parte, ando muito preenchido de trabalho e problemas: essa maléfica dupla que tanto nos prostra. O vinho será um bom começo.
- Use-o com proveito.
- Antes de nossa volta, gostaria de desculpar-me por ontem à noite. Creio que falei demais, ando cansado e estendi a conversa para além do que devia.
- Tudo bem, Rober Vilts, nada falou em excesso e suas histórias foram interessantíssimas, divertimo-nos bastante. Estaremos sempre esperando por vocês em nossa casa e não se demorem no retorno.
- Seremos mais frequentes em nossas vindas. Lauriny virá caso eu não possa.
- Assim esperamos, Vilts e Lauriny, voltem quando puderem. Levem algo para comer durante o trajeto.
- Temos o suficiente no carro. Obrigado e até mais.
- Deixe que eu dirija, Vilts, somente verifique as luzes. A neblina ainda está baixa nesta hora.
- Coloque no rádio, Lauriny, quero verificar se lançam alguma nova informação que eu possa incrementar na campanha de marketing da M.S.
- A 101,2 FM está sintonizada. É alguma rádio de notícias de Bremen. Torço pelo seu sucesso nesta campanha, Rober. Sei o quanto seria importante para todos vocês serem agraciados por este contrato com o governo.
- Caso aconteça, Lauriny, a M.S. dará um salto enorme na visibilidade de mercado.
- Torcerei por você e por todos. Torço igualmente para que seja sincero comigo. Fingir que nada se passou na casa de meus pais ontem

seria falsidade. Preciso sentir que confia em mim, Vilts, e não estou sentindo, principalmente quando você reitera que nada está acontecendo com você. Ontem, como você mesmo disse, suas histórias extrapolaram a sensatez e a realidade das coisas. Tive que justificar a todo minuto para meus pais que você brincava com tudo aquilo e por vezes não consegui mais dizer isso.

– Desculpe-me, Lauriny, constrangê-la seria a última opção de meus pensamentos.

– Trata-se de você, Vilts. Comigo passará. Conte apenas por que e de onde surgiu a ideia de criar tudo aquilo sobre sua fantasiosa viagem à Cidade do Cabo na semana passada. Existe alguma explicação possível para dominar o assunto da sala com seu relato sobre uma viagem à África? Por que fez aquilo? Foi mesmo você quem fez aquilo? Enquanto falava transparecia outro ser em seu olhar, semblante e gestos diferentes. Fiquei e ainda estou confusa e assustada.

– Desculpe-me.

– Pare, Vilts. Sem desculpas, confie no que estou lhe pedindo. Já disse não serem necessárias desculpas. Conte-me o que aconteceu e o porquê.

– Lauriny, ainda ontem enquanto eu contava toda essa viagem à Cidade do Cabo a seus pais, Matheus e Elisa, percebi que falava automaticamente e de repente perguntei a mim mesmo que espécie de loucura era aquela que eu estava a pronunciar até aquele momento. Lembro-me exatamente de tudo o que falei, não sou louco e em nenhum momento perdi o controle ou fui apossado por seres extracorpóreos. Pelo contrário, tive plena consciência de tudo o que ali foi dito e, no lampejo de segundo em que não mais a fala se fez automática, deparei-me com a cena chocante do olhar de todos os que ouviam tudo o que eu estava a dizer. Confesso a você que tive de conter minha surpresa por me dar conta, de repente, do que se passava e de tudo que fora dito até ali. Estava com lágrimas nos olhos e com os pelos arrepiados em consequência da absurda experiência da Cidade do Cabo, cidade em que jamais estive. Fiquei horrorizado por um instante e dei uma pequena pausa naquele monólogo por mim protagonizado. Minha sensação era de alguém que se despede de todo mundo em uma festa e logo em seguida movido de motivo maior tem de ficar. Fiquei um instante parado e vi que você e sua mãe conversavam na antessala, vi também que a história deveria continuar, pois era eu quem a contava. O maior susto que levei foi o de saber que todo o resto daquela história estava alocada em minha cabeça e tive a segurança de contá-la sem inventar uma linha sequer. Eu senti e vivi tudo aquilo que narrei, era como se tudo houvesse realmente ocorrido e até agora sinto que tudo aquilo foi real.

– Como é isso, Vilts? Por que não parou antes de começar?

– Eu quis fazer tudo aquilo, Lauriny. Em nenhum momento fui impelido a fazê-lo por julgar absurdo e o grande problema está em contar

o que contei e acreditar eu mesmo em tudo o que foi dito. Ontem eu acreditava realmente que estava a contar a história de minha viagem à Cidade do Cabo ocorrida na semana passada. Ouvi com clareza quando alguém perguntou se você estava comigo na viagem. Senti, nessa hora, a contradição de minha história quando você respondeu que não me acompanhava em uma viagem que fiz na semana passada numa cidade africana. Diante de tudo isso, mesmo assim, a lembrança dessa absurda viagem, que não fiz, surgiu em minha memória com clareza comparável àquela viagem que fizemos à França. E para lhe ser mais sincero essa viagem irreal guarda mais nitidez em minha lembrança em comparação a essa que realmente existiu.

– Tudo isso é sério demais, Vilts! Por onde começar a esclarecer tudo isso? Chegando em Berlim vamos em busca de um psiquiatra. Tratemos logo disso tudo antes que se intensifique.

– De nenhuma forma, Lauriny! Trago infelizes referências familiares com tratamentos em psiquiatria. Nem mesmo no último caso isso será passível de discussão.

– Está sendo limitado em sua forma de pensar, Vilts. A psiquiatria estende-se para além de suas referências de família.

– Que seja. Não irei a um psiquiatra e tenho consciência que isso tudo se deva a um cansaço excessivo e talvez questões relacionadas com meus familiares.

– Então as enfrente de outra forma.

– Presumo que não seja algo nesse nível de facilidade, Lauriny. Se você ao menos conhecesse minha família...

– Como posso conhecê-la, Vilts? Você apenas os apresentou e a frieza deles não permitiu muita aproximação. Você anda mais distante dessas pessoas que de costume e não fala nada sobre eles para além do que me contou em raros momentos.

– Nem tão distante quanto diz, Lauriny, tenho apenas rotinas diferentes e funciono de outra maneira. Morando distante de meu pai e tias, é mais do que normal que nos afastemos em outros sentidos para além do geográfico.

– Só quero lembrar-lhe de que menos de 300 quilômetros separavam a casa de seu pai enquanto estávamos na casa de meus pais.

– Sim, Lauriny, uma viagem rápida, em que mal se pôde estar com seus pais. Assim que um tempo se abrir iremos à casa de minha família. Se sua saudade de minha família for tão grande assim, pode falar com minha mãe no Brasil. Ela abandonou o filho, mas quem sabe fale com você. Diga e ela que procura um psiquiatra para mim.

– Por que ser tão grotesco dessa forma, Vilts? Se não queria ferir-me, agora você o fez com maestria.

– Desculpe-me, Lauriny. Se quiser ajudar-me tire da lista dos cuidados: médicos, psicólogos, psiquiatras e qualquer vinculação do tipo.

– Compreendo seu receio, mas não vou encerrar essa insistência por aqui. Ao menos comece a inserir a possibilidade de uma consulta para exames. Concorde que você e eu precisamos de algumas respostas?

– Nisso concordamos, caso sejam outros os meios para buscá-las.

– Estou contigo!

– Saber disso alenta-me. Nada há de ser. Coisas estranhas acontecem a todos. Nem sou o primeiro nem o último serei.

– Vire à esquerda no cruzamento, Lauriny.

– Quer parar para comermos algo?

– Somente comprarei algum aperitivo para comermos no carro.

– Espere, Vilts. Seu celular está tocando, leve-o.

– Já volto, Lauriny. Alô, Gerrar? Como vai? Amanhã estarei na M.S.

– Temos grandes novidades, Rober. Sua apresentação deve ter sido um grande sucesso. O senhor Frederich demonstrou interesse por nosso projeto em Munique e mandou às pressas um secretário para averiguar amanhã junto à equipe da M.S. os meios físicos com que vamos direcionar o projeto Mar do Norte.

– Fomos escolhidos, Gerrar, é isso?

– Muito perto disso estamos, Rober. Saberemos amanhã com a visita que esperamos.

– O secretário que os visitará certamente é o senhor Frender Murt, que estava na reunião e parece ter também ele se afeiçoado pelo projeto. Todos estão apreensivos por aqui. Quando você retorna?

– Em pouco mais de uma hora já estarei em Berlim, contudo, retorno amanhã para a M.S.

– Caso possa chegar mais cedo será de grande ajuda para organizarmos a recepção do senhor Frender. Será importante que ele o veja novamente.

– Estarei lá, Gerrar. Mande um abraço para Loren.

– Igualmente para Lauriny.

– Até mais, Gerrar.

– O que trouxe para comer, Vilts?

– Um Klöße², as batatas estão suculentas. Trouxe junto com elas boas notícias. Gerrar disse ao telefone que um dos secretários do governo responsável pelo projeto visitará a M.S. para conhecer nossa estrutura física e a equipe que conduzirá a publicidade.

– Então será uma mera formalização, o contrato já é de vocês!

– Estou cauteloso quanto às certezas, Lauriny, os secretários podem estar visitando todas as demais candidatas.

– Fique otimista, Vilts, sempre ajuda. Por que não escolher a M.S.? Pense por este aspecto. Se eles convocaram uma reunião definitiva para apreciação dos projetos, dificilmente iriam visitar uma a uma das concorrentes.

– Pensando dessa forma, o peso é menor. Caso a M.S. consiga este contrato, enviarão toda a equipe para Hamburgo, a produção será feita

nesta cidade, e os detalhes de fotografia e filmagem do parque eólico Mar do Norte será vinculado à autossuficiência de Hamburgo.

–Vejo como um incremento a boa notícia, Vilts. Tente não se esquivar do que aconteceu ontem à noite para poder então fazer uma viagem segura.

–Lauriny, esqueça desse evento. Não vou mais à Cidade do Cabo nem mesmo em fantasia, os lugares agora serão reais. A confirmação do contrato fará com que os devaneios sumam definitivamente da minha cabeça. Foi apenas excesso de tensão trabalhista e já terá seu fim.

–Seja cauteloso mesmo assim. Amanhã sairei bem cedo para o trabalho. Vou passar no departamento de assistência para consultar uns arquivos e aproveito para falar com Martina. Ela entrará em férias e vai se ausentar os trinta dias para viagem.

–E nós, viajaremos? Quando você retorna ao trabalho?

–Faltam ainda duas semanas, talvez possamos viajar quando você voltar de Hamburgo. Você tem alguns dias de férias, não é isso?

–Com toda essa expectativa diante do contrato, creio que férias ficam relegadas a segundo plano para todos. Posso tirar alguns dias se o contrato der certo e a viagem para Hamburgo não exceder o tempo.

–Pensarei num destino sem muitas pretensões, uma vez que suas férias são incertas. O certo é que não será na Cidade do Cabo.

–Nada de Cidade do Cabo, Lauriny!



Externa Mente

–Lauriny, eu gostaria de não mais voltar a este assunto, mas os sonhos estão fazendo questão do retorno. É nítido agora o quão preocupado fiquei com a percepção de sua mãe no jantar. Os olhares de espanto endereçados para mim ainda afetam. Pensando bem, ela teve motivos para surpresas naquela noite na casa dos seus pais.

–Toda a família tem sólida impressão formada sobre quem é você, Vilts. Coloque-se, porém, no lugar de meus pais. Não existia contexto algum para o mesmo Rober Vilts que eles conheciam apresentar-se como uma pessoa totalmente diferente do costume. Voltemos a dormir, por favor. Amanhã você também sairá cedo.

–Saio antes das sete. Pensei em ligar e pedir desculpas, mas se assim o fizer, receio tornar pior os pensamentos sobre as histórias que contei. Posso afirmar definitivamente a loucura se pedir desculpas. O que acha?

–Deixe as desculpas de lado, Vilts, o tempo irá passar e nos lembraremos daquela noite com um tom de brincadeira. Meu pai atenuou a situação no momento em que você falava e isso foi prova de que jamais ficariam magoados com você. Ele até chegou a acreditar naquilo que você contava.

–Se eu mesmo acreditei, por que ele não haveria? Do jeito como relatei tudo aquilo, qualquer pessoa que comigo não tivesse contato prévio acreditaria gratuitamente naquelas palavras.

–Vilts, vou dormir. Conversamos outra hora. Amanhã passarei cedo no trabalho e talvez precise ir à casa de Martina se ela já estiver em férias.

–Procure evitar a menção sobre o que aconteceu comigo. Resolveremos tudo aqui e, aliás, este assunto é particular, não cabe expandi-lo a terceiros.

–Bom ter percebido isso, Vilts, assim não será preciso omitir nada de você. Martina é a amiga para trocas de confidências, conversamos muito sobre tudo o que nos acontece cotidianamente e nossos maridos também fazem parte dos assuntos, é natural. Preciso ser sincera com você. Falarei, sim, sobre como você anda agindo e não me negue isso, pois além de poder obter alguma ajuda posso confiar nela. Entenda que não o desrespeito. Apenas vou conversar e aliviar minhas angústias com uma amiga.

– Neste caso, é inútil estender a conversa, Lauriny. Saiba que isso chateia-me completamente. O fato de sua amizade permitir-lhe trocas de confidências não lhe dá o direito de me usar para aplacar suas angústias. Se conseguir conter-se diante de meu pedido é algo tão complicado, temo pelo restante de nosso casamento.

– Apenas fui sincera, Vilts.

(...)

– Bom dia, Gerrar. A equipe não está reunida?

– Nosso chefe maior, Tom Braits, ordenou que todos trabalhassem normalmente e designou que apresentemos a equipe para o secretário de governo que irá nos visitar.

– E onde está Tom?

– Aí está ele.

– Bom dia, Gerrar, bom dia, Rober Vilts. Estamos satisfeitos e apreensivos com a possibilidade do salto na M.S. a partir desta bela manhã. Adianto os parabéns, Rober, apesar de não termos ainda oficializado o contrato, tudo indica que este será nosso. O senhor Frederich entrou em contato conosco elogiando o projeto tal como a apresentação feita por você em Munique. Você e Gerrar ficam com a incumbência de apresentar toda a equipe envolvida no projeto. Demonstrem a satisfação com que trabalharemos. Olhe pela janela, Rober. Reconhece algum daqueles senhores a descer do carro?

– Sim, o do meio é um dos secretários do senhor Frederich, o nome é Falk. Iremos recebê-lo na portaria.

– Subam com ele, estarei esperando a todos em minha sala.

– Seja bem-vindo à M.S., senhor Falk.

– Obrigado, senhor Vilts e senhor...?

– Este é Gerrar, trabalha conosco e é um dos responsáveis pelo projeto de publicidade do Mar do Norte. Conduziremos o senhor para apresentação da equipe e chefia.

– Deixe-me ser mais preciso com os senhores, Vilts e Gerrar. Venho analisar a viabilidade que a M.S. possui para arcar com toda a logística do projeto. A empresa de vocês foi a escolhida para o contrato e o que precisamos conferir é se o maquinário e equipe adequam-se à magnitude do projeto. Não obstante, além da averiguação do espaço físico e equipe preciso proceder uma rápida análise dos documentos da empresa.

– Claro, senhor Falk. Dessa forma apresentaremos ao senhor nosso chefe, Tom Braits, que já manteve contato com o senhor por telefone e procederá com os arranjos documentais necessários. Aviso, no entanto, que todos os documentos já estão preparados.

– Isso reforça a premissa de que nossa escolha pela M.S. foi acertada. Prefiro começar pela visita a equipe.

– Aqui estão todos. Didier é o responsável por todos os vinte e nove funcionários envolvidos no projeto, desde diagramadores, designers, chefes de produção, editores, financeiro, etc.

– Este é um local de reuniões? E onde está a chefia imediata?

– Estou aqui, senhor Falk. Sou Tom Braits, responsável pela M.S Berlim.

– Bom dia, senhor Tom Braits. Estou satisfeito com as instalações da empresa e a estrutura de trabalho oferecida aos funcionários. Os senhores Vilts e Gerrar disseram que poderia dispor a documentação relativa ao organograma desses funcionários frente ao projeto para o qual M.S foi a escolhida.

– Está notícia é aguardada por todos os funcionários ansiosamente! Os documentos estão catalogados neste portfólio à disposição do senhor.

– Agradeço a presteza de todos. Minha visita termina aqui e o próximo passo é a união de forças para alavancar a confiabilidade do povo alemão diante de parque eólico Mar do Norte.

– Agradecemos igualmente pela confiança depositada, senhor Falk. Já estamos empenhados em oferecer um grande trabalho mesmo antes de sermos escolhidos.

– Vemo-nos em Hamburgo.

(...)

– Este será o maior salto da M.S, Vilts. O semblante de Tom está até mais doce, conseguiu notar? A felicidade é extrema e os rumores de aumentos e promoções já circundam os corredores. Quando formos a Hamburgo na semana que vem teremos ganhos de produtividade triplicados.

– Como ouviu isso tudo, Gerrar?

– Do próprio Tom. Antes de o secretário chegar, a euforia estava incontida no homem. Andou querendo promover até mesmo os ratos do prédio para cães de guarda. Enquanto você voltava de Munique, ele recebeu uma ligação com pedidos de doações, como estas que recebemos diariamente de entidades. Só que esta pedia doações para um programa de reprodução de formigas em cativeiro e ele doou. Dizendo que tinha visto coincidentemente um documentário na noite anterior e que era muito importante manter as formigas a salvo.

– Não acredito! O que se pode ter em maior quantidade na terra além das formigas?

– Fiz exatamente a mesma pergunta, porém ele se defendeu dizendo que a espécie para a qual foi dirigida a doação estava correndo sérios riscos, disse ainda que um pequeno gesto mesmo dirigido a pequenas criaturas faria grande diferença no mundo.

– Nossa! O homem realmente enlouqueceu, Gerrar, estamos na febre do ouro, aproveitemos a benevolência temporária de Tom. No mais, é

preciso fazer um bom trabalho no Mar do Norte, do contrário as formigas podem perder seu grande incentivo à reprodução.

– Seria um sombrio dia, Vilts. É melhor evitar.

– De acordo, já está indo pra casa?

– Ainda buscarei Loren no trabalho, e você?

– Seguirei para casa, quero adiantar alguns parâmetros para a coordenação da equipe que irá para Hamburgo.

– Teremos que marcar algumas reuniões e ao chegar em casa também acertarei outros detalhes do projeto.

– Receio extenuar a equipe com sucessivas reuniões, Gerrar. Todos já estão mais do que cientes do que devem fazer e estão a executá-lo. Uma reunião a mais tomaria o tempo que dispomos para os detalhes ainda não percebidos. Deixemos este tempo para revisões.

– Poderemos proceder assim, Vilts. A equipe está realmente atarefada, mas, se identificar alguma necessidade de reunião, pode me ligar.

– Até amanhã, Gerrar.

– Mande abraços para, Lauriny, e diga a ela que Loren quer visitá-la.

– Esperamos por vocês.

(...)

– Lauriny, está em casa?

– Sim, Vilts. Há muito tempo, recolhi alguns arquivos meus e retornei. Martina teve de levar sua mãe ao hospital.

– Por quê?

– Ela quebrou a perna e teve de ser hospitalizada, já está muito idosa, carece de maiores cuidados. E você? Confirmou enfim a ascendência da M.S.?

– É um tempo a mais para que possa desistir de falar com ela a meu respeito.

– Chega disso, Rober. Quer realmente uma briga?

– A M.S. oficializou o contrato e tudo correu sem grandes surpresas, na semana que vem estarei em Hamburgo para coordenar a equipe assim como previsto.

– Questão de tempo apenas. O contrato era de vocês assim como lhe alertei. Desejo sucesso para você, Vilts.

– Sucesso? Você realmente o deseja, Lauriny? Estou sem crer em suas palavras, pois um dia quer praticamente internar-me e no outro exalta minha carreira. A falsidade está circundando e já sou eu agora a desejar que não abra a boca para dizer algo que não sente.

– Ficou louco, Rober? Por que tanta agressividade?

–Esse é o problema. Estou convivendo com uma mulher que me toma por louco e quer convencer as amigas disso.

–Está irreconhecível, Vilts. Existe motivo para dizer essas coisas?

–Estou irreconhecível? Será que novamente estou criando histórias e sendo outra pessoa? Agora não, Lauriny. Estou completamente cômico de minhas palavras e sua postura de guardiã de minha sanidade só me traz mais irritação.

–Vilts, o que diz é um total absurdo e... Onde vai?

–Ao mercado, não quero continuar a discussão.

–Estamos longe de uma discussão, só você falou.

–Volto em seguida para discutirmos, se assim você deseja.

–Espero ter uma conversa quando retornar.

(...)

–Olá, Martina, está de férias? Podemos nos falar ainda hoje?

–Alô... Olá, Lauriny, como vai? Estou deixando minha mãe no hospital e estarei em casa em instantes. Está com algum problema?

–Nada preocupante, mas preciso conversar um pouco. Estou numa franca discussão com Vilts. No momento ele se ausentou e quando retornar ficará certamente pior.

–Por que estão discutindo?

–Conversamos depois quando eu for à sua casa. Vilts já está no portão, conversarei com ele agora e logo depois nos encontramos.

–Até mais, Lauriny.

–Vilts, vou tomar um banho e irei à casa de Martina. Estou sem ânimo para discussões ou conversas no momento.

–Sente aqui, moça.

–Moça? Por que isso agora?

–Existe uma maneira de expressar o amor que sinto por você. Faltaram muitas coisas para te dizer e na pequena caminhada de volta para casa consegui concatenar as ideias. Ao vê-la parada aqui imagino que meu romance com você vai além de um mero amor mundano. Ele se rompe, extrapola, vaza... Me dê a mão. Vou contar-lhe um mito grego que relembra a nossa história. Nunca sequer li tal mito, mas incrivelmente posso senti-lo em minha memória e estou pronto para dizer a você...

–Vilts! Pare! Está acontecendo de novo. Pare por aqui!

–Calma, Lauriny, contenha a agressividade. Estou apenas tentando dizer o que sinto por você de modo mais sincero. Dê-me a mão novamente e refreie o medo.

–Estou com medo e quero parar por aqui.

–Deixe que diga o que sinto, serei breve. É importante dizer isso.

–Chega, Vilts, é definitivo e não quero ouvir, sua feição mudou novamente.

–Escreverei o que estou pensando e vou entregar a você.

– Vou me aprontar para ir à casa de Martina, faça o que quiser.

(...)

“Às vezes tenho vontade de segui-la, não como um homem que vigia sua mulher à espreita, mas como espectador a observar a sua vida para vê-la viver. Percebo, meu amor, que tudo o que na terra existe também em seu corpo se encontra. Certo estou que, por isso, meu interesse pelo mundo se retirou e voltou-se por inteiro a você. A variância estrondosa de tudo que vive conseguiu canalizar-se em um só corpo, porém, teimoso que sou, desperdicei parte de meus anos, andando, tropeçando e ferindo-me em coisas secundárias do mundo como: pedras, espinhos e pessoas. Logo, portanto, sobreveio a resignação e compreendi que elementos tão brutos não podiam fazer parte da constituição do seu ser... Permaneci lento, andando ao seu lado, quieto e calado tentando emanar para o teu corpo aquilo que lhe faltava e somente eu o tinha: o amor por você dentro do corpo que era meu. No entanto, tão cheio de tudo seu corpo estava, que olhando para mim e vendo um nada foi indiferença que meu mísero amor te despertou.

E como em todo mito grego morri eu, de sede e de medo ao lado de
toda a vida
que só em seu corpo se condensou.”

Javier. M

– Leu, Martina? O que achou?

– Bom, Lauriny, é algo bastante literário, racional, romântico e talvez dentro da relação de vocês existam mais significados que agora se escondem de minha leitura como pessoa de fora dessa relação.

– Vilts já escreveu várias cartas durante toda a nossa relação, como de costume fazem os casais apaixonados na fase do encantamento.

– Eram parecidas com esta?

– A questão perpassa a carta, Martina. Trouxe-a para você entender o quanto não mais reconheço o meu marido. Os pensamentos dele ou mesmo o que anda a dizer. Deixei o carro e vim chorando ao ler esta carta, sei o quanto parece romântica e bela, mas não há verdade escrita aqui.

– Tudo isso é falso? Ele não sente?

– Talvez o sentimento seja verdadeiro e... Bom, a confusão é grande. A carta é falsa porque apesar de ter sido escrita por Rober é avessa a tudo o que dele conheço. Outra pessoa me escreve, me toca, me fala, estou sentindo um estranho surgindo a meu lado. Vilts disse palavras horríveis minutos antes de entregar-me esta carta.

– Literalmente, parece ser outra pessoa, Lauriny. Receio que você nem notou que ele assinou a carta com o nome de ‘Javier’.

– Deixa eu ver isso!

– Aqui está. Javier M.

– Nem tinha visto. É por isso que estou aqui, Martina. Queria muito me enganar pensando que esse Javier é um escritor copiado por Vilts, mas não é. Ele assinou com este nome, pois acreditava ser esse homem neste momento.

– Como assim, Lauriny?

– Vou ser direta na explicação: Vilts desmaiou ao volante enquanto estávamos na estrada rumo a Munique. Contou uma história para minha família sobre a estada dele na Cidade do Cabo, África do Sul, semanas atrás, e ele nunca esteve por lá, disse ainda um nome estranho algumas vezes sem nenhum contexto e, ao ser perguntado, não soube informar de onde provinha. Vilts está passando por um problema, você consegue entender isso?

– Calma, amiga. Desculpe-me. Entendo que seus motivos são grandes para estar preocupada. Sugiro que procurem uma ajuda psicológica ou médica. Longe de afirmar que Vilts está louco ou...

– Ele não aceita! E exatamente aí se encontra o problema: não quer que o taxem de louco.

– Estamos em outros tempos, Lauriny. Expressei-me mal ao reduzir o que está acontecendo a seu marido com a palavra ‘louco’. Todos andam tão atribulados que não é nada incomum apresentar comportamentos estranhos de vez em quando. Se ele não quer ir a estes profissionais, tente conversar e veja se o leva ao menos no hospital, sob o pretexto de realizar alguns exames.

– Ele agora está coordenando o maior contrato da empresa em que trabalha, a M.S. Sei bem que não abrirá brechas para levá-lo a um hospital.

– Então, mantenha a calma, amiga. Logo uma saída se apresentará. Se para nós já é algo bastante confuso, imagine para ele que está vivendo tudo isso.

– Deve ser incômodo mesmo. Mas não parece incomodá-lo a ponto de preocupar-se com um tratamento. Neste momento sou eu quem mais está atormentada com a situação.

– Entendo, estou aqui para o que precisar... Conte como foi a viagem para a casa de seus pais.

– Tirando vários acontecimentos, correu tudo bem.

– Seus pais estranharam o comportamento de Vilts? O que houve?

– Minha mãe estranhou bastante. Meu pai também, mas soube levar o acontecido e em muitas horas até acreditou nas histórias de Vilts. Não quero falar sobre isso agora.

– Converse com ele, Lauriny. Este é o melhor caminho.

– Vou tentar fazer isso com mais frequência. Semana que vem ele estará em viagem para Hamburgo e, diante de tudo isso, mais ansiedade será gerada. Talvez toda essa maratona de trabalho esteja encaixotando a causa disso tudo.

– Torço pra que seja isso.

– Eu irei, Martina. Obrigada por ouvir-me. Outro dia passo por aqui para conversarmos outras coisas que não lamúrias.

– Estou aqui, amiga. Venha com ou sem lamúrias.

– Até mais.

(...)

– Boa tarde, Rober Vilts.

– Olá, Tom, boa tarde. Aconteceu algo?

– Tudo está no caminho certo, Rober. Quero apenas encontrar-lhe para fechar detalhes de sua passagem aérea e acrescentar algumas opiniões à sua apresentação em Hamburgo. Tem disponibilidade para um encontro fora do trabalho?

– Claro, chefe! Quanto à essência da apresentação, não diferirá daquilo que foi feito no encontro de Munique.

– Quero falar mais sobre isso. Podemos nos encontrar no restaurante Bierberbau hoje à noite. Estarei lá com minha esposa Susy. Conversaremos sobre os detalhes de sua apresentação e você também poderá levar sua esposa para nos fazer companhia. Susy acha péssima a ideia de levar trabalho para os restaurantes que frequentamos, porém essa conversa será mais pessoal e não quero tê-la no âmbito da empresa.

– Estarei lá, Tom. A que horas nos encontramos?

– Às oito e meia da noite.

– Tudo bem. Lauriny certamente não poderá acompanhar-nos, pois ela está indisposta hoje.

– O que aconteceu?

– Nada de diferente, mas somente eu irei ao restaurante. A não ser que possamos ir amanhã após o trabalho, o que acha?

– Não, Rober. Amanhã viajo a Hamburgo! É por isso que quero acertar os detalhes de sua apresentação antes que nos encontremos por lá.

– Desculpe-me, Tom. Esqueci por completo. Pensei que todos nós iríamos juntos na semana que vem.

– Como diretor da M.S, preciso viajar antecipadamente para sanar eventuais imprevistos.

– Certamente. Nos vemos hoje à noite no Bierberbau.

(...)

– Lauriny, já chegou?

– Sim, Vilts. Eu estava na casa...

– Estou indo ao Bierberbau jantar com Tom e a esposa dele, Susy. Tom quer conversar sobre detalhes de minha apresentação em Hamburgo e, como viajará amanhã cedo, não poderemos fazer isso no trabalho, ele então preferiu o restaurante para esta conversa.

– Mantenha o telefone ligado. A chuva que se anuncia é grande. Como você está?

– Muito bem, Lauriny. Trouxe comida do mercado e como irei ao restaurante não poderemos comer juntos. Seria ótimo se pudesse me acompanhar esta noite, mas sei que não suporta a mulher de Tom e lhe poupei de antemão o contato.

– Quem suporta Susy nesta terra? Acredito que só os empregados dela. Poucas vezes deparei-me com pessoa tão fútil em vida.

– Tom não compartilha de sua opinião e, aliás, acredita que vocês dão-se muito bem, tal como amigas confidentes. Como sabe, eu também não sou muito afeito a ela, porém trata-se da mulher do chefe e é sempre bom ponderar os sentimentos nestes casos.

– Boa sorte, Vilts. Aproveite o jantar com a mulher do chefe e procure não afetar-se com a fonte de sapiência que Susy é.

– Você está sendo irônica, Lauriny? São raros esses momentos.

– Pelo visto a ironia é marca em nosso casamento, Vilts.

– Dizem mesmo que casamento é isso. Apropriar-se paulatinamente dos trejeitos do outro.

– No fim a culpa é sua, Vilts. Conforme-se.

– Farei isso. Até mais, Lauriny, chego por volta das onze da noite.

– Até mais, Rober.



Comédia de um Só Riso

- Boa noite, senhora Susy, boa noite, Tom.
- Boa noite senhora e senhores, eis as opções de entrada de nosso restaurante. Posso oferecer-lhes o vinho da casa enquanto escolhem?
- Sim, gostaríamos.
- A mim, não.
- O que deseja beber, senhora?
- Quando decidir, comunico. Por favor, iniciaremos uma conversa e você já pode se ausentar.
- Desculpe-me, senhora. Estou às ordens para quando precisarem.
- Este restaurante é muito conceituado para uma conversa curta, não acha Tom? Assim me levará à falência e, sendo você meu chefe, seu papel é o de: se não enriquecer-me ao menos não expropriar-me.
- Vejo que está de bom humor hoje, Rober. Melhor assim, pois as conversas sobre trabalho são sempre muito sérias. Quanto ao restaurante, a escolha foi de Susy. Hoje estamos fazendo 14 anos de casados e o restaurante foi opção dela.
- Como pode me chamar para falar de trabalho em pleno aniversário de casamento? Sinto-me péssimo agora.
- Poupe o constrangimento, Rober. Susy não se importa sabendo que estamos prestes a ascender a outro patamar na empresa e isso nos é igualmente importante.
- Não se preocupe, Rober Vilts. Como bem disse Tom, todos estamos fixados na expectativa que esse contrato criou. Entendo que seu constrangimento deva-se muito mais ao local para o qual o convidamos para jantar. Sei que não é acostumado a lugares finos, contudo, você é nosso convidado e não há motivos para preocupação.
- Devo, neste caso, agradecer então pela oportunidade de estar em tão fino restaurante, senhora Susy.
- E sua esposa, por que não veio estar conosco? Comentava com Tom antes de sua chegada que Lauriny é uma bela mulher em um invólucro muito mal escolhido. Como estilista, poderia facilmente transmitir a ela a cultura elevada de que sua esposa carece.
- Ela comentou comigo a tamanha tristeza que senti por não poder estar aqui hoje. Seria de grande valia que minha esposa pudesse apreender toda sua cultura de moda e estilo.

– ‘Toda’ seria exagero, querido. A totalidade do mundo da moda requer muito mais do que se possa imaginar. Está ligada ao berço e isso é impossível de transmitir.

– Susy, Vilts, temos que falar sobre Hamburgo.

– Claro, Tom. Estou ansioso para saber o que tem a dizer-me... Antes preciso ir a um banheiro.

– O que há, Rober? Parece estar suando...

– Acho que estacionei longe demais e tive de andar além da conta. Dê-me somente um minuto e já volto.

– Claro, Rober. Fique à vontade.

– Você deveria dar a seus funcionários mais oportunidades como esta, Tom. Não vê que Rober está emocionado porque o trouxemos num dos restaurantes mais conceituados de Berlim? Novas experiências sempre nos deixam atordoados.

– Um restaurante seria a causa de tanta comoção em um adulto, Susy? Difícil crer, mas torço para que seja isso. Ele não parecia estar bem.

– Você pouco conhece sobre as pessoas, Tom... Ele está retornando.

– Sim, Rober, sente-se para ver as quatro propostas que tenho para acoplar em sua apresentação e... Do que está rindo? Algo engraçado?

– Quadros, Tom, os quadros deste lugar são hilariantes!

– Contemplá-los seria a melhor palavra, Vilts. Encontrar graça nisso é quase absurdo. Por exemplo, este quadro atrás de nós pertence a Max Lieberman e mamãe mantém a obra original em nossa sala de estar. Já este outro refere-se à obra de...

– Desculpe-me, senhora Susy, mas, enquanto eu mijava, levantei o olhar de repente e deparei-me com quadros engraçadíssimos dentro do banheiro. Perdi até o controle e estou todo molhado, soltei as mãos e meu pênis começou a girar como uma hélice de jardinagem.

– Quanta grosseria, Rober Vilts! Entendi mal ou está mesmo a dizer tamanhos absurdos?

– Qual o motivo desta risada contínua, Rober? Você está sendo extremamente indelicado com minha esposa.

– Desculpem-me, amigos, só falei o que aconteceu e só não posso provar porque estou de calça escura, por sorte. Senão, veriam que falo a verdade.

– Que ridículo isso, Tom. É esse tipo de funcionário que fará sua empresa progredir?

– Senhora Susy, não fique tão emotiva. Lembrei-me da senhora no banheiro e alerto que no fundo a culpa é toda sua e explicarei o porquê: quando cheguei ao banheiro e dei início ao serviço que relatei há pouco... Vou tentar escolher as palavras para que não briguem comigo, pois estão parecendo zangados, então eu...

– Pare por aí, Vilts!

– Não o interrompa, Susy. Vilts está se mostrando e quero ver até onde ele vai com essa história.

– Mas, Tom...

– Diga, Rober Vilts, estamos a seu dispor. Conte o que mais ocorreu no banheiro.

– Então continuarei. Quando estava me aliviando, posso dizer assim? Aliviando?

– Claro, Vilts. Vejo que o que relata é engraçado demais para que possa parar agora ou escolher palavras. Diga o que quiser e, por favor, continue.

– Levantei a cabeça e avistei quadros de uma artista que é reconhecida por misturar a figura humana com a figura de outros animais em seus quadros. De cabeça em riste dei de cara com o quadro de uma mulher metade humana metade cachorro. Era uma mulher loira com um laço rosa amarrado no meio da cabeça, assim como fazem com a cadelinha poodle. Ela exibia um sorriso de canto de boca, espumando e com raiva, pronta para morder, o nariz dividido, metade limpo e a outra metade do focinho completamente sujo. Parece que estava rosnando para quem utiliza aquele vaso sanitário e o que mais chama atenção e quase me mata de rir é que esse poodle-mulher é a cópia da senhora Suzy.

– O que disse, rapaz?

– Seria indelicado levá-la ao banheiro masculino para ver o quadro, senhora Suzy, só mesmo vendo para acreditar. Vendo a senhora, já nem sei mais se é o próprio poodle a falar comigo, tamanha semelhança. E os outros quadros: uma barata humana, uma foca magra, mamíferos em forma de gente, completamente iguais a...

– O que é isso, senhor? Não toleramos este comportamento nesta casa.

– Chamem os seguranças.

– Larguem meu marido! Larguem Tom ou mandaremos fechar este lugar ridículo. Esse foi o homem que nos destratou. Larguem o meu marido agora!

– Ele vai matá-lo, senhora!

– Pois que mate, mate esse idiota!

– Senhor Tom, teremos de chamar a polícia caso não se retire imediatamente deste local. São clientes antigos e daremos a possibilidade de irem embora antes de acionarmos as autoridades. O homem que o senhor agrediu com a garrafa está sangrando e desacordado no meio do restaurante lotado. Acalme-se e vá embora.

– Vamos, Tom, já chega. Esse imbecil teve bem o que merecia. Não chamem a polícia, não queremos nosso nome envolvido em tamanho vexame.

– Os clientes já devem ter chamado, senhora. Chamaremos uma ambulância, pois é disso que ele precisa agora. Os senhores podem dar um contato de alguém da família.

– Pegue o celular dele, o nome da esposa é Lauriny. Contatem-na para remover este idiota.

- Ligaremos para ela.
- Ligue o carro, Tom. Vamos embora deste lugar.

(...)

–Começo a ter preocupações, Susy... E se algo mais sério aconteceu com Rober?

–Pouco nos importa, Tom. Sério foi o que ele falou à sua esposa e sua atitude, embora deselegante para nossos padrões, foi acertada diante da situação. Fez muito bem em revidar aquelas palavras grosseiras.

–Ele ficou desacordado, acho que exagerei.

–Você agiu em defesa própria, Tom.

–Defendi-me, Susy? Ele não atacou.

–Sim! Defendeu-se dos absurdos que ele proferiu à sua mulher. Ridículo ter ouvido tudo aquilo, muito natural sua atitude e eu mesma estava em vias de executá-la.

–Muito estranho, além de ridículo. Rober Vilts deve estar pretendendo alguma coisa com tudo isso que fez hoje naquele restaurante. É preciso descobrir.

–Gente baixa, Tom. São como cobras ardilosas, o nível de suas cabeças rasteja no mesmo nível do caráter que elas têm.

–Paremos com metáforas animais essa noite, Susy. Já tivemos o suficiente.

(...)

–Alô. Senhora Lauriny é quem fala?

–Sim. Ela.

–Somos do restaurante Bierberbau e acionamos uma ambulância que conduzirá o senhor Rober Vilts para o hospital de Berlim, a senhora o conhece?

–É meu marido! O que aconteceu?

–Ele está inconsciente. Envolveu-se numa briga e está com um ferimento na cabeça, sugiro que a senhora dirija-se ao hospital Berlin para obter mais detalhes. Isto é tudo o que sabemos.

–Estou a caminho. Obrigada por avisar.

(...)

–Procuro o paciente Rober Vilts, ele está aqui?

–Um momento. O que a senhora é dele?

–Esposa. Aqui está minha identificação.

–Ele está na ala de número três. Quer que a mediquem, senhora? A senhora está muito nervosa.

–Não, quero saber em que local está a ala três?

- Chamarei um médico para acompanhá-la.
- Obrigada.
- Boa noite. Seu marido passa bem e está em observação devido a uma forte pancada na cabeça. Ele está consciente e fora de maiores preocupações. Manteremos apenas vigilância durante a noite. Pode entrar, ele está na cama. Uma enfermeira está de plantão e me disponho ao que for necessário.
- Obrigada... Vilts, o que você fez?
- Calma, Lauriny, sem chorar, por favor. Minha cabeça está doendo muito e terei de conversar lentamente.
- Diga o que aconteceu.
- Falarei, pois preciso falar... Ainda estou atordoado pelo que aconteceu no restaurante.
- Onde está o Tom? Deixou você assim, dessa maneira? Por que não te socorreu? Houve um assalto? Ele está bem?
- Lauriny, Tom não está aqui porque foi ele quem me deu com a garrafa na cabeça.
- Verdade? Por que Tom fez isso?
- Fez o que muitos fariam nesta situação. Aconteceu novamente! Enquanto conversávamos, Susy, como de costume, pôs-se a falar das futilidades do cotidiano e tudo estava absolutamente normal. Aos poucos, fui sentindo que algo estava errado e uma vontade de rir tomou conta de todo o meu corpo. Estava segurando para não dar uma gargalhada exagerada e de tanto tentar conter o riso comecei a suar a testa e avermelhar por inteiro.
- O que era tão engraçado e por que não consegui se controlar?
- Tentei me controlar, Lauriny. Pedi licença e fui ao banheiro e por lá, juro a você que já era outra pessoa que se olhava no espelho. O banheiro expunha muitas obras na parede e todas com faces divididas. Um rosto metade coelho metade humano, metade porco metade humano e vários outros.
- Estranha exposição para um banheiro...
- Também concordo. O problema foi que não contive o riso ao ver que uma cadela parecia com Susy nas duas faces de que o quadro era composto, interrompi a urina imediatamente na empolgação de contar isso a ela.
- Você contou isso para Susy? Que havia no banheiro uma cadela parecida com ela?
- Não só isso, praticamente ‘zoologizei’ todo o rosto de Susy. Descrevi com detalhes a semelhança dela à cadela poodle que tinha visto, fui extremamente grosso e indelicado. Nessa hora, já sem controle nenhum do que dizia, achava tudo absurdamente hilário e não estava entendendo por que ninguém acompanhava minha risada. Tom, depois de muito ouvir-me, disparou com a primeira garrafa que estava ao alcance da mão e me agrediu de forma impulsiva, evitando assim mais animais e mais

comparações à sua esposa. E esse foi o resultado dessa noite insana de comédia.

– Comédia de um riso só, Vilts. Ninguém teve motivos pra risadas. Foi grosseira e machista sua comparação. O que posso te dizer?

– Gostaria de saber também, Lauriny. Por que estou aniquilando toda conquista que se aproxima. Estava num jantar trivial a fim de discutir o fechamento de minha apresentação e de tudo o que a M.S. conquistou com minha ajuda nesses anos. E agora estou aqui neste hospital contando a você mais um absurdo feito e provido de uma dor que mais parece a dor do ridículo, estou com vergonha de Tom.

– Senhora Lauriny, Rober Vilts precisa ser conduzido à sala de mapeamento para averiguar se ocorreram lesões mais graves do que as externamente detectadas.

Aguarde na sala de espera, por favor.

– Comunique-me quando ele retornar ao quarto.

– A enfermeira assim o fará.

– Vou procurar algo para comer, Vilts, esse exame já irá liberá-lo para casa.

– Estou bem melhor e quero ir à casa de Tom antes que ele viaje amanhã cedo, ainda terei tempo para conversamos.

– Enlouqueceu, Rober? Além de não estar de posse dos resultados dos exames que você nem sequer fez ainda quer estender a desavença com Tom?

– O que fazer então, Lauriny?

– Posso ligar para Tom...

– Agradeço se puder fazer isso por mim, porém, só não diga que tudo o que aconteceu partiu de minha insanidade presente, não diga que estou louco, ainda que você mesma esteja pensando dessa forma.

– Você não está louco, Rober, mas o que é possível dizer? Convenhamos: o que fez dá-me o direito de falar a ele que ao menos diferente você está.

– Trocando os adjetivos já me causa conforto. Ligue do seu telefone, pois ele não irá atender se identificar meu número.

– Quem fala?

– Boa noite, Susy. Mil perdões pela ligação a esta hora da noite. É Lauriny, como vai?

– O que quer? Realmente a hora da ligação mostra o quanto vocês são inoportunos e vulgares. Seu marido não possui a mínima noção de convivência entre seres humanos.

– Suzy, entendo o calor do momento, Vilts contou todo o infeliz ocorrido, além de hospitalizado ele está bastante triste, ligo para pedir desculpas e quero que me deixe falar com Tom.

– Tom! Pegue o telefone. Cansei dessa gente!

– Diga, Lauriny, seja breve nas justificativas para o comportamento de seu marido. Está tarde e tenho de dormir.

–Boa noite, Tom. Estou no hospital com Vilts e ele recobrou a consciência há pouco tempo.

–Irá processar-me?

–Liguei sem intenção de ameaça, Tom. Apesar de ver o que fez com meu marido. Não tenho pretensão de justificar-me por ele em demasia e o que direi a você é sincero e requer que afaste por um instante a rudeza do fato desta noite.

–Muito mais do que rudeza, Lauriny, fuja da minoração.

– Pois bem, Tom, quero apenas que pense comigo o quanto foi estranho como Vilts agiu esta noite e tenha dito tudo o que disse a vocês. Sendo o chefe e convivendo com ele todos esses anos, concordará comigo que nunca viu Rober emitir sequer algum comportamento parecido com o desta noite no restaurante.

–Nisso posso concordar. O fato, porém, é que deva existir alguma mágoa de Rober guardada para comigo e já que você estava ausente não pôde perceber o semblante de alegria no seu marido enquanto ele denegria minha esposa. Parecia outra pessoa de tão contente que ficou. Diante de tudo o que hoje aconteceu, quero que Rober Vilts seja afastado em definitivo de nosso convívio. O recado foi dado e soou de modo claro. Vilts nunca gostou de minha esposa e sequer de mim, seu chefe.

–Tom, você está certo quando fala que Vilts parecia outra pessoa. Por telefone encontrarei dificuldade em explicar, mas faço só um pedido: acredite, sei o quanto pareço tola pedindo para creditar-me e o que posso no momento é dizer que o ocorrido no restaurante é só mais um incidente dos últimos meses. O que Vilts fez contigo também repetiu comigo e com minha família. Estou expondo sinceramente nossa intimidade para que saiba a gravidade da situação e tire a ideia de uma desavença pessoal entre Vilts, você e sua esposa. O que Vilts ganharia em fazer tudo isso justo agora que você proporcionou-lhe o melhor momento da carreira profissional dele?

–Também me pergunto.

–Por que ele jogaria tudo no lixo, Tom? Vilts está no hospital e ainda há pouco falava, indagava a si próprio como pôde dizer coisas tão absurdas a vocês. Ele também está assombrado com as próprias atitudes e é isso que nos tira o sono ultimamente. Como lhe disse, para além das desculpas, minha ligação serve para colocá-lo a par da situação. Pense na punição que irá oferecer a Vilts, pois algo mais sério pode acontecer se afastá-lo da M.S.

–O que pode ser mais sério?

–Não sei, Tom. Não o sei... Estou tentando ajudar Vilts e mesmo brigando muito da maneira em que estamos ele não quer procurar ajuda.

–Lauriny, pela amizade que tive com Rober Vilts e por suas palavras que parecem sinceras, diga a Vilts que não vou demiti-lo, contudo a viagem para Hamburgo está cancelada para ele. Não posso correr o risco de Rober Vilts exibir seu modo diferente de ser diante do maior contrato de nossas

vidas. Irei para Hamburgo amanhã e semana que vem, outro irá no lugar dele, terão então duas semanas para resolverem seus problemas pessoais.

– Agradeço, Tom. Sei que será um choque para Vilts não mais poder participar deste projeto que tanto ajudou a conquistar, mas acredito que o desejo dele agora é que você o compreendesse minimamente.

– Ainda não compreendi, Lauriny, o que estou fazendo é aceitar seu pedido e acreditar que tudo isso terá uma explicação. Preciso dormir, logo cedo terei o voo.

– Boa viagem, Tom.

– Boa noite, Lauriny.

(...)

– Senhora Lauriny, caso queira, dispomos de cobertor na recepção.

– Obrigada, doutor. Como Vilts está?

– Amanhã cedo já poderá acompanhá-lo para casa após a observação. Tudo correu bem nos exames e ele está dormindo.

– Obrigada.



Cicatrizes Internas

- Cuidado com a cabeça, consegue abaixar-se mais?
- Ainda estou sonolento por conta de tantos medicamentos. Vou descansar, mas antes preciso ir com urgência à M.S e ligar de lá para Tom.
- Conversamos em casa, Vilts. Descanse um pouco e esqueça-se de ir à M.S. desse jeito.
- Poderemos ligar para Tom quando chegarmos em nossa casa.
- Já conversei com Tom, Vilts. Você pediu isso ontem à noite, não se lembra?
- Lembro-me, mas já estamos chegando em casa e você nada falou sobre isso. Conversou com ele?
- Conversamos sobre isso em casa.
- Diga logo, Lauriny, pare com isso!
- Sua viagem a Hamburgo foi cancelada e fique feliz ao saber, pois este foi o menor dos males. Ao telefone você chegou mesmo a ser demitido e seria afastado definitivamente da M.S.
- Demitir? Dei tudo o que tinha para viabilizar o que a M.S hoje se tornou. Tom é o chefe por convenção, uma vez que possui o mesmo peso de muitos de nós para a empresa, ele não pode descartar todo meu trabalho baseando-se apenas em meu momento de loucura.
- É preciso agradecer, Vilts, pois Tom não o demitiu e está convicto que sua atitude no restaurante, além de loucura, foi uma jogada para desestabilizá-lo na M.S.
- Nunca pensei nisso, Lauriny, e nenhum sentido existe em desestabilizar alguém agindo eu mesmo como louco.
- Expliquei tudo a Tom e ele, conseguindo acalmar-se, ponderou dizendo que não o demitiria, no entanto, não poderia correr riscos na apresentação de Hamburgo.
- Devo ligar para Tom. Preciso falar com ele.
- Vilts, ele disse que nomearia outra pessoa para o seu lugar e certamente já o fez. Seja sensato e converse com Tom quando ele retornar. Neste momento, somente comprometerá ainda mais a relação de vocês.
- E quanto a Susy? Devo ao menos desculpas, não acha?
- Foi extrema a indelicadeza com que a tratou, mas ligar agora servirá apenas para que ela descarregue tudo o que está sentido e tente humilhá-lo, como lhe é típico. Ontem mesmo, ao telefone ela vociferou o

que quis antes de passar a ligação para Tom. Dei até boas risadas imaginando a cara dela diante de tudo o que você falou.

– A graça acabou, Lauriny.

– Desculpe-me, Vilts...

– Um momento. Alô, Gerrar?

– Sim, Rober, sou eu, o que está acontecendo? Tom nomeou-me para apresentar o projeto em seu lugar e não quis dar nenhuma explicação, disse apenas que foi você quem decidiu isso.

– Não tão simples assim, Gerrar, mas é verdade. Pode passar em minha casa hoje para conversarmos?

– Estou na M.S Chego aí em vinte minutos, pode adiantar o que aconteceu?

– Não, Gerrar, já estou chegando em casa e falaremos pessoalmente.

– Tudo bem.

(...)

– Como vai, Gerrar? E Loren, como está?

– Tudo certo, Lauriny, há tempos que tentamos combinar um jantar, mas a M.S vem consumindo a mim e a seu marido. Tenho fé que um dia jantaremos os quatro.

– Espero que sim. Vilts está na sala. Mande um abraço a Loren e desculpe-me por não poder estender a conversa. Estou de saída para o trabalho para resolver algumas questões mesmo estando em férias.

– Sei bem como funciona. Até logo, Lauriny.

– Até logo, Gerrar. Até logo, Vilts.

– Rober Vilts, meu caro amigo, vou direto ao ponto: que tipo de coisa é essa de não ir mais a Hamburgo? Está louco?

– Acertou em cheio, Gerrar, estou louco e inclusive Lauriny saiu para ir ao trabalho e evitar mais uma briga que teríamos porque não irei para hospitais.

– Loren define muitos lugares em que tenho de estar, fique tranquilo, não é uma exclusividade de sua relação.

– Gerrar, estou com alguns problemas e Hamburgo será impossível. Discuti com Tom ontem no restaurante e as consequências foram absurdas.

– O que houve na sua cabeça?

– O resultado da discussão com Tom.

– Vocês se atracaram?

– Participei da briga de um homem só. Tom deu-me com uma garrafa na cabeça após uma sucessão de barbaridades que falei para Susy.

– Nesse caso, Rober, deveria ter sido promovido por ter feito o que todo departamento da M.S sonha em fazer. Susy é absolutamente insuportável.

– Sim, Gerrar. Dessa vez fui além da conta e tanto ela como Tom tiveram razão de punir-me. Ando passando por difícil momento, e os

problemas se manifestaram no restaurante. A questão a ser pensada agora se refere à apresentação digitalizada. Quero que leve até mesmo os esboços de minha fala para que sirvam de complemento à sua apresentação, caso se interesse.

–E não vai dizer o que aconteceu para que não fosse mais a Hamburgo?

–Já lhe disse, Gerrar, as minúcias e os porquês nem mesmo eu os sei. Ando fazendo coisas estranhas, alheias à minha vontade. Sendo mais exato: tenho consciência do que venho fazendo, mas sem reconhecer pensamentos e atitudes como meus.

–Estranha conversa essa, Rober. Vejo que a preocupação de Lauriny para ajudá-lo é mais que legítima. Fosse você acataria o pedido de sua esposa, e com pressa. Nem mesmo consegue dizer o que tem.

–Você bem sabe o quanto lutei para conseguir este contrato. Seria uma enorme chance a desperdicei.

–Rober... O que lhe ocorre, ainda que não explique com detalhes, parece ser fruto de uma cansaço mental. É preciso que tome uma decisão e procure um profissional. O que mais se pode fazer? Descanse um pouco. Conheço alguns bons terapeutas que convivem conosco como amigos e podem dar alguma ajuda.

–Conversei com Lauriny e combinamos alguns dias para ficar longe de tudo. As férias dela estão acabando e tudo o que fizemos foi uma drástica visita à Baviera. Iremos a Frankfurt apenas para mudar os problemas de geografia e quem sabe relaxar um pouco em meio ao caos.

–Façam mesmo isso! Esse contrato mexeu com o imaginário de todos na M.S, e você e Tom estavam a cargo das maiores responsabilidades. É normal estarem estafados. Adianto que vou acrescentar seus esboços e seguir fielmente sua apresentação. Enfatizarei ainda que a apresentação a ser feita é fruto de seu trabalho e coube a mim representá-lo.

–De modo algum, Gerrar! A oportunidade se transferiu a você, e Tom confia que esta apresentação será a melhor já feita pela M.S. Começar dizendo que está representando alguém que nem sequer pôde comparecer somente diminuirá o crédito conquistado. A apresentação é sua agora. Diga a Tom que sinto muito por tudo o que aconteceu e que a apresentação será um grande sucesso nas mãos de vocês. Diga-lhe também que agradeço pelas semanas que ele me concedeu para uma folga e que voltaremos a conversar na sua chegada mais precisamente quando o contrato passar a vigorar definitivamente.

–Farei isso se assim o quer, Rober. Podemos aproveitar esse seu pequeno descanso para o jantar há muito prometido com nossas esposas. Conheço um restaurante muito bom no centro de Berlim: o Bierberbau.

–Dispensando absolutamente, Gerrar. Ir para restaurantes na atual situação é perigoso, acredite. Nesse que você citou é impossível até mesmo que eu passe em frente.

– Fica o convite. Descanse a cabeça por dentro e por fora, Rober. Tenho de ir para a M.S. e conversar com Sabine. Não pense que escapará de explicações sobre esta briga com Tom...

– Se possível, Gerrar, diga a todos que estou indo às pressas visitar parentes muito adoentados, invente algo caso Tom não tenha declarado publicamente o ocorrido.

– Na M.S ninguém sabe de sua ausência e como eu também não sei bem o real motivo de seu afastamento, direi que você se ausentou porque estava no velório de um parente quando, de repente, num intenso tiroteio morreram outros parentes no velório e os que não morreram estavam no hospital que explodiu logo após sua visita a eles.

– Vejo que com tamanha imaginação a apresentação de Hamburgo estará em boas mãos, Gerrar! Tente matar menos gente, é só o que lhe peço...

– Terei mesmo de sair sem que você me diga o que realmente aconteceu?

– No momento, sim, Gerrar, são muitas coisas e não consigo produzir uma só explicação, um dia conversaremos como amigos que somos e os pormenores serão explicados.

– Tudo bem, Rober, bons ventos a você!

– Obrigado, Gerrar. Tenho certeza que fará a melhor apresentação da empresa.

– Até mais.

(...)

– Olá, amiga. Você disse que eu poderia vir. Mesmo assim desculpe-me pela falta de aviso.

– Claro, Lauriny, o que houve?

– Mais uma complicada porção de coisas, Martina. Passei a noite no hospital e estou cada vez mais ...

– Calma. Vou buscar água para você.

– Tem alguém aqui? Fico constrangida em ser vista desta maneira.

– Estamos a sós. Fique tranquila.

– Estou empenhada para demonstrar calma, Martina, e olhando para você já desabo em lágrimas. Estou muito sensível, me desculpe.

– Chore ainda mais, Lauriny, quem sabe assim suas angústias se liberam pouco a pouco.

– Lembra do grande contrato que Vilts estava para fechar junto a M.S.?

– Claro, você havia dito que ele iria para Hamburgo por conta desse contrato, não é mesmo?

– Caso não colocasse tudo a perder seria essa sucessão de acontecimentos. No entanto, Vilts insultou a mulher de Tom, seu chefe, e

no final da noite tive de ampará-lo no hospital Berlim por causa da garrafada que ele levou na cabeça.

– Eles discutiram por conta da mulher? Você já disse algumas vezes que se trata de uma pessoa bem baixa, não é mesmo? Por que será que Vilts se irritou com ela?

– Ele nem sequer irritou-se com ela, Martina. Ao invés disso comparou-a com uma série de bichos estampados no banheiro do restaurante em que estavam. Afirmou a semelhança de Susy com uma cadela poodle.

– Nossa! É de se rir... Desculpe-me.

– Poderia ter-lhe acontecido coisa muito pior e ainda tive de implorar ao telefone para que Tom não o demitisse.

– E você, conseguiu?

– Consegui somente por conta da perplexidade de Tom ao se ver envolvido diante de tudo o que aconteceu.

– O que você disse a ele?

– Nada que faltasse à verdade. Como você sabe, Martina, não sabemos bem o que se passa com Vilts e o que pude dizer a Tom foi que tivesse paciência devido ao momento turbulento de Vilts para com todos. Inventar um falso motivo para as atitudes de meu marido seria uma forma direta de piorar as coisas.

– Ele ainda está resistente à procura de ajuda profissional?

– Apesar da resistência, um pouco menos, depois do que ocorreu no restaurante com Tom. Insistirei nesse assunto com ele.

– É necessário que faça isso, amiga. E lembre-se de que estou aqui para ajudá-la no que estiver ao meu alcance.

– Martina, me desculpe por ter vindo tão eufórica para vê-la. Em outro momento poderemos conversar um pouco mais. Estou com muita dor de cabeça e quero retornar. Gerrar, um amigo de Vilts, está em nossa casa e já deve estar indo embora. Voltarei para descansar um pouco.

– Vocês vão superar esta fase, Lauriny.

– Espero que sim.

– Venha quando puder, ou me ligue. Fico envergonhada de ligar para sua casa e conversarmos sobre Vilts. Ele estará por perto e pode chatear-se comigo.

– Ótimo que entenda, Martina. Deixe-me procurá-la, pois será melhor assim. Quando a normalidade retornar quero recebê-la em nossa casa. Por enquanto, receio que Vilts crie paranoias ao nos ver conversando na casa.

– Até mais, Lauriny.

(...)

– Bom dia, Lauriny. Vamos sair hoje?

– Como se sente, Vilts?

–Estou bem melhor e poderíamos sair um pouco hoje. Um restaurante cairia bem.

–Já está pronto para restaurantes?

–Quero acreditar que tudo voltará ao normal, Lauriny, e começarei por não esquivar-me da situação.

–Alegra-me que esteja com esta vontade. Mas hoje não poderemos ir a um restaurante, comprei bastante comida agora há pouco e a mesa já está posta faz tempo.

–Dormi tanto assim?

–Dormiu. Abra um vinho já que finalmente acordou.

–Teremos algo especial para comemorar?

–Nossos dias, apesar de difíceis, têm sido especiais, não acha?

–Estranhos, confusos, o que há de especial está no fato de estar comigo em todos eles.

–Casamos para viver muitos dias diferentes, Vilts, não quero findar esse companheirismo por conta de alguns estranhos dias.

–Então preciso te abraçar, e apenas agradecer por ficar comigo nesses tempos.

–Ficarei, Vilts, mas sem deixar de pedir empenho para lutar contra tudo o que está nos trazendo dor.

–Estou comprometido comigo e com você, Lauriny. Estes dias que passaremos fora daqui poderão ser bastante úteis para afastar de uma vez por todas essa tormenta passageira. Estávamos mesmo precisando de uma viagem sem compromissos, apenas para descanso e desfrute de nossa relação. Falando nisso, você pagou o hotel que reservei em Frankfurt?

–Não. Cancelei a reserva e não iremos mais para Frankfurt.

–Qual o motivo, Lauriny? Enlouqueceu também? Tínhamos mais do que acertado passar alguns dias fora depois de tudo o que me ocorreu e...

–Ouça, Vilts: quero ajudar você, a nós dois e a nosso casamento. Vamos viajar, sim, mas não vamos a Frankfurt e quero que confie em mim.

–Como é isso, Lauriny? Entrará em minha cabeça para entender o que se passa ou é de hospitais que estamos falando aqui?

–Chegou a hora de confiar mais em mim não só com palavras, Vilts. Amo muito você e não estamos falando de nada relacionado a clínicas e hospitais. Quero levá-lo a um lugar onde acredito que poderemos entender juntos o que está se passando contigo.

–É que lugar é esse?

–Gostaria de não ser forçada a falar. A oportunidade se perderá se eu contar tudo a você e isso faz parte da confiança que lhe peço. Acredito no que você me diz quando fala que todas essas histórias e seu estranho comportamento estão além do seu controle. O lugar em que levarei você servirá para que se expresse. Quem sabe possamos entender tudo isso que se passa?

–É certo de que não está me falando de psicólogos, psiquiatras ou algo do gênero?

–Nada disso, Vilts. Respeitarei sua vontade apesar de achar que esta seria uma via muito mais curta.

–Confiarei em você, Lauriny. Por vontade própria e por entender que não deixou muitas opções.

–Seja como for, acho que isso também é confiança. Vamos nos adiantar, pois temos que sair daqui a pouco por conta das reservas que fiz.

–Hoje? O lugar é distante?

–Algumas horas daqui, fique tranquilo. Leve pouca roupa, pois ficaremos poucos dias.

–Vou tomar um banho.

–Demore menos desta vez, pois temos de sair.

–Atenda ao telefone, Lauriny. Está tocando... Se for para mim, diga que retorno em dez minutos.

–Alô. Lauriny. Fiquei preocupada com você e acabei ligando, incomodo?

–Olá, Martina, fique despreocupada, foi bom ter ligado agora. Vilts está no banho e iremos a um hotel para descansar um pouco.

–Isto é ótimo, Lauriny, para onde irão?

–Um hotel nos arredores, mas depois conto os detalhes e conversamos com mais tempo uma outra hora, tudo bem?

–Mande notícias, Lauriny, beijos e boa viagem.

–Obrigada, Martina.

–Vilts... Está pronto?

–Sim, quem era ao telefone? Alguém da M.S.?

–Esqueça a M.S por um tempo, a fonte de sua apreensão está nesta empresa.

–Impossível esquecê-la, Lauriny. Somente posso tentar relaxar por uns dias e tomara que sua viagem inventada me proporcione a calma de que tanto necessito.

–Ficará tranquilo, Vilts, não se preocupe. Aproveite para exercitar sua calma e espere enquanto eu identifico o trajeto no celular. Quero saber se estamos indo na direção certa.

–Quase não saímos de casa e você já está errando o caminho? Acredito que nenhum de nós dois sabe para onde vai.

–Um minuto, Rober Vilts. Tenha calma. Trata-se de uma preocupação para certificar-me do caminho que conheço, mas não estou habituada.

(...)

– Recordo esse trecho que passamos há pouco. Quando tive aquele apagão ao volante lembro-me de passarmos por aqui e... Acho que descobri o destino dessa viagem!

– Já não mais é preciso, Vilts. Chegamos e a entrada é logo à frente.

– O café das ideias? É esse o nome deste café que viemos aquela vez? Mas por que me trouxe aqui?

– O porquê em absoluto eu não consigo lhe dizer. Segui apenas uma intuição e aproveitei que você disse ter se afeiçoado ao lugar. Senti seu desejo em voltar aqui e cá estamos.

– Iremos participar dos espetáculos feitos aí dentro?

– Que espetáculos, Vilts? Quanto drama! São apenas pessoas que contam suas histórias para outras. Recordar-se do que August nos disse?

– Quem é August?

– Foi quem nos explicou como funcionava este café na parada que tivemos aqui antes de sua reunião em Munique.

– Como lembraria do nome? Estranho você ter lembrado com tanta nitidez.

– Confesso que também não lembrava e nem sequer sei se ele nos disse, mas como liguei aqui para fazer reservas, agora sei bem o nome dele.

– Reservas para um café, Lauriny? Por qual motivo?

– O motivo são as histórias que serão contadas acerca de nossos objetos pessoais e estamos agendados.

– Estamos agendados? Estamos: sou eu e você?

– Quase isso. Estamos é um modo de falar, pois você é quem está agendado para apresentar-se. Trouxe conosco alguns objetos no portamalas e você terá apenas que contar as histórias vinculadas a eles.

– Isto é um pouco invasivo, Lauriny... Quais objetos trouxe?

– Esta é a segunda parte da surpresa, Vilts. Como são vários você poderá escolher sobre qual irá falar, e August, explicando-me as regras, disse que os novatos na casa têm permissão para contar a história de até três objetos.

– Por que estamos aqui, Lauriny? Essa é a surpresa?

– Você disse que confiaria em mim, Vilts, e a intenção de expô-lo nem passou por minha imaginação. Gostaria apenas de entender seu momento atual e talvez este espaço ajudará a explicar o que está acontecendo.

– Confio em você, Lauriny. Mesmo sem ver nexos em minha vinda a este lugar. Receio que contar histórias íntimas sobre objetos ligados a mim apenas abrirá portas perigosas e sem controle para que eu manifeste aquele modo estranho de agir.

– Por isso mesmo o trouxe aqui. Talvez esse estranho modo de agir apareça por aqui e se isso acontecer estarei por perto não mais para julgá-lo, e sim para ouvi-lo e tentar entender o que se passa. Percebi que para estar a seu lado neste momento devo suspender minhas cobranças sobre uma explicação que nem mesmo você tem. E quanto às outras pessoas que

o ouvirão, não se preocupe, pois quando ninguém o conhece toda história contada é a sua verdadeira. Não tenha medo e deixe sua mente agir.

– Agradeço as palavras, Lauriny. Vejo que está entendendo o que se passa comigo, mas como falar de minha vida para pessoas que nunca vi... Ainda tenho esse receio.

– Este pequeno café tem regras rígidas de respeito com quem compartilha suas histórias, Vilts. Eles enviaram um contrato impresso no qual temos de concordar em deixar as histórias contadas apenas no momento em que são relatadas. O momento vivido será único e diz respeito apenas a quem naquele espaço de tempo se encontra.

– Tive mais coragem na vida em outra época, Lauriny. Vou arriscar por mim e por nossa relação, caso fale coisas sem nexos, espero que me perdoe.

– Acharemos um nexo, Vilts. E, antes de tudo, estamos num café, procure relaxar!

– Fosse esse um café comum, estaria bem relaxado, naturalmente.

– Boa tarde, senhora Lauriny!

– Boa tarde, August, temos reservas feitas ao telefone.

– Claro. A mesa para a senhora e o senhor Rober Vilts já está reservada.

– Lembro-me de termos conversado quando da última vez que aqui estivemos de passagem rumo a Munique.

– Lembro-me igualmente de vocês, senhor Vilts. Sejam bem-vindos. Naquela ocasião expliquei o funcionamento da casa e alegre-nos que tenham retornado. Terão muito que nos contar.

– Veremos, pois estou aqui por causa de uma surpresa de Lauriny, minha esposa, e nem mesmo sei que objetos terei de decompor em histórias.

– Interessante. Será o primeiro a proceder desta maneira. Geralmente as pessoas sabem muito bem qual objeto irão apresentar para contar-nos as histórias a eles vinculadas.

– Já posso me adiantar? Vejo que existem muitas mesas neste lugar e antes que sejam preenchidas quero aproveitar a ausência de pessoas e apresentar o quanto antes.

– Entendo a euforia da primeira vez, senhor Vilts, mantenha-se calmo. Suas histórias serão respeitadas e guardadas neste lugar. Só começamos com a casa devidamente preenchida e pela ordem o senhor será o terceiro da noite a se apresentar. Começamos sempre de modo pontual e, enquanto isso, posso oferecer algo para beber?

– O que vai querer, Lauriny?

– Por enquanto, podemos tomar dois cafés e logo após decidiremos algo para comer.

– Fiquem à vontade e mais uma vez...

– Desculpe-me interrompê-lo, August, mas quem são as pessoas que costumam comparecer por aqui? Como sou novato tenho receio de expor questões pessoais para pessoas eventualmente conhecidas, entende?

– Seu receio é fator comum aos amigos que comparecem pela primeira vez. Este café se localiza numa casa e ao redor existe uma comunidade. Todos de certa forma se conhecem, mesmo que o grau de intimidade seja diferenciado. Como somos tão próximos poderíamos usar as histórias aqui contadas para denegrir, obter vantagens ou mesmo deturpar o livro que cada ser humano apresenta dentro de si. Não o fazemos, ao contrário. Nos emocionamos, rimos e assustamo-nos algumas vezes com as histórias aqui contadas. As pessoas que frequentam este lugar não são as melhores amigas que alguém pode ter nem mesmo inimigas em potencial, mas coadunam num ponto: todas entendem os motivos pelos quais frequentam este café e nunca sequer escrevemos tais motivos na parede ou no contrato. Cada qual tem um motivo particular para contar ao outro o que viu da vida retirando de si mesmo um pedaço de sua história e compartilhando para o mundo que o cerca. Por isso, sua história será ouvida e respeitada acima de tudo. Cabe apenas ao senhor pensar o que vai dizer ou mesmo dizer sem pensar. O motivo por detrás de suas palavras pertence a você assim como a vontade de compartilhá-las.

– Sinto mais conforto depois de suas palavras.

– Trarei o café em instantes.

– Obrigado.

– Quanta profundidade!

– Sim, Lauriny. Este café definitivamente perpassa os motivos meramente gustativos, ouvindo-o falar nota-se o amor que este sujeito tem para com o estabelecimento que criou. E eu que cheguei com mil questões circundando a cabeça e uma insegurança visível, estranhamente começo a sentir uma calma que não experimentava há semanas. Estou ansioso pela hora de falar.

– Inverteu a si mesmo?

– Boa definição. Inverti-me, foi isso. Minha ansiedade inicial recaía em não saber o que dizer e de porventura ser julgado.

– E agora?

– Agora estou como você está, Lauriny. Esperando ansiosamente para me ouvir falar, estranho que possa parecer também estou na expectativa sobre o que vou dizer neste café.

– Quando você contou aquela estranha história na casa de meus pais, você sabia o que estava dizendo?

– A resposta não é simples, Lauriny. Absolutamente. Aliás, como já disse, sabia, sim, como agora o sei. Seria capaz de contar aquela descabida história de modo detalhado repetidas vezes. Antes que se preocupe novamente reitero que tal história é um absurdo e ter estado na Cidade do Cabo é mera fantasia. Esta experiência, no entanto, está registrada até

mesmo nos odores que sinto e que fazem lembrar esta cidade na qual nunca estive.

–Será que, ao contar essa história novamente, você faria de forma diferente?

–O que falei na casa de seus pais não foi inventado, Lauriny, apesar de super fantasioso foi algo que vivi e está nítido em minha memória.

–Isto é que é difícil de entender, Vilts. Se você mesmo tem a certeza de que não passou por nada daquilo, como diz que pode ter vivido tal experiência?

–Voltamos à estaca zero, Lauriny. Sei bem, assim como sua razão também sabe que eu não vivi presencialmente nada daquilo. Caso eu me lembre de viagens que realmente fiz, como a do ano retrasado em que fomos à Suíça ou mesmo as viagens ao Brasil em minha infância, em nada consigo diferenciá-las na memória da viagem imaginada à Cidade do Cabo.

–Nossa viagem à Suíça é tão real quanto sua suposta ida à Cidade do Cabo?

–Como te disse, sinto até mesmo os odores dos lugares pelos quais não passei.

–Aqui estão os cafés da senhora Lauriny e do senhor Rober Vilts. Começaremos as apresentações em dez minutos.

–Estamos no aguardo, August. Obrigado.

–Espero que gostem.



O Café das Ideias

– Boa noite, queridos amigos! Como de costume estamos reunidos em mais um belíssimo encontro para compartilhar os fragmentos de nossa parceira chamada: vida. Certo que os presentes já puderam notar a presença de duas queridas novas pessoas e por isso o dia de hoje torna-se ainda mais especial. Naquela mesa estão nossos amigos de Berlim Lauriny e Rober Viltz. Rober irá compartilhar conosco suas histórias relacionadas aos objetos que lhe são caros. Solicito aos presentes que, por conta de nossas visitas, se apresentem antes de relatarmos suas experiências em nosso palco.

Começaremos com Gregor Heym, lembrando que cada participante conta uma só história relacionada ao objeto que escolheu e como Rober Viltz inaugura sua fala na casa terá direito ao relato de até três histórias relacionadas aos objetos. Obrigado.

– Boa noite aos presentes. Após a apresentação de August resta-me dar boas-vindas ao casal que nos visita e desejar que apreciem os encantos deste lugar. Meu nome é Gregor Heym e eu trouxe uma coleira!

Arrisco que o pensamento automático vindo à mente neste momento foi o de visualizar que por detrás desta coleira vermelha com um símbolo de cachorro gravado havia necessariamente um cachorro! Pois bem, era o que eu também desejei por longo tempo. Para inteirá-los do assunto começo contando que tivemos que adotar o 'Bier', nosso cachorro, por imposição de meus netos que clamavam a vinda de um animal. Bier foi criado sem muita rigidez e cercado de carinho. Imaginem como o cachorro foi provido de sorte ao ganhar um lar com avós velhinhos e super protetores de um lado, e netos que o mimavam de outro. Bier, mesmo em sua consciência de cão, entendeu logo sua privilegiada posição no mundo e tratou de fazer bom proveito disso. Aliás, o cachorro era tão esperto que, se aqui agora estivesse, estaria sentado à mesa tomando café e discordando de tudo que seria dito dele.

Bier foi crescendo vertiginosamente e sua falta de modos com as necessidades fisiológicas nos quintais alheios fez com que o coroássemos com este objeto vermelho arredondado: a coleira. No dia em que cheguei em casa com este objeto, o cachorro deu sumiço, ninguém o avistava. Minha mulher diz ainda hoje que minha invencionice ultrapassa os limites e que o cachorro sumiu naquele dia por uma mera coincidência, mas sei

que era mais do que isso... Eu bem sabia. Conhecia gente esperta daquele tipo e via naquele cachorro a mesma esperteza daquela gente.

No dia seguinte o animal apareceu. Todo enlameado como se tivesse transportado uma montanha de lugar patada a patada. Lá fui eu repreendê-lo e a contrapartida do cão foi a de pular em minha direção com a alegria canina que não deixa espaço para seriedade ou frívolas repressões. Assim como meus netos, Bier conhecia os caminhos para enternecer um coração senil... Não esmoreci por completo e mais uma vez mostrei a coleira para ele, que saiu em disparada atravessando as pernas de minha mulher e netos. Netos estes que, estando igualmente cômicos da necessidade de encoleirar Bier, tentavam, assim como eu e sem sucesso, vestir o colar canino no animal.

Passado certo tempo, meus netos, espertos que eram, resolveram agir de acordo com a inteligência do bicho brincando de encoleirar um ao outro sob os olhares vigilantes de Bier. Prestavam sinal de reverência inclinando-se, assim como um súdito faz ao rei, e depois se encoleiravam um ao outro, saindo assim para um pequeno passeio no quintal. Todo o ritual, repetido inúmeras vezes na frente do cachorro e meus netos a enfatizar o sorriso cada vez que a coleira se aproximava. Parecia loucura, mas com aquele cachorro só daria certo se louca fosse a atitude, pois não havia adestrador que lhe desse jeito nem mesmo um condicionamento pavloviano. Restava, assim, dar o exemplo para o cachorro-gente.

Dois dias se passaram até que Bier, dando sinal de felicidade com seu rabo tremulante, aproximou-se da brincadeira oferecendo o pescoço para ser encoleirado, tudo isso diante da pasma plateia formada por minha esposa e eu. Certíssimos estávamos na constatação de que aquele cachorro permitiu a coleira porque ela virou coroa e ele claramente sentia o reinado dentro de si. Muito rapidamente, porém, Bier entendeu o significado duplo do objeto coleira: comigo significava restrição, ter que freá-lo ante o ímpeto de fertilização a quintais alheios, vindo de meus netos, o significado da coleira ganhava a cor do prestígio real. Por esse motivo, Bier só passeava comigo se estivesse coroado previamente por meus netos. Uma vez encoleirado, pesava o traseiro no chão qual um elefante em descanso. Sem poder de luta, acatei os desígnios de vossa majestade: o cão. Submetendo-me assim à vaidade canina.

Costumeiros dias tornaram a passar e num desses permiti que meus netos me coroassem com a coleira de Bier. Queria eu também ser rei por um instante. Brinquei o jogo que eles faziam com o cachorro e por causa do cansaço e de minha idade avançada, logo fui alcançado pelo sono. Dormi um sono real, em meu quintal, sobre a grama, coroado por meus netos. Acordei lentamente ouvindo o barulho do portão, onde por ele entravam minha mulher e o cachorro, o vingativo cachorro. Tenho absoluta certeza de que o animal premeditou aquele momento. A ciência pode recriminar minha afirmação e me taxar de louco. No entanto, rebato dizendo que meu cachorro é frio, calculista e vingativo, quase um herói

americano. Bier, aproveitando-se do portão aberto, agarrou a ponta da coleira ajustando-a entre os fortes dentes e saiu em direção à rua a me puxar com toda a força que tinha. Foi um show geral, minha mulher aos gritos, os netos tentando nos alcançar e os vizinhos rolando na grama sob um riso incessante. Eu gritava: ‘Bier, chega, pare!’, mas o cachorro era forte e, a cada investida de força, lançava outra carga contrária de maior intensidade e para não cair na calçada tive de seguir o ritmo do cachorro expondo minha subserviência ao cão, casa por casa. Ao passar em frente aos quintais fertilizados, os comentários eram: ‘olhe, o Bier levando o Gregor para passear! Sempre soube que existia um quê de cão em você, Gregor!’

Finalmente uma alma com mais razão que um cão deteve Bier e ofegante pude livrar-me da coleira. Sim, era coleira... Naquele momento entendi muito bem a diferença entre coleira e coroa. O cachorro voltou em disparada para casa assim que cruzamos os olhares. Cheguei em casa aos berros, destituindo o cachorro daquela família, o que fez com que meus netos rompessem em lágrimas. Porém, já estava mais do que provado não se tratar de um ser qualquer. O cachorro sabia o segredo do vínculo entre passagem do tempo e a diminuição da ira humana. Voltou dois dias depois, sem ninguém saber-lhe o paradeiro, pulou diretamente em mim, lambeu-me por inteiro e abaixou sua cabeça em um claro sinal de reverência. Sem poder pronunciar palavras por sua condição canina, olhou nos meus olhos e disse: ‘você pode ser o rei, mas não me ponha uma coleira’.

Termina assim a história deste objeto meio coleira meio coroa! Obrigado.

(...)

– Sujeito engraçado este.

– Adorei a leveza da história. Será que isto foi verdade, Lauriny?

– Pelo visto sim, e contou tão bem que quase pude materializar o cachorro sentando à mesa assistindo-o.

– A próxima pessoa irá falar. Vamos ouvi-la.

– Senhoras e senhores, a segunda história desta noite será contada por nossa amiga Heidi Schneider. Apesar de nova em nosso convívio, nos passa a impressão de uma convivência muito prolongada. Pode dirigir-se ao palco, Heidi. Você já é da casa. Uma boa história para você!

– Obrigada, August. Boa noite aos presentes. Pela segunda vez, venho a este lugar especial e, como disse nosso anfitrião, sinto que cá estive por outros tempos. Não sei se este local precisa de minha presença, mas bem sei que eu já necessito estar aqui.

Quero saudar o casal em sua primeira estada no café, dando-lhes boas-vindas e compartilhando minha história sobre um objeto ao qual atribuo grandiosa admiração: uma caneta. Especificamente esta caneta de tinta preta, simples e arredondada, um objeto com fins infinitos.

Na mão de uma criança, rabisca o rosto, a própria língua e a de quem com a boca aberta estiver. A criança, de posse deste objeto, risca os braços, as pernas e o seu mundo. A caneta e a criança serão repreendidas ou ensinadas, como queira. O fato é que ambas terão de riscar agora somente o papel.

Não satisfeita em seu desejo de riscar o mundo, a criança risca o papel até a borda; a borda acaba e o tapete se torna a extensão do papel e lá se vai o ciclo interminável de criança e caneta riscando o mundo. Novamente alguém anuncia a existência de um espaço próprio para a expressão da caneta e da criança e, entendendo o recado, o pequeno ser faz algo que quase sempre o adulto explica apenas pela palavra rabisco.

Quando cresce, a criança traz consigo a incrível tarefa de colocar o mundo de outrora dentro do papel, distribuindo tinta nas mais variadas formas e jogando tapete, armário, amores e tartarugas para dentro das folhas de papel. Esta é minha caneta, não participou de minha infância, nem mesmo da adolescência, contudo representa todas as que não puderam estar aqui de tubo, tampa e tinta presentes.

Esta canetinha já tocou os olhos e corações de muita gente inclusive falando mais do que muita gente. Disse o que muitos nunca diriam, mas pensavam um dia dizer. Obviamente para ela é mais fácil falar o que bem entender, por certo, ninguém há de cobrar da caneta o que foi dito ou escrito. Cobrarão, sim, do ser a conduzi-la no papel. Garanto a vocês que muita coisa por mim escrita se deve à influência dela. Acreditam? Posso explicar: como é possível terminar de escrever e surpreender-se com algo imediatamente escrito? Garanto, senhoras e senhores, que isto é obra da caneta e sua autonomia invisível. Seu jeito de falar sem reticências e usar-me como bode expiatório... Sei, minha amiga, que nisto somos cúmplices e, se hoje estou aqui para apresentá-la diante do público, adianto que não intenciono repreendê-la, e sim homenagear a uma amiga.

Num certo dia de caminhada achei uma caneta no chão tratada como objeto frio e sem lugar. A minha estava na bolsa em um compartimento só dela. Fiquei então a consumir o tempo em tolos devaneios: quão grande é nossa capacidade de desprezar os seres mais importantes. Estendi o pensamento sobre o uso daquela caneta antes de estar ali a compor a paisagem do chão e, de tanto pensar, olhei para o mendigo e reparei a semelhança dele com a situação. Ali igualmente o mendigo, sem tampa, sem tubo, sem tinta e em situação pior que a da caneta. Quando enfim cessou o pensamento já me vi em um quarto na presença de minha caneta e de um papel. Acredito que pela primeira vez minha caneta contou a história de outra e por mais tinta que usasse não conseguia trazer nada mais além de impressões sobre a experiência que tinha presenciado. Também não conseguiu descrever o mendigo em tudo o que almejava e não haveria de conseguir, não era sua pretensão.

Pouco versei sobre a mulher por detrás da caneta apresentada esta noite. Mesmo assim, espero que vocês tenham me visto. É que hoje somos

uma só pessoa e se falo dela falo também de mim. Dou a ela letras cuneiformes e escrevo por horas na pretensão de amansá-la, porque sei que apesar de me querer muito bem, é notória a vontade dela de voltar para as mãos de uma criança que rabisca o mundo. Obrigada.

– Muitos aplausos a você, Heidi. Espero que traga mais vezes sua companheira de histórias para tomar café conosco.

– Trarei, August.

– Vejo pessoas nas mesas ali atrás interessadas em conhecer essa caneta.

– Sou ciumenta, mas posso apresentá-la a depender das intenções.

– Está certa! Muito obrigado, Heidi. Antes de chamar ao palco nosso amigo novato, Rober Vilts, convido a todos para um intervalo de dez minutos antes que Rober compartilhe suas histórias conosco. Aproveitem para saborear nossa variedade de cafés.

(...)

– Vilts?

– Sim, Lauriny?

– Sabe o que vai falar?

– Ainda não sei, mas estou calmo e alguma coisa será dita, eu espero.

– Esqueceu-se das regras do lugar? Você deve falar sobre um objeto e eu trouxe alguns deles pra você. Achei que esboçaria alguma curiosidade para saber quais são, no entanto, nem sequer perguntou-me sobre isso.

– Fiquei imerso nas histórias anteriores, Lauriny, e esqueci-me por completo dessa outra parte da surpresa que preparou. Quais objetos trouxe consigo?

– Aqui estão. Abra a mala!

– Quantas coisas velhas.

– Aqui: uma blusa do time de Hertha Berlim do ano de 1992, sua caneca personalizada pela cervejaria de Munique, alguns livros e outras miudezas. Basta escolher qual se encaixa melhor com alguma de suas histórias de vida.

– Nossa, Lauriny, com tudo isso aqui percebo o quanto realmente os objetos mais triviais trazem consigo uma trajetória. Não sei qual escolher...

– Senhor Rober Vilts, pode se apresentar no palco agora?

– Claro. Dê-me a mala, Lauriny. No palco escolho o que vai ser dito.

– Isso não será uma boa ideia, Vilts.

– Boa noite às pessoas presentes. Meu nome é Rober Vilts e antes de contar minhas histórias, se é que as tenho, quero contar antes, de forma breve, a história de como cheguei aqui. Conhecemos este lugar por acaso indo para casa dos pais de minha esposa que ali está sentada. A casa fica nos confins da Baviera e aqui paramos em decorrência de situações de viagem. Algum tempo se passou e com outras situações que se sucederam, minha esposa fez-me a surpresa do retorno a este lugar. Esta semana,

porém, eu deveria estar em Hamburgo em uma reunião da empresa que represento e não estar neste momento por lá até agora ainda é uma grande surpresa. Este lugar agrada-me muito e nem saberia explicar o porquê. Outra importante questão é que Lauriny, minha esposa, ao trazer-me de surpresa a este local, também me surpreendeu com os objetos. Vejam vocês então: as histórias que serão contadas aqui serão surpreendentes para nós três: Lauriny, vocês e eu mesmo.

Pois bem, temos aqui um tíquete de viagem para a Suíça, uma blusa, uma caneca e outros objetos. Creio que essa viagem para a Suíça ficará para outra ocasião, passei apuros estomacais durante dias e não quero começar uma história assim. Quanto a este livro... Olhando agora, tenho, sim, uma história para contar sobre ele! Apresento então a história deste livro que comigo foi deixado. A precisão de quando este objeto assentou-se em minhas mãos talvez não possa informar, mas, olhando para o rosto de cada um de vocês, sinto uma ponta de inveja neste momento. Pois todos que aqui estão passam o olhar sobre este objeto e veem um livro qualquer e um homem a segurá-lo. Parte daí minha sensação de inveja! Gostaria eu também de segurar este livro com tamanha displicência como se ele não tivesse significado algum, quem dera fosse ele apenas um aglomerado de páginas sucessivas. Ao contrário, este livro é puro significado e isso é tudo que ele possui. Quanto ao conteúdo destas páginas, confesso não ter nem mesmo a mínima ideia pelo fato de jamais tê-lo lido.

Quando minha mulher foi embora estávamos num embaraçoso momento de joio e trigo, dividindo de comum acordo os pertences, não por quantidade, e sim por intensidade de amor dispensada a cada objeto encontrado. Um porta-retratos do casal a sorrir e a estagnação da felicidade nele estampada ficou comigo por pena. Lembro em detalhes que, além deste livro que seguro diante de vocês, existiam também um urso de pelúcia e um arranjo de mesa que ficaram comigo na divisão dos bens, desta vez por lembrança, e a contragosto de minha ex-mulher.

Primeiro preciso relatar a vocês que, quando nos conhecemos e aos poucos nos apaixonamos, saímos a espalhar significados nas coisas recém-adquiridas. Fizemos assim com uma mesa, com as cadeiras da varanda, com nosso prato especial, com nossos animais e até mesmo com nossos filhos.

Ternura infantil existia nos olhos do meu amor. Era como o prazer infinito que se tem naquele momento da infância quando outro pequeno se junta-se a você para uma grande amizade. Era esta felicidade que eu tinha ao dividir tudo com ela, meu grande amor. Carregar as coisas de significado era o modo de inserir nossa vida em tudo o que nos cercava. Eu olhava para a rua em frente à nossa janela e lembrava-me dela, ela olhava para a rua através da janela aberta e lembrava-se de mim. Íamos encontrando modos de estar um com o outro mesmo em nossas ausências. Assim o fazíamos, não só por amor como também por necessidade. As viagens eram diversas e os desencontros duravam meses por conta da

rotina de trabalhos prolongados. A saudade era constante em meio a uma relação que sempre se renovava.

Fomos, aos poucos, não nos vendo mais, justo no momento em que mais nos víamos, meu amor havia parado de viajar por trabalho e eu fiz o mesmo, pensando que, cercado de sua presença incessante, viveria o amor que por ela tinha de forma aumentada. Dispensamos a necessidade de nos vermos nos objetos, nas ruas, nos enfeites de mesa, tínhamos agora de olhar um para o outro todos os dias, e isso pesou em nossas vidas juvenis. Retiramos os significados dos objetos ao redor e já não era mais necessário lembrar, com a ternura de antes, a mulher e o homem de agora. Ambos estavam ali dia após dia vivendo de cotidiano e não mais de saudade. A perda da saudade revelou a impossibilidade de sustentar tamanha presença um do outro. Eu precisava perdê-la para amá-la, e ela somente me tinha amor ao horizonte.

De todos os objetos aos quais empregamos significados, um, em especial, resumiu o que fora realmente nossa história. Ele está aqui na minha mão direita. Este livro era o único projeto inacabado que ainda nos unia, ele era o fio, a promessa que tínhamos feito um ao outro em momentos de ternura. Leríamos este livro algum dia, dizíamos, e deixamos para outro dia, e para outro dia, e para mais um, pois nosso amor urgente trilhava outras prioridades. O livro tornou-se a esperança ilusória de que, se o lêssemos juntos cumprindo então nossa promessa, retornaríamos àquele tempo em que um se embaraçava ao outro sem distinção.

Lemos juntos, com muito esforço, 20 páginas das 263 que compunham o romance. Já na sexta ou sétima página, percebemos que nem mesmo o mais volumoso dos livros seria capaz de restabelecer o elo entre nós perdido. Pelo contrário, quanto mais páginas iam se sucedendo tanto mais aumentava nossa distância. Então, este objeto em minha mão direita conta essa história e minha mão esquerda a complementa. Para quem não percebeu o que trago em minha mão esquerda, já que ela está vazia, explico sem rodeios que trago justamente isso: a ausência. Com ela, tinha enfim meu amor. Sem ela, tinha apenas o livro e a tentativa de reaver a pessoa que tanto amei. Quando não tínhamos um ao outro e paradoxalmente éramos tão próximos. Na mão direita segue o livro materializando minha saudade. Esta, enfim, é minha história ou ao menos a que pude recordar diante deste livro. Gostaria de pedir aos presentes uma pausa para tomar algo.

– Claro, senhor Rober Vilts. Terá o tempo que quiser, caso queira nos contar outras histórias. Estamos agradecidos por dividir questões tão íntimas conosco.

– Vilts?

– Um minuto, Lauriny. Preciso lavar o rosto.

– ... August! Estranho esse rapaz, não acha?

– Por que diz isso?

– Somente a mim estranha o fato de este sujeito trazer sua esposa e contar tão íntima história sobre outra mulher?

– Tem razão, mas ela mesmo o trouxe e pelo que se nota não parece incomodar-se com isso. Talvez a história se refira ao casamento dos dois.

– Não me parece.

– De qualquer forma, lembre-se que esta casa não é feita para julgar as histórias, somente ouvi-las.

– Os julgamentos são automáticos, August.

– Tente se conter, meu caro...

– Sente-se, Vilts.

– Desculpe-me, Lauriny. Parece que te expus aqui. Disse a você que a ideia não era boa e aconteceu novamente. Fui falando de forma automática, coisas que nunca vivi.

– Não estou constrangida, Vilts. E já que o trouxe aqui tratei de preparar-me para o que poderia acontecer.

– Acabo de contar a história de um casal em vias de separação enredados num sentimentalismo que nunca experimentei. Sigo mais uma vez assustado com tudo isso.

– Sei também que está curioso com o que vai dizer, portanto não se amedronte, tem duas histórias para contar. Você tem ideia do que virá?

– De modo algum, mas depois que contei essa história, seria capaz de repeti-la por completo tal como a que contei para seus pais. Depois que as conto, elas passam a me pertencer.

– Pois então fale o que necessita falar, Vilts, e juntos vamos tentar entender o que se passa com você.

– Deixe que eu tome este café antes.

– Fale para August que em dez minutos voltarei.

– Ele já entendeu.

– Sua compreensão muito me alenta, Lauriny. Por certo, nem mesmo eu sei o que será dito nesta noite. Quando se diz que um homem é surpreendente geralmente quem o diz é aquele que foi surpreendido e não o próprio homem...

– O que quer dizer, Vilts?

– Conversamos depois... August está acenando para que eu volte.

– Com licença, senhor Vilts. Irá continuar?

– Sim, August, espero não ter alongado demais meus dizeres.

– Não temos tempo predefinido, senhor Vilts, o público e suas expressões darão o retorno de que precisa para que avance ou retroceda tal como faz nas relações cotidianas. Cabe ao contador entender sua plateia.

– Nesse caso temos um problema, pois também sou eu plateia de minha história.

– Não entendo, como seria isto?

– Posso começar? Fique tranquilo, um dia talvez eu entenda, e te conte.

– Fique bastante à vontade, gostei muito de sua história sobre o livro.

(...)

–Esta camisa do Hertha Berlim faz referência a muitos que já sofreram por este time. Sei que essa história se repete com muitos e seria muito angustiante trazê-la aqui. Teremos o campeonato para fixar nossas angústias. Por ser um novato neste lugar e estar habituado às regras rígidas de nossa Alemanha fico receoso acerca de meus atos por aqui. Corro o risco de desagradar August, mas quero contar a história não de um objeto, e sim de algo que está na frente de vocês e é sobrecarregado de histórias: meu corpo. Precisamente, as cicatrizes que carrego comigo.

Este 'objeto' traz mais importância e a pequena mancha no pescoço diz que já fui um empregado recém-chegado e nervoso em uma empresa publicitária querendo ser apreciado pelo intenso labor. Tropecei em degraus que não conhecia plantados num piso e numa sala de igual desconhecimento, na qual bati o pescoço na quina da mesa de minha chefe que me conhecia há pouco mais de dois dias. Já algumas circunstâncias nos marcam a ferro e somente tenho vaga lembrança de um episódio envolvendo um ferro quente e minha face. Revisito agora a adolescência através de marcas causadas por inúmeros brincos em uma só orelha. Penso hoje que elas demonstravam para o mundo o descontentamento comigo mesmo. Os riscos de minha pele, cada um deles expressivos ou não, carregam um dizer, uma nota, um fato. Passagens, às vezes, que não deixaram marcas físicas nem por isso carecem de importância. Creio que se toda experiência nos deixasse marca física seríamos cicatrizes por excelência, talvez por isso exista um local onde se guarde todos os amores e dores de nosso mundo. Um local invisível para se guardar as cicatrizes internas e mesmo os riscos visíveis que apresentei a vocês possuem correlatos internos em um mundo interior.

Minha mais importante cicatriz decorre de uma queda alegre numa brincadeira de crianças. Estava no Brasil em uma de minhas férias lampejantes e gostaria de precisar-lhes o local. Digo, portanto, que somente a recordação já é capaz de encher minha boca e palavras de cores. O estado se chama Bahia e até hoje me lembro dele como se fosse toda uma imensa caixa de giz de cera. As cores vão perpassando desde o céu até o sol refletido nas belas peles das pessoas em sorrisos duradouros. Em minhas efêmeras estadas na Bahia, toda a exuberância de cores descrita era vista em grande parte pelo recorte da janela. Os olhos de meu pai, apesar de azuis como o singelo mar baiano, descoloriam minhas vontades com um só olhar. A vontade a que me refiro era do desfrute das brincadeiras gratuitas que se passavam naquelas ruas cheias de crianças e de cor.

Aprendi logo cedo o jogo da trama infantil e, agarrado ao vestido de minha mãe, comuniquei a reprimenda de meu pai para com meu desejo de rua. Sem dizer nada, ela, num gesto simples, abriu a porta e pude correr rumo às crianças que desfilavam cotidianamente por minha janela. Lembro-me de ter hesitado diante daquela liberdade. Era eu um cão criado

em apartamento, contente por um metro quadrado de quintal, isso por parte de pai e, por parte de mãe, talvez fosse eu um cão daqueles que dispõe o mundo como sala e por serem tão livres tornam-se partes conjugadas da paisagem.

As crianças pareciam ainda mais coloridas de perto e sem perceber estava eu fixado no meio do jogo. Não entendia o que estavam a dizer e só depois de muitos gestos compreendi que não poderia estar naquele local. O jogo chamava-se queimada e, nessa brincadeira, a bola é atravessada de um lado a outro tendo por objetivo acertar os jogadores do time contrário, queimando-os. Após dizer a única coisa que sabia ‘oi, tudo bem?’, fui aceito no jogo e larguei a tentativa de mais palavras em alemão. Comunicamo-nos pela linguagem do brincar, língua oficial e universal das crianças.

Meus pais se conheceram em rodas do teatro alemão e, pelo informado, consta que foram se apaixonando a cada espetáculo em que minha mãe era atriz em cena e meu pai um frequentador assíduo de sua peça. Minha mãe morou na Alemanha durante poucos anos até regressar ao Brasil, sua terra natal. Um ano após sua volta, foi convidada a encenar sua peça por seis cidades da Alemanha em decorrência da série teatral patrocinada pela empresa de automóveis de meu pai. Logo, as seis apresentações marcadas estenderam-se numa turnê bem mais completa que durou muitos anos e rodou vários países.

Minha pobreza vocabular diante das crianças da rua é justificada pelas regras implantadas pelo quartel general familiar de meu pai. Instituiu-se que meu contato com a língua portuguesa seria restrito, e decidido estava. O menino falaria alemão! O ‘Oi tudo bem?’ era uma das transgressões de minha mãe diante da família que literalmente lhe suprimia a língua. Esse conjuntinho de palavras foi mais que suficiente para colocar-me junto às crianças de minha admiração e ao jogo de queimada. Joguei, corri, brinquei, suei e, apesar da brancura, senti que o colorido do sol também se impregnava em minha pele. Com tanta energia contida acabei caindo ao chão, e, para evitar um acidente maior, apoiei o antebraço para amortecer a queda. Um garoto falou algo e não entendi; logo outro se pôs a falar e novamente não entendi e mais outro e outro, até que uma garotinha perguntou: ‘tudo bem?’ Senti com alegria que minha mãe havia dado a mim um presente quando me ensinou aquele pequeno conjunto de palavras. Pude então responder em alto e bom som: ‘tudo bem!’

Meu pai que, a contragosto, não pôde interferir em minha saída de casa olhou o ocorrido pela janela vindo de imediato recolher-me a mando de sua irmã, minha tia, que se hospedara em nossa casa baiana e tinha horror à liberdade infantil. Fui recolhido tal como objeto e apartado de meus potenciais amigos. Fui três vezes ao Brasil visitar parentes de minha mãe e, em todas essas viagens, o resumo que se apresentava era o mesmo: meu pai de mau humor a mando de sua família e minha mãe com eles chateada. Aquela brincadeira com as crianças foi um evento ímpar e não

mais ocorreu. Nas outras viagens, pouco se podia ver crianças e isso fazia com que mais atenção fosse voltada ao obscuro relacionamento da família.

Minha mãe compunha o lado doce de minha infância. Era ela o amor escancarado, amor sem medo. Tentei por muitas vezes desvelar o apreço que afirmavam conter na família de meu pai e dele próprio para comigo. Para descobrir o afeto escondido tive de perder o último traço de infância restante. Mamãe estava certa de que existia amor na família paterna, mas imperceptível para uma criança, se fazia necessário ser adulto para desvelar esse amor envolto em esparadrapos, tal como múmia desenrolada gradualmente faixa a faixa. Entendendo isso, transformei então a criança que era num adulto. Descobri logo cedo que as cores circundantes das férias brasileiras transportavam-se para a Alemanha na presença de minha mãe. Esta! A grande descoberta de minha infância, o colorido de minha infância estava nela e tenho o desejo de mostrar a todos vocês uma cicatriz ou mesmo um sinal qualquer passível de lhes explicar por que este ser tão bem representado em minha história pôde abandonar seu filho. Esta marca em meu antebraço no fim das contas resume como fui abandonado por aquela a quem mais amava e isto é tudo o que tenho para contar. Agradeço por ter sido ouvido com toda paciência por todos sobre uma história que mais parece um mito de Édipo freudianamente alongado para o mundo inteiro. Agradeço a August pela oportunidade.

– Agradeço ao senhor Vilts dizendo que foi um enorme prazer ouvi-lo esta noite e assim como sua alma nos foi aberta também ouvimos sua história recebendo-a com enorme carinho.

– Agradeço, August, e espero poder voltar uma vez mais para, quem sabe, devolver a surpresa à minha esposa Lauriny. Garanto que tem ela muito a nos contar.

– Todos nós temos, senhor Vilts, e sua esposa, Lauriny, foi convidada e estamos na expectativa dos relatos dela. Aviso antes do seu encerramento que não se esqueça do último relato a que tem direito nesta noite.

– Obrigado, August. Não disporei deste privilégio, pois sinto que esgotei o que deverei dizer por hoje. É-me suficiente.

– Como queira, senhor Vilts.

– Já pode anular o ‘senhor Vilts’. Conte coisas íntimas em seu café, coisas das quais nem mesmo eu sabia. E, se não somos amigos por longevidade, íntimos somos ao menos por confidências.

– Assim sendo, agradeço uma vez mais, Vilts, por ter-nos contado histórias que nem mesmo sabe... O que quer dizer com isso?

– Vilts, podemos ir? Agradeço, August, e espero vê-lo em outras ocasiões.

– Eu que agradeço, senhora Lauriny. Retornem!

– Retornaremos, August. Boa noite.

(...)

- Para onde iremos, Lauriny? Existem mais surpresas?
- Já foram muitas por hoje, Vilts, não acha?
- Acho, e também estou certo de que me trouxe ao café disposta a ouvir o que fosse dito, no entanto, parece chateada.
- Estou pensativa, Vilts. Arrastei você ao café para que juntos pudéssemos entender o que se passa com você e tudo o que você disse foi muito denso. Estou ainda desenlaçando os nós.
- Estou em igual confusão, Lauriny. Vamos para casa e conversaremos sobre tudo isso até desanuviar o que aconteceu.
- A madrugada logo chega, Vilts, e temos diária de um hotel aqui perto até o começo da tarde. Dirigir a esta hora não é boa ideia. Retornaremos amanhã.
- Melhor assim.



Anos em Semanas

– Lauriny, é impossível passar mais um dia neste hotel. Você disse que iríamos embora ontem e já quer agregar mais uma diária? Por que a insistência de ficar aqui e qual o motivo de não falar comigo?

– Estou falando, Vilts, e só acho que podemos aproveitar alguns dias a mais. É um bellissimo hotel.

– Acabaremos mal dessa forma, Lauriny. É notório que algo mudou em você desde que deixamos aquele café.

– Mudou, sim, Vilts. Achei que podia suportar, mas vejo que não sou tão compreensiva assim.

– Vejo que está evitando falar sobre as histórias que contei, mas você provocou tudo isso.

– Sei disso tudo. Lembre-se, porém, de que foi você quem as contou. Duas coisas me incomodam, aliás, uma só, e a outra talvez seja positiva. Quando levei você ao café achou que o ajudaria nesta fase tão confusa de sua vida, assim como nosso casamento seria beneficiado. O que me incomoda foi ter ouvido um total sentimento de angústia na história de como você perdeu uma mulher em sua vida, e essa mulher certamente não era eu. Sei que estou sendo egoísta, mas essa é a verdade.

– Está sendo injusta, Lauriny. Logo após o relato daquela história perguntei a você se não estava incomodada e a resposta foi um efusivo não.

– As coisas levam certo tempo para causar impacto, Vilts!

– Pois se estava incerta quanto às consequências, por que me levou àquele café? Por que seria benéfico para mim e para nosso casamento? Você não está sendo capaz de trocar uma só palavra que não se refira, mesmo que indiretamente, àquela noite.

– Justo por isso lhe pedi mais um dia neste hotel. Mesmo não sentindo firmeza para tocarmos neste assunto, é preciso dele falar e foi por isso que o trouxe para cá. Vou arcar com o que foi dito por você para tentarmos entender. Dê-me apenas um tempo.

– Caso sejam ciúmes o que está sentindo, não a condeno, Lauriny. Quem não o teria numa situação assim? A causa de minha revolta, se assim posso chamar, está no fato de tê-la magoado contando uma história que nunca aconteceu. Nunca fui casado antes de me casar com você e, conseqüentemente, não podia ter-me separado de algo que nunca tive, nunca desejei tal mulher e nem sequer desejei ler um livro com ela. Aquele

livro que você levou ao café e que suscitou tal história nunca foi lido por mim e nem fez parte de qualquer história minha.

– Acredito em você e sei do absurdo de sentir ciúmes de uma ex-esposa que jamais existiu e assim mesmo fiquei a vagar na cama em pensamentos tentando encaixar sua história em alguma realidade.

– Como?

– Fiquei procurando brechas sobre algum romance secreto que você tenha vivido e fiquei sem dormir só de pensar. Imaginei como pôde esconder isso tudo de mim antes de ficarmos juntos. Tentei inúmeras vezes racionalizar essa loucura infundada que estava alimentando. Sempre tivemos amigos em comum desde nossa adolescência, e por mais que não fôssemos ligados, sempre soube da sua vida e você da minha. Acho que por conhecer algumas de suas namoradas fiquei a imaginar com qual delas você poderia ter vivido tudo isso e, mesmo sem conseguir encaixar sua história do café com a vida real, muita dor sinto agora, como se tudo fosse verdade. Essa é a dor das palavras que foram ditas sejam elas verdades ou mentiras.

– Pensei que tínhamos um acordo, Lauriny, e me pus a falar o que vinha à mente. Eu relutei em começar aquela história e só o fiz diante da sua afirmação de que a usaríamos para tentar entender o que comigo se passa.

– E foi justamente isso que combinamos, meu amor. Desculpe-me por não conseguir evitar a dor mesmo sabendo que nada daquilo existiu.

– Existiu, sim, Lauriny.

– Como assim?

– Você precisa entender que não podemos mais brincar com isso. Todas essas histórias e este modo estranho e confuso com o qual ajo estão me modificando e não importa saber sobre a existência de uma mulher ou de uma viagem a Cidade do Cabo. Essas coisas carecendo de realidade fizeram minha oportunidade de Hamburgo ruir e meu relacionamento com você machucar a ambos. Portanto, isso existe e já me cansa repetir tantas vezes a mesma história. Irei procurar ajuda, vejo que estou perdendo meu próprio domínio.

– Estou ao seu lado, Vilts.

– Igualmente estou do seu. Quando iniciei o relato de minha primeira história no café, senti medo e quis recuar.

– Medo? Pois não percebi.

– Estava, e o medo surgiu quando notei que estava totalmente no controle daquela situação e diante da plena certeza de ter vivido cada palavra que era contada.

– Parece um caso de múltipla personalidade, Vilts. Será esse seu problema?

– Isso nem sequer existe, Lauriny. Pura besteira. Nunca lutei comigo mesmo e todos nós temos diferentes papéis em diferentes contextos, mas não se trata disso.

–Somos todos divididos, sim, Rober, e você não seria diferente, porém a proporção em que isso acontece com você talvez seja bem maior que o normal.

–As histórias que conto passam a fazer parte de minhas lembranças e as sinto como verdadeiras, Lauriny. Isso é o que acontece e não existe doença para isso, nem dupla, tripla ou quádrupla personalidade. As histórias passam da boca para a realidade, somente isso. Podemos ir para casa agora?

–Vamos arrumar as coisas, mas antes preciso dizer que fiquei curiosa acerca da segunda história que contou sobre sua mãe. Você quase nunca fala sobre ela e sempre evitou tal assunto. Aquilo pareceu ser real.

–Minha infância se passou daquela forma, Lauriny. Evidentemente, as lembranças de criança devem ter se distorcido ao longo do tempo, mas muito do que ali foi contado é fidedigno.

–Por exemplo?

–A dor do abandono.

–E você nunca quis saber o porquê, Vilts?

–Já o sei, todos me disseram: tios, tias, avós, meu pai.

–E essas pessoas eram das duas famílias?

–Não. Somente da família de meu pai.

–Então, logicamente, você só dispõe de um lado da sua história.

–E por que haveria outro lado tão importante? Duvido muito, minha família jamais falsearia algo assim e, além disso, toda a família de minha mãe e ela própria jamais nos contataram por todos esses anos. É realmente incômodo falar sobre isso e estranho o fato de tê-lo exposto para desconhecidos num café.

–Talvez seja porque, enfim, está pronto para falar sobre e já que se expôs para tantos desconhecidos poderia conversar comigo que sou sua esposa.

–Podemos terminar de arrumar as coisas? Conversamos no carro.

–Quer me contar isso dirigindo? Será melhor sentar no restaurante do hotel. É mais confortável.

–Chega desse hotel, Lauriny! Sentaremos em outro lugar, o importante é que saiba o que aconteceu.

–Tudo bem, talvez um dia retornemos a este hotel, mais precisamente no dia em que seu humor melhorar.

–Com ou sem humor, este hotel não me agrada e estranho me parece você ter gostado tanto dele. Aproveite seu encanto e pague as diárias a mais.

–Então você carregue todas as coisas para o carro enquanto isso.

–Fechado. Uma boa troca!

(...)

–Com quem estava ao telefone?

–Gerrar ligou para dizer que tudo corre bem e que terá de reapresentar o projeto para outra parte da comitiva governamental que não chegou a tempo. Terão que aguardar mais quatro dias até que seja possível reapresentá-la.

–E isso é preocupante? O contrato está ou não estabelecido?

–Talvez. Acho estranho o fato de pedirem este tempo para reapresentação do projeto, pois clamavam por urgência e agora estão envoltos de cautela. Começo a pensar que foi Tom quem pediu este tempo para modificar partes da apresentação que fiz.

–Acha mesmo que isso tem sentido, Vilts? Gerrar já apresentou uma vez e se assim fosse, nem mesmo isso teria sido feito.

–Verdade. À distância é sempre mais complicado tirar conclusões e certo receio me toma ao imaginar o que se passa na cabeça de Tom após todo aquele fato.

–O caminho é conversar com ele, pois confabular não parece a melhor solução.

–Confesso que estou estarrecido em ver como esse assunto perdeu grande parte da importância que o cercava. Quando saímos de casa para irmos rumo à sua surpresa, o assunto de Tom e da M.S me causava muita aflição. Parece que perdi o interesse em convencer Tom de que não sou o cretino que porventura se estabeleceu naquele dia do restaurante. Neste momento estou sem desejos de estar em Hamburgo e nem mesmo tenho arrependimentos passados.

–Devo ficar feliz por isso? Você está mudando muito repentinamente o que diz. É o que sente, Vilts?

–Apenas me invadiu um profundo sentimento de desinteresse por tudo isso, Lauriny. Se quando saímos da geografia de nossos problemas eles não nos abandonam, ao menos tiram férias conosco... Isso! Este é o caminho! Estamos em Roßlau, por que não estender esta viagem? Acho que ainda preciso tirar férias. Precisamos: eu e você. O que acha?

–Preciso organizar projetos de trabalho, Vilts. E por que não disse isso antes? Poderíamos ficar menos tempo no hotel.

–Só agora pensei nisso e no mais você jamais largaria facilmente as estadias daquele hotel.

–Que tal seguirmos pelo Rio Elba? Seria um ótimo passeio para nós.

–Tudo bem, acho que entendo o que pretende com este passeio. Parece saudade...

–Fico assustado quando você percebe tudo o que se passa, Lauriny. De fato este rio traz consigo muita saudade, cheira quase à infância. Vamos até Dresden, é uma bela rota.

–Passei por Dresden uma vez ainda muito nova e praticamente não recordo. Vamos juntos!

–Ótimo! Muito tempo se passou... Minha eterna cidade. Se tudo por lá estiver mudado farei um esforço para vê-la com a memória.

(...)

– Boa tarde. Apresentem este cartão em Meiben para o recolhimento do carro no Ferry Boat. Vocês estão na poltrona 7 e 8, ala A. Boa viagem.

– Obrigada.

– Estou com bastante fome, Lauriny. Vamos comer?

– Torça para encontrarmos o que comer neste barco, Vilts. Está bastante tarde.

– São tantos os turistas por aqui, que começo a me sentir como um.

– Compartilho seu sentimento e lembro-me de ter passado por aqui uma só vez ainda bem pequena acompanhando meus pais rumo a Praga.

– Tenho lembranças relacionadas a este lugar. Lembro que ainda guardo a nostalgia do último contato com minha mãe. Ela afirmava que retornaria dentro de semanas para irmos juntos ao Brasil. Disse isso chorando copiosamente enquanto nos dirigíamos rumo a Dresden.

– E você sabe o motivo do choro, Vilts?

– Imagino que pela culpa do que estava prestes a fazer. A partir dali, nunca mais nos vimos e quando choram ao meu lado inevitavelmente sinto arrepios pelo corpo.

– Parece que sua mãe estava hesitante em deixá-lo. O abandono, como assim você o chama, pelo visto não ocorreu de bom grado.

– Hesitava a olhos vistos, e tinha amor para comigo. Por isso a dor foi ainda mais aguda. Após a passagem do tempo, consigo olhar para além da tristeza e rever o fato de nunca mais tê-la visto com certa curiosidade. Sei o que aconteceu, porém precisaria ouvi-la uma vez mais para certificarme.

– O que falam sobre isso, Vilts? Ela não se afastou apenas de você.

– Todos chegaram a um acordo de que seria melhor para mim e meu pai a mudança de Dresden, assim nos afastaríamos da lembrança dela, e meu pai atenuaria a dor que sentiu em saber que ela estava com outro homem e que nos evitava por conta de sua nova relação afetiva. Ele disse que viajou por várias vezes à procura dela e nem mesmo os amigos de teatro tinham o rastro de sua nova vida. As viagens de meu pai tornaram-se uma fonte de alegria e decepção quando ele retornava e aparecia sozinho junto à porta. Mudamos para perto dali em Bautzen e as doloridas lembranças de carinho foram paulatinamente se enfraquecendo fomentadas com a ajuda dos familiares de meu pai que instituíram um index de assunto proibido na casa.

– E você nunca a buscou?

– Na adolescência surgiram dúvidas imensas sobre a verdade daquelas histórias e fiz minha última grande tentativa enquanto um amigo português de meu pai nos visitava. Ele havia conhecido minha mãe naquela época e afirmava com os olhos marejados não entender o porquê de Riesa sumir. Indaguei a Paulo insistentemente durante todos os dias em que ele esteve conosco tratando de contratos automobilísticos com meu pai. No

último dia de sua estada, Paulo perguntou se eu entendia português e pediu para que falássemos em tal língua enquanto jogávamos vídeo game na sala.

– Ele não falava alemão?

– Falava, e imediatamente compreendi que as palavras em português tinham a intenção de resguardar a conversa de minhas tias que odiavam qualquer menção a este idioma e taxativamente o proibiram em nosso meio. Meu pai evitava o uso do idioma desde a partida de Riesa usando apenas para casos comerciais na ausência de opções. Diziam minhas tias que preferiam mimica a português.

Paulo falaria algo que não podia ser ouvido por minhas tias e elas não entenderiam o idioma se o ouvissem, eu tampouco entendia, mas estava disposto a gravar atentamente as palavras e procurar pelos significados. O único que entendia o idioma, meu pai, estava fora da casa naquele dia. Paulo pediu que eu me esforçasse para respondê-lo em português e eu nem sequer conseguia lembrar perguntas simples. Ele disse que dificilmente Riesa me abandonaria e corriam rumores de que ela sempre esteve à minha procura. Minha euforia foi grandiosa e exigi que ele abandonasse o português, e respondesse em alemão o que sabia sobre Riesa. Ele respondeu diante de minha impaciência que nunca fora amigo de minha mãe, mas que guardava consigo a intuição de que Riesa jamais sumiria por vontade própria.

Diante de meu estardalhaço, a conversa foi interrompida pela rudeza de minha tia Bavlka repreendendo a Paulo de maneira absurda devido às palavras em português que ouviu dentro da casa. A maneira com que Bavlka o interpelou foi tão grosseira que tive a certeza de termos sido ouvidos em cada palavra de nossa conversa.

Paulo justificou-se, inventando de última hora uma história do uso da língua portuguesa devido ao jogo de vídeo game em que estávamos envolvidos. Em momento posterior, constatamos que Bavlka o repreendera apenas pelo uso da língua e não pelo conteúdo do que fora conversado, pois nenhuma menção havia sido feita quanto a isso. Paulo, profundamente envergonhado, arrumou seus pertences e deixou a casa de imediato deixando para mim um pequeno papel com um número de telefone. Talvez fosse isso que ele gostaria de ter-me contado em português. Ensandeci! Fui tomar satisfação com Bavlka e sua atitude estranhíssima para com um convidado da casa. Em poucos instantes, holografou-se como um vulto a figura de meu pai junto a mim e já de posse de todo o ocorrido. Bavlka trancada no quarto, eu, aos chutes e berros, na porta e meu pai sabendo de uma conversa em português na casa, exigindo que eu revelasse o teor.

No calor da situação vociferei sem titubear a todos de ouvidos próximos e distantes: o que vocês fizeram com minha mãe? Meu pai calouse e, estático, enrijeceu. Eu o sacudia como a uma árvore e somente fui interrompido quando ele disse com todas as letras alemãs: ‘Ela abandonou tudo o que se referia a você, a mim e a sua família. Ela se foi!’

–E o que aconteceu com o número de telefone que ele te deu, Vilts? De quem era o número?

–Quis descobrir e saí da casa procurando fugir de tudo aquilo. Somente depois pude perceber o papel dentro de meus punhos cerrados pela raiva. Na casa de um amigo tentei por centenas de vezes ligar para o número fornecido por Paulo e permaneci em tentativas posteriores por semanas. Ligava de casa, da rua, de telefones públicos e casas alheias, nunca fui atendido. A agonia piorava. O telefone parecia estar em uma cidade fantasma onde não havia quem o pudesse atender tocando de forma intermitente e instilando minha esperança do outro lado da linha.

– Seu pai? Como reagiu a tudo isso?

–A conversa com meu pai cessou durante algum tempo. Ora tinha raiva, ora tinha temor por estar sendo injusto com ele caso tudo o que sempre me dissera fosse mesmo verdade. Ele parece que entendeu o que se passava e eu não precisava esconder-me pela casa para ligar no número dado por Paulo. Apesar de não entender o motivo de minha presença constante junto ao telefone, intuía ele que aquela ligação era fruto da conversa atordoante que tive com o seu amigo. Minha apreensão para ser atendido pelo outro lado daquela linha havia se transferido para todos na casa e quando após dois meses de tentativas fui finalmente atendido tive a imensa sorte de estar completamente só em uma casa em que moravam duas tias e primos de constantes visitas.

–E quem era do outro lado da linha? Estou apreensiva para saber. Pensei que nunca seria atendido.

–Pensava de igual modo, Lauriny. Levei um grande susto quando o outro lado se manifestou. Não esperava que houvesse uma possibilidade de diálogo naquele telefone e estava acomodado em participar daquele ritual, ouvindo meus pensamentos, a casa, o bip de chamada.

–E o que aconteceu? Estou ansiosa, conte!

–Fiquei mudo a princípio e os papéis se inverteram. Por um instante, existia uma voz do outro lado da linha tentando manter um diálogo sem sucesso diante de minha mudez, mas logo respondi em um gaguejo irreconhecível e me apresentei como sendo filho de Petrus e Riesa e estava ligando para este número que Paulo me forneceu. O homem que atendeu ao telefone apresentou-se como Antônio, se fazendo notar sua descendência portuguesa e provido de um péssimo alemão. Não sei por que, apesar de estar ligando para Portugal, tive a fantasia de ser atendido por um alemão...

Disse a ele várias vezes que ligava a mando de Paulo e repeti esta informação desnecessariamente por conta do nervosismo inicial até que enfim consegui comunicar o que Paulo dissera sobre minha mãe. Indaguei-o por quase uma hora buscando informações sobre Riesa e ávido por saber como um telefone pode tocar por quase dois meses sem resposta. Antônio saiu em viagem a trabalho. Sete meses, por vários países e durante esse tempo informou que sua casa não estava habitada nem mesmo para

cuidados de limpeza. Sobre minha mãe, frustrou-me, dizendo que ela era apenas um rosto dentre milhares que conviveram com ele na época em que trabalhava próximo a Petrus. Fui entrando em desespero percebendo a fala do homem e sua distância de uma possível ajuda, nada além de pequenas lembranças das atuações dela no teatro e olhares cruzados em festas superlotadas. Por fim, disse que Paulo é um grande estelionatário que para evitar a prisão em Portugal mudou-se para a América do Sul, fugindo das consequências de suas condutas fraudulentas. Detalhou diversos casos envolvendo o nome de Paulo e afirmou categoricamente: se Paulo levantou esta dúvida sobre Petrus e Riesa foi com o propósito último de aplicar um golpe em meu pai. Questionei sobre que espécie de golpe poderia Paulo querer com isso e não obtive resposta. Antônio tratou apenas de versar sobre a má conduta de Paulo.

– Quanta coisa guardada, Rober. Por que nunca me falou sobre isso?

– Não conseguia, Lauriny, e ainda muito difícil o é. Após o telefonema eu já não dispunha de palavras e tudo doía por dentro. Fui encerrando o contato prometendo ligar com mais calma no dia seguinte. Antônio alertou que tê-lo encontrado em casa foi uma das benevolências do destino, já que ele estava apenas de passagem por ela e indo para o aeroporto mais uma vez rumo à continuidade de sua longa viagem a trabalho. Pediu para que meu coração fosse acalmado e manteve a firmeza na afirmação: meu pai tinha sido vítima de um sujeito que usaria seu filho para desestabilizar a família visando algum obscuro propósito. Percebi o quanto tudo isso fez acender uma mágoa desconhecida e guardada. Então pude entendê-la, pude vivê-la, quando Paulo lançou a desconfiança sobre minha família e enxerguei as severas dúvidas que eu carregava. Por que meu pai nunca havia me levado em suas procuras à minha mãe? Por que foram tão severos a ponto de não mencionar o nome dela durante anos naquela casa? Minhas dúvidas vieram à tona com a ajuda de Paulo e como desfecho senti que feri ainda mais a meu pai, já arrasado pelo sofrimento que arrastava há anos. Decidi seguir a forma da família no trato com a sombra de minha mãe: calei-me, e Riesa calou-se dentro de mim.

– Pelo que passamos no café, não parece que sua mãe tenha se calado dentro de você.

– Essa é uma história antiga, Lauriny. Agora passando por Diesbat-Sefilit sinto o calor das lembranças nas passagens da balsa por estas cidades.

– Essa história que me contou é verdadeira, Vilts? Peço mil perdões ao perguntar isso, mas impressiona sermos casados e você nem sequer fazer menção de acontecimentos tão intensos. Tudo isso é verdade?

– Essa é minha história real, Lauriny, e sempre a contarei do modo mais fiel possível sem nada inventar. Se não a dividi com você foi porque tentei por todo esse tempo prender tudo o que dizia respeito a minhas mágoas do passado. Contar isso a você faria com que eu resgatasse todos

os sentimentos daquela época e embaralhasse minha cabeça tal como agora.

–Chegaremos a Dresden em quinze minutos. Será que recordar esses momentos trará a você algum benefício?

–Benefício? Não entendi a pergunta, Lauriny.

–Sim, benefício. Ao levá-lo ao café, tive a intenção, como já disse, de ouvir suas histórias e obter pistas sobre o que acontece com você e com seus estranhos comportamentos dos últimos tempos. Saímos de lá e estou mais preocupada agora que nos vemos em um barco rumo a uma viagem para seu passado. Tenho sérias dúvidas sobre se devemos estar aqui e se este passeio trará algo de positivo. O que mais esconde de mim?

–Parece normal não dividir tudo em um casamento, Lauriny. Entenda, por favor, a impossibilidade de contar algo a você que eu não admitia sequer rememorar. Você me trouxe àquele café e de fato eu também queria ser levado assim como estou fazendo agora e, sem saber muito bem explicar, estou ansioso por pisar em Dresden. Há muitos anos procurava uma motivação para retornar a este lugar e aqui estou completamente eufórico para pisar na cidade de minha infância.



O Novo Futuro de um Velho Passado

– Agradeço pela disposição! As mudanças não foram drásticas como eu imaginava. Muito tempo se passou desde que visitei meus familiares.

– Faz dois anos aproximadamente, Vilts, e, naquela ocasião em que fomos à França, suas tias não puderam vê-lo e isso ainda hoje soa estranho.

– Era uma viagem corrida, Lauriny. Minhas tias precisavam voltar imediatamente, sempre estão muito atarefadas apesar de nunca se saber com o quê. Além disso, elas são muito fechadas, e meu pai já nos acostumou com suas ausências. Não vê-lo por dois anos é um tempo razoável em comparação a outras de suas intermináveis viagens.

– O senhor Petrus nos prometeu uma visita com toda sua família e ultimamente andam mais fechados do que de costume.

– Admito que sempre foram demasiadamente fechados e meu pai deve estar sendo consumido pelo trabalho, quanto às minhas tias desistiram de cobrar-me satisfações após nosso casamento.

– Seu pai não pensa em aposentadoria?

– Desconhece o caráter do senhor Petrus Vilts, Lauriny. Meu pai somente será aposentado pela morte, a única capaz de demitir-lhe de suas inúmeras atividades.

– É bem provável.

– Veja, Lauriny. A igreja apenas desbotou suas paredes e não mudou muito e aquele logo em frente era o beco onde brincávamos e nos escondíamos das intermináveis missas dominicais.

– Por quanto tempo morou aqui?

– Precisar o tempo exato é impossível, tantas coisas acontecem em uma época infantil que o tempo perde a importância. Sei que mudávamos bastante depois da passagem por aqui até que enfim nos desvencilhamos da vida cigana e fixamos morada em Bautzen onde ainda hoje reside grande parte de nossa família.

– Estou bastante cansada, Vilts. Vamos retornar ao carro e encontrar logo um hotel antes que escureça.

– Claro. Andemos apenas mais um pouco, pois pisar aqui novamente levará um bom tempo para acontecer.

– Amanhã, quando acordamos, você poderá pisar em toda a cidade se quiser.

– Tudo bem. Podemos ao menos tomar um café na esquina?

– Estou reticente quanto aos cafés... Será que este é um local onde servem apenas café?

– Duvido muito que em toda Alemanha exista café similar àquele

– Vamos lá, então, Rober Vilts, e depois do café imediatamente para o hotel e sem invenções.

– Sua afeição por hotéis vem aumentando a cada dia, Lauriny. Aconselho que procure um profissional para auxiliá-la quanto a essa obsessão.

– Engraçado como seu humor melhora em viagens, Vilts. Poderíamos viver como ciganos.

– Fico mais contente. Porém meu humor é sempre elevado carecendo de uma boa entendedora para depurá-lo. Passei boa parte da infância correndo por essas calçadas em apostas de bicicletas nas ruas. Nesse tempo, as crianças lotavam as... Desculpe-me, senhor, não o vi.

– Tudo bem, eu conheço você, rapaz. O filho de Petrus, estou certo? Robert Vilts?

– Eu mesmo, senhor Fritz! Lembro bem do senhor e quase acertou meu nome: Rober Vilts.

– Errei por apenas uma letra, muito pouco para quem o reconheceu após tantos anos. E esta bonita jovem?

– Essa é Lauriny.

– Como vai, senhor Fritz, prazer em conhecê-lo.

– Que alegria vê-lo casado com tão linda jovem, Rober. Há quanto tempo estão em Dresden?

– Algumas horas, senhor Fritz. Chegamos ainda há pouco e vamos entrar no café, nos acompanha? Vamos comer algo antes de nos hospedar.

– Não quero atrapalhar.

– Venha, senhor Fritz. Vilts está morrendo de nostalgia nesta cidade desde que chegou e será muito bom que conversemos um pouco para diminuir a saudade.

– Venha, senhor Fritz, ouça Lauriny, não negue o convite.

– Irei acompanhá-los, já que me deixaram sem escolha.

– Sente-se aqui, senhor Fritz. Vejo que Dresden está bem mais cheia!

– Cada vez mais, Rober. Há quanto tempo não vem aqui?

– Alguns anos.

– E você, jovem? Desculpe-me, mas já esqueci seu nome. A memória se desgastou com o tempo.

– Lauriny, senhor Fritz. Passamos uma vez para ir à casa do senhor Petrus e tive outra passagem na infância. Portanto, Dresden é quase nova para mim.

– Seja bem-vinda e não ande muito por aqui. Correrão o risco de por aqui ficar. Nem mesmo na devastação da guerra e dos bombardeios sem porquê afastei-me da querida Dresden. Hoje ela está ainda mais linda e revitalizada.

– Vilts talvez corra mesmo este risco, tamanha sua alegria em rever esta cidade.

– Minha alegria é realmente grande e é sempre bom lembrar coisas boas. O que acha, senhor Fritz?

– Concordo, Rober Vilts. Somente fique atento a sua jovem idade para que não gaste muito de seu tempo a relembrar uma vida ao invés de vivê-la.

– Vilts tem bem essa mania.

– Acho que este é um vício, senhor Fritz. Além disso, nunca se lembra um passado sem vivê-lo novamente, o que acha?

– Sobre isso mal posso discorrer com certeza. Digo apenas que a senilidade trouxe para meus anos restantes de vida uma base fundamentada num passado e toda a arquitetura de um presente construído a cada dia.

– São os segredos de quem bem sabe viver, senhor Fritz.

– Obrigado, jovem Lauriny. Quisera eu acreditar que a vida possui tais segredos. E vocês seguirão para Bautzen, para a casa de Petrus?

– Certamente. Aproveitaremos a passagem para visitar meu pai.

– Seu pai? As coisas andam complicadas por lá, não é?

– Do que está falando, senhor Fritz?

– De sua tia Bavlka!

– O que se passa com Bavlka?

– Perdoe-me, Rober, se sua família não comunicou. Então sinto agir em desacordo com ela. Fiz mal em levantar este assunto e pensei que estavam de passagem em Dresden unicamente para visitar sua tia.

– Não fez mal, senhor Fritz. Será um bom momento para saber o que acontece com Bavlka e poderá dizer agora.

– As informações que tenho não avançam para além de boatos dos velhos de Dresden que ainda mantêm alguma comunicação com sua família. Dizem eles sobre uma doença que levará sua tia inevitavelmente à morte. São, porém, boatos.

– Qual é a doença de minha tia? Podemos adiantar o assunto?

– Calma, Vilts. Deixe o senhor Fritz falar.

– Sabemos apenas tratar-se de um câncer não confirmado por ninguém de sua família. Daí o porquê do cuidado diante de qualquer fechamento. Dizem ainda sobre a costureira teimosia de sua tia renegando-se a frequentar qualquer tipo de hospital para dar continuidade a um tratamento e saber seu diagnóstico definitivo. Escolheu morrer em sua residência prescindindo dos tratamentos médicos.

– E como não me dizem nada sobre uma coisa dessas! Que diabos de família é essa?

– Talvez queiram lhe resguardar, jovem Vilts. Pouco tempo se passou desde que esse boato vem rondando a cidade entre os conhecidos de seus parentes. Minha esposa disse ter visto Bavlka há dois meses caminhando normalmente nas ruas de Bautzen, isso indica provavelmente o mal súbito de sua tia.

– Mesmo se tratando de mal súbito, o desrespeito aconteceu, senhor Fritz. Deviam ter me comunicado. Providencial foi tê-lo encontrado por aqui e saber do ocorrido. Tia Bavlka nunca foi querida entre a maioria das pessoas com as quais teve contato na vida. Para comigo, mesmo a seu modo, teve muito amor. Devo a ela grande parte de minha criação. Quero profundamente saber o motivo de ter sido apartado da situação atual de saúde de minha tia. O senhor pode dar-me alguma informação a mais?

– Isso é tudo que desconfortavelmente posso lhe dizer, jovem Rober. Terá que entrar em contato com sua família para averiguar o que realmente se passa.

– Fui tremendamente afortunado em revê-lo, senhor Fritz. Entendo o desconforto e espero que entenda o bem que me fez. Liguei agora mesmo para todos e saberemos desta história.

– Ligue amanhã, Vilts. Terá tempo de pensar melhor o que irá dizer. Senhor Fritz também não se sentirá confortável se souberem que dele partiu a informação. Além disso, precisamos encontrar um hotel para dormir esta noite.

– Tudo bem, Lauriny. Agradeço por tudo, senhor Fritz, foi um enorme prazer reencontrá-lo após tanto tempo. Nos adiantaremos agora na procura de um hotel.

– Moro há dois minutos daqui e na mesma casa de sempre. Pelo embaraço causado, não devem negar a hospedagem que lhes ofereço agora. Meus filhos já não vivem mais conosco e temos quartos sempre prontos para receber visitas.

– Nos hospedaremos em qualquer hotel, senhor Fritz.

– Faça absoluta questão, Lauriny.

– Ficaremos por esta noite então, senhor Fritz, caso não o incomodemos. Nosso carro está um pouco distante, iremos buscá-lo.

– Enquanto resgatam o carro, vou até em casa avisar Janine da chegada de vocês e preparar suas camas. Podemos ver a rua daqui, e minha casa fica do lado esquerdo.

– Lembro bem, senhor Fritz, nunca esqueci. Estaremos lá em minutos.

– Aguardo vocês.

(...)

– Parece ser completamente nula a possibilidade de existir uma desculpa para que a doença de tia Bavlka não me fosse comunicada.

–Haja com cautela, Vilts. O senhor Fritz não pôde dizer-lhe nada além de um boato. Ele mesmo diz não saber o que se passa com sua tia.

–Inventariam tal boato com que propósito, Lauriny? Estamos afastados de Bautzen e as notícias circulam entre os senhores e as senhoras de Dresden. Um boato impropriedade dificilmente chegaria aqui e seria contado com tamanha espontaneidade pelo senhor Fritz, você concorda?

–Difícil concordar com boatos, Vilts. O melhor a fazer é averiguar com calma tudo isso.

– Ainda acho que o melhor a fazer é ligar agora e certificar-me sobre a veracidade dessa história. E se tudo isso for verdade?

–Mais um grande motivo para ligarmos amanhã e, confirmado tal boato, poderemos partir cedo. Se ligar hoje causará uma discussão e no máximo poderá lamentar-se por não ter sido avisado.

–Seria bem natural diante da injustiça de não terem me colocado a par do grave assunto.

–Acho injusto mesmo. Mantenha sua calma, está tarde para ligarmos e o senhor Fritz à nossa espera se encontra.

–Já chegamos à casa dele.

–Tem certeza de que é essa?

–Sim, o portão está aberto e ali está ele à nossa espera.

–Estacionem na garagem, meus amigos. Janine está no banho e logo vem para cumprimentá-los.

–Obrigada, senhor Fritz.

– O quarto é este, adianto as desculpas, mas como fui pego de surpresa, o tempo foi curto para prepará-lo da melhor maneira. Dentro do armário estão as toalhas. Fiquem bastante à vontade e depois venham à sala onde Janine e eu os esperamos.

–A gentileza foi enorme em nos receber em sua casa. Vou pedir ao senhor que me autorize a falar com Janine e gostaria de saber se ela possui alguma informação sobre o que se passa com Bavilka.

–Claro, Rober. Ela pode ter melhores esclarecimentos sobre os boatos falados por aí. Esperamos vocês na sala.

–Deixe as coisas na cama, Lauriny, e vamos conversar com a senhora Janine.

–Vou com você?

–Venha sim, a senhora Janine é agradabilíssima pessoa.

(...)

–Entre, Vilts, aqui estamos.

–Boa noite, senhora Janine, como vai?

–Vou bem, Rober, e você ainda muito bonito. É uma alegria revê-lo.

–Esta é Lauriny, minha esposa.

–Igualmente bela. Sejam bem-vindos. Estava no banho e ando com dores de cabeça diárias e uma febre costumeira.

–Neste caso, podemos conversar amanhã...

–De nenhum modo, Rober. O assunto de sua tia já me foi adiantado por Fritz e sei de sua ansiedade para saber sobre ele.

–Agradeço a compreensão e estou mesmo ansioso por isso. Também chateado por não ter sido comunicado sobre a saúde de minha tia e por ter ficado sabendo apenas pela incrível sorte de encontrar o senhor Fritz, que me alertou deste boato.

–Infelizmente com tantas pessoas a falar do mesmo assunto creio não ser um simples exagero de más línguas. Sua tia está doente e a grande reserva de Bavilka fez com que as pessoas desandassem a criar especulações diversas. Enfim, sua tia encontra-se em casa decidida a se tratar por meios próprios ou na pior das hipóteses passar seus últimos dias por lá.

–A senhora tem alguma informação sobre quando isso começou?

–Depois desses boatos, tentei ligar na casa de Petrus e não fui atendida.

–Deixarei os números dos telefones pessoais de minhas tias e meu pai.

– Pegue a agenda, Fritz. Deixe que eu confira se já tenho esses números que me fornecerá.

–São os celulares deles.

–Sim, são esses números, estão todos aqui... De seu pai e de suas tias não atendem. Talvez estejam fora de área.

–Muito estranho... Quando foi a última vez que a senhora tentou?

–Semana passada.

–Ligarei amanhã cedo e vamos deixá-los para que durmam. A senhora precisa de repouso.

–Obrigada, Rober, amanhã bem cedo terei consulta médica e retorno somente à tarde. Podem ficar para falarmos um pouco mais.

–A gentileza é muito grande, senhora Janine, mas amanhã cedo sairemos e vamos decidir o que fazer antes de retornar para Berlim.

–Precisando de qualquer coisa não se acanhem e contem conosco. Tomem um banho, pois Fritz vai preparar algo para comerem.

–Não é preciso. Comemos ainda há pouco na companhia do senhor Fritz. Boa noite.

–Sendo assim, boa noite, Rober, e boa noite, Lauriny.

–Para quem está ligando, Vilts?

– Para meu pai, Lauriny. Diante do que a senhora Janine falou, é impossível esperar até amanhã.

–Atenderam?

–Não atende... Tento amanhã.

(...)

– Acorde, Lauriny. Já dormimos muito.
 – Por que tão cedo, Vilts?
 – Arrumei todas as nossas coisas e vamos para Bautzen.
 – Agora?
 – Liguei inúmeras vezes e ninguém atende. Preciso ir para Bautzen.
 – Tudo bem, Vilts. Espere apenas o senhor Fritz acordar para que possamos nos despedir.
 – Fritz já está acordado, o café está na mesa todo pronto para tomarmos e partirmos.
 – Fez tudo isso? A que horas acordou?
 – Nem sequer dormi. Tive apenas breves lampejos de sono.
 – Tomarei o café para seguirmos.
 – Obrigado, Lauriny, vou levando as coisas para o carro.
 – Tenho que apanhar algumas roupas e não me demoro, eu mesma levo.
 – De qualquer forma, vou esperá-la no carro.
 – Bom dia, senhora Janine.
 – Bom dia, Lauriny, sente-se e tome um café comigo. Pensei que sairia antes de vocês, mas Vilts acordou bastante preocupado com a tia. Espero que a gravidade seja apenas produto de boatos sem fundamento.
 – Também espero, senhora Janine.
 – Rober está agitado e será melhor que você dirija até a casa de Petrus.
 – Será melhor, e vou adiantar-me, não quero deixá-lo ainda mais apreensivo. Muitíssimo obrigada pela gentileza. Foi um prazer conhecê-la.
 – Fico feliz por Rober estar ao lado de tão gentil garota. Façam uma boa viagem e se possível digam como está Bavilka e toda a família.
 – Faremos isso. Até mais, senhora Janine e senhor Fritz!
 – Vamos, Lauriny.
 – Dê-me a chave, Vilts, e descanse um pouco enquanto eu dirijo.
 – Estaremos em Bautzen em menos de uma hora e eu vou dirigir, não estou nem um pouco cansado. Não se preocupe.

(...)

– Será que vão estar em casa? Você fez novas ligações?
 – Saberemos se estão ou não. Chega de ligações, nenhum retorno obtive. Você tomou café?
 – Comi o que pude para não alimentar seu desespero.
 – Estou apenas ansioso, Lauriny, desespero é outra coisa. Durante esta noite na casa do senhor Fritz, não bastasse essa questão com Bavilka, tive ainda de conviver com vários devaneios noturnos.
 – Como assim? Que devaneios?

– Exatamente como vem acontecendo. A cabeça está cheia de coisas que nunca vivi, nunca experimentei.

– O que desta vez, Vilts?

– Estamos indo averiguar este boato, Lauriny, e depois voltamos a este assunto, só quis contar para você o motivo de minhas apreensões. Não devia nem ter falado. Confesso que estou me cansando disso...

– Dê um tempo pra você, Vilts. São muitas coisas para um só momento, deixe mesmo que falemos disso outra hora e corra menos, por favor.

– Nem é preciso, pois já estamos chegando e vejo a casa daqui.

– Já chegamos?

– Sim, a distância é pequena e já deveríamos ter vindo ontem para cá. As janelas estão abertas, por certo estão na casa.

– Estacione o carro, por favor, Lauriny, enquanto isso, posso ver quem está aqui.

– Bom dia, o que deseja?

– Desejo entrar na casa de minha família, e você quem é?

– Sou enfermeiro da senhora Bavlka e ela não está aceitando visitas sem prévia comunicação.

– Saia do caminho, por favor. Sou sobrinho de Bavlka e não preciso de prévia comunicação para entrar nesta casa.

– Ela está dormindo, senhor. Não a acorde.

– Calma, Vilts, entre devagar. Não sabemos como está sua tia.

– Tia Bavlka... Olhe o estado dela, Lauriny. Está completamente pálida e cheia de agulhas. Chame aquele enfermeiro!

– Estou aqui atrás do senhor.

– Explique o que acontece com minha tia.

– Se pudermos sair do quarto para não acordá-la, terei toda a paciência na explicação de tudo. Ouvi a moça chamá-lo por Vilts. Este é o nome do senhor?

– Isso mesmo. Vamos para sala e quero que conte tudo.

– Pois bem, meu nome é Thomas e fui chamado pelo senhor Petrus.

– Sim, Petrus Vilts, meu pai. E onde ele está? E onde estão todas as minhas tias e primos? Por que não estão na casa?

– Suas tias visitam Bavlka quase semanalmente e elas não moram aqui. Seu pai está em Berlim e me contratou, embora Bavlka não quisesse ninguém para cuidar dela.

– E por que meu pai está em Berlim e não me avisou sobre nada disso? E tia Bavlka está nesse estado sozinha? O que aconteceu?

– Sei bem pouco, senhor Rober, e o que posso falar me foi dito por sua tia desde o tempo em que estou aqui.

– O que ela disse a você e há quanto tempo está aqui?

– Estou aproximadamente há um mês e meio, e sua tia permaneceu no hospital por uma semana exigindo, inclusive por meios legais, sua permanência em casa. Exigiu o cumprimento de sua vontade e fez com que

o senhor Pretrus o fizesse. Seu pai em contrapartida pediu que um enfermeiro a acompanhasse e aqui estou. Sua tia está com câncer e, apesar dos inconclusivos exames que foram feitos no hospital, tudo indica este diagnóstico.

– Ela deveria estar no hospital agora, não é? Que tipo de câncer?

– Acredito que já expliquei esta parte ao senhor. Por favor, se acalme, sei o quanto é duro por se tratar de uma pessoa próxima de sua família. Serei sincero e claro assim como sua tia foi para com todos os que a visitaram desde então: Bavlka decidiu-se pela morte, ela não mais quer delongar sua permanência em sofrimento e dispensa submeter-se ao tratamento hospitalar. Todas as pessoas que a visitam insistem para que Bavlka se agarre nas possibilidades dadas pela equipe médica do hospital onde ela foi atendida. Percebi que sua família fica por pouco tempo por não conseguirem esconder a raiva sentida por não conseguirem convencê-la de se tratar.

– Se ela está decidida, realmente nunca a convencerão do contrário e não consigo entender a raiva de meus familiares, já que todos conhecem a fundo a personalidade de Bavlka. Responda-me agora por que ninguém me avisou, você sabe?

– Sei sim e este foi mais um pedido de sua tia, pois muitas pessoas não foram avisadas e ela quer encontrar com todas as pessoas da família dentro dos próximos dias, não disse precisamente, disse apenas que ela própria ligaria para cada um e exigiu descrição e cautela máxima com o anúncio de sua doença e foi por isso que o senhor e muitos outros não foram comunicados.

– Por que nos próximos dias?

– Esta informação será explicada somente por ela, senhor Vilts, e como me parece muito mais calmo sugiro que converse com Bavlka. Ela permanece num sono mais profundo, porém é possível acordá-la, está completamente lúcida apenas com lenhificação motora por causa dos sedativos da madrugada. Vou deixá-los a sós e se precisarem estarei de prontidão.

– Eu prefiro ficar aqui, Vilts. Entre você e converse com sua tia.

– Estou calmo agora que pude entender algumas coisas, Lauriny. Se quiser entrar depois, fique à vontade.

– Tudo bem.

– Bavlka, tia Bavlka...está acordada?

– Sim... Petrus?

– Não, tia, Rober...

– Que grande surpresa, Rober. Estou um pouco entorpecida e não o reconheci. Por que está aqui? Quem o mandou para cá? Suas tias andaram espalhando preocupações em seus ouvidos, é isso?

– Passei por acaso em Dresden e soube por igual acaso sobre sua doença. Tudo isso por meio de boatos que se espalharam entre os

conhecidos. Surpreso estou, por ficar sabendo do que lhe acontece somente dessa forma.

– A morte não deve ser anunciada, Rober. A mim não interessa ser velada em vida.

– Não venho para te velar, assim mesmo um egoísmo recobre este seu ato. Você nunca viveu sozinha e muitas pessoas precisam saber como está.

– Discussão inoportuna, Rober. Teremos apenas desgaste, da mesma forma com que tive com tantos outros. A questão é particular, íntima. Morrerei em casa e na próxima semana irei anunciar isso a todos a fim de que não se apiedem de mim por parcelas... Nem discutirei minha decisão com mais ninguém. Aproveitemos este tempo para conversamos sobre outras coisas, divida comigo os atuais sabores de sua vida, não será necessário que se impregne com a negatividade de meus últimos momentos.

– Vejo que não há negatividade em seus últimos momentos, tia Bavička, e sei que sua decisão é una e inútil seria tentar mudá-la. Alerto, porém, que sua vida não foi vivida em distância e solidão assim como exige que seja sua morte. Desde criança aprendi a respeitar suas decisões, respeitando sempre sem concordar.

– Espero somente que se isente de mágoas. Amo você como a um filho.

– Sem mágoas, sem grandes mágoas, aliás, pois, se as tive, precisaria fazer esforço na memória... Então não de ser pequenas.

– Mágoas são sentidas e ressentidas mesmo que não estejam em sua memória. É um ciclo por vezes interminável, bem sei o quanto distribuí mágoas nesta vida e o quanto a mim foi retribuído. Terminarei minha vida sem arrependimentos, pois a dureza me tornou inflexível e serei curvada pela morte em breve. Por mais dura que se possa ser com a morte sempre sobra nada para se fazer diante dela. Paremos com este assunto! Conte-me sobre sua vida.

– Estou bem, tia.

– Rober, estou oferecendo a você uma parte de minha vida ou do que resta dela. Seja mais abrangente e me deixe saber como você está além de ‘bem’.

– É difícil falar sobre mim vendo-a nesta cama.

– Isso também é um grande egoísmo, não acha? Quero que compartilhe algo comigo, maior do que a pena que sente agora.

– Pois bem, minha vida anda cercada de novidades. Gostaria de qualificá-las como boas, mas nem sequer posso qualificá-las.

– O que houve? Problemas com a esposa?

– Problemas com meu modo de agir, Bavička. Ando muito confuso ultimamente falando coisas estranhas e agindo de modo alheio, causando sérios transtornos com isso... Sendo sincero, não vejo necessidade de contar o que se passa e nem sequer de envolvê-la nisso.

– Estou envolvida em um momento muito mais sério, Rober. Contar o que se passa com você é sua obrigação. Veio aqui para saber sobre mim e eu preciso saber sobre você para entender o que poderemos conversar neste momento. Fale!

– Estou dizendo palavras e contando histórias que são estranhas a mim, alheias ao que vivi. Por conta disso, estou seriamente prejudicado no emprego e Lauriny redobrou suas preocupações com nosso casamento.

– Com o que está preocupado?

– Em perder o controle. Estou vivendo dilemas inexistentes e me sinto impelido a relatar experiências nunca vividas na realidade.

– Não sei bem o que diz, Rober, mas se algo o incomoda encare o algoz e pare de entender o que você mesmo está tentando se dizer, pois nem tudo carece entendimento.

– Sinto, tia Bavlka, como se as histórias que venho relatando fossem revelar algo novo, desconhecido, perigoso, e isso vem carregado de medo.

– Encare-o, repito. Não para vencê-lo, mas, sobretudo, para vê-lo. Não ponha o que sente a serviço da esquiva, Rober. Medos geralmente são bem maiores do que nós já que costumam ser nosso próprio eu. Conviva com eles se puder até que mudem de nome, até que sinta qualquer outra coisa que antes era medo e modificou-se a ponto de não mais poder resumir-se unicamente nesta palavra.

– Ainda tenho vergonha de estar lastimando minhas pequenas angústias diante de você que está prestes a encarar o maior medo existente.

– Do que está falando, Rober?

– O medo da morte, por acaso não o possui?

– Agora que a morte se torna cada vez mais real, não o tenho. Percebo que a realidade raramente nos impõe medo, o medo maior é sempre algo abraçado ao futuro. A morte me acontecerá e já avisou, deu certeza de sua chegada.

– Não sinto a morte tal como você, tia, mas entendo o que diz, todos morreremos: para mim é uma preocupação e para você é um fato e neste momento. Somente você poderá senti-la.

– Exato. Então viva. A morte é assunto que cabe somente aos mortos e a vida é quem merece ser comentada. Fico feliz por não ser mais um a condenar minha decisão de partida voluntária.

– Lembre-se, tia: sem condenar e igualmente sem concordar. Sou um partidário da vida e ao mesmo tempo um entusiasta das poucas escolhas a que temos direito. Se essa é a sua, respeito.

– Admiro você por isso, Rober, e tenho convicção que não fui eu quem ensinou-lhe a ter tanto amor pela vida. Pode alcançar esse livro na mesa?

– Claro. É um romance?

– São poesias e, por estar acamada, ando lendo coisas interessantes, uma delas vai ao encontro da nossa conversa. Poderia ler? Está na trigésima sexta página.

- A morte?
- Esse mesmo. Leia-o.

“Sem poder falar, Nem ouvir, nem pensar.
Na pedra, no gelo, na menina. É quando a existência se torna oca.
E inteligência já não serve mais.
Perde-se: A chance de sofrer De queimar a mão De torcer o braço
Sofrer um abraço forçado
Pensar no acaso De usar o tempo para escrever palavras atemporais
E no tempo que nem existe fixar morada
E mudar... Falar, ouvir, expandir-se Talvez um dos remédios seja:
Tornar-se palavras que ecoem em outras vozes
Em outros tempos Transformando-se em mais palavras e
acontecimentos
Nutrindo o tempo que há de vir, A morte é certa, mas nunca foi
uma certeza.
Tenho pena da natureza que não escreveu palavras, E quando
morre fica gravada apenas dentro de mim.”

– Está muito sensível, tia. Mudemos o tema desta conversa...
Contudo, vê-la chorar me deixa feliz pelo fato de nunca ter tido um registro
das águas em seu rosto.

– As deixei para o momento oportuno, Rober. E hoje choro com
constância. Teria feito antes, se soubesse o alívio que estas gotas podem
causar.

– Os motivos pelos quais choramos nem sempre são nobres, mas
sempre cumprem a função de esvaziar o que se encheu. Gostaria de ver
meu pai chorando, este é outro que finge ser a fortaleza eterna.

– Petrus mudou, Rober, e sua altivez difere e muito de tempos
anteriores. A velhice chegou, a solidão foi tomando assento pouco a pouco,
modificando seu pai. As lágrimas também lhe ocorrem.

– Muitas novidades temos, então! Não estive ausente tanto tempo
assim. Surpreende-me o que conta.

– A família está bastante fragmentada, a casa passou por mudanças.

– Por que Petrus anda tão só? Ele estava com uma simpática moça...
O nome era estranho.

– Também não posso recordar, mas depois dessa namorada a que se
refere existiram muitas outras. Todas acompanhantes da solidão dele.

– O trauma deve ter impedido um novo casamento.

– Seu pai se dividiu em dois: o primeiro em relação à sua mãe, e o
segundo na ausência dela. Mas não é trauma... É culpa!

– E por que ele se sente culpado?

– Rober... Por quanto tempo ficará aqui?

–Cheguei aqui por acaso, tia Bavlka, tudo por causa de um encontro casual com o senhor Fritz que me comunicou sobre seu estado. Fizemos um prolongamento das férias forçadas que tive de tirar e aqui estou.

–Sabe o quanto ignoro essas coisas de destino, sorte, sina ou seus homônimos, mas admito a estranheza de você estar na minha frente neste momento.

–E o que há de estranho na minha presença?

–Estou praticamente vomitando nas pessoas com as quais tive desavenças tudo aquilo que está guardado e precisa ser dito. Muitos vêm aqui com pena e saem com raiva. Será muito duro saber que você, pessoa a quem devotei tanto amor nesta vida, sairá daqui me odiando.

–Como é possível, Bavlka? O que diz?

–Serei muito direta e, se sua paciência assim permitir, contarei os detalhes. Caso contrário, se partir pela porta amargurado e raivoso, entenderei sem questionar.

–Tenho motivos para sentir tamanha raiva de você? Se estiver falando de sua dureza em minha criação, saiba que nunca me fez mal e essa dureza disciplinou-me para a vida. Sou grato.

–Seu pai... Petrus se sente culpado pelo que aconteceu entre você e sua mãe.

–E o que aconteceu?

–Riesa não sumiu e nem te deixou. Pelo contrário, promoveu uma longa busca, noticiada até mesmo pelos jornais da época. Ela rompeu a relação com Petrus e seu pai jamais diferenciou amor de possessão. Reiteradamente sua mãe quis deixá-lo após idas e vindas. Petrus quis que Riesa sentisse a mesma dor da perda vivenciada por ele. Seria temporário, mas nós o ajudamos e acobertamos seu pai. Mudamos várias vezes e fizemos você acreditar que sua mãe já não lhe nutria interesse. Riesa despertou em mim e nas mulheres desta casa uma espécie de inveja e ameaça diante da mistura de raças. Não mais podíamos disfarçar e na tentativa do disfarce criamos para nós mesmas todo tipo de inverdades sobra aquela mulher radiante. Seu pai estava disposto a se afastar de Riesa, e essa ideia nos enchia os olhos.

–Santidade pré-morte, Bavlka? Antes do seu fim quis espalhar as misérias que cometeu para livrar-se do peso e morrer com semblante sereno.

–Thomas! Ajude! Vilts está gritando como um louco!

–Bavlka decidiu jogar o pus de suas feridas para fora, Lauriny, e agora que está perto do túmulo diz que Riesa nunca nos deixou, nunca sumiu!

–Calma, senhor Rober, sua tia pode passar mal.

–Cale a boca! Você está aqui apenas para amenizar a consciência culposa de Petrus em deixar Bavlka sozinha para morrer. Isso se este homem ainda tiver alguma percepção de culpa diante da dor que infringe aos outros.

– Muito mais do que você imagina, Rober.
– Cale a boca você também, Baviłka.
– Lauriny, leve Rober daqui e voltem quando ele se acalmar. Tenho mais a lhe falar.

– Pois diga, Baviłka, estou certo que precisa aliviar sua alma moribunda e somente por isso irá continuar.

– Fique calmo, Vilts, deixe-a falar, você precisa saber.

– Estou tentando, Lauriny!

– ... Meu sobrinho Rober, existe egoísmo no meu gesto e quero, sim, aliviar meu coração. Entenda, pois, que não apenas isso me motiva, ninguém nunca lhe contaria o que conto agora e eu mesma poderia facilmente morrer com isso, assim como morrerei com outros segredos. Não carrego culpas incapacitantes sobre essa história e se te conto, acredite ou não, é por causa do amor que lhe tenho... O menino que ajudei a criar.

– Pule essa parte, Baviłka.

– Assim que parar de gritar conto o que sei.

– Conte, Baviłka!

– Petrus convenceu a todos sobre a traição de Riesa. Segundo ele, sua mãe se apaixonou por um brasileiro e mais tarde soubemos que este fato era irreal. Sua mãe era um satélite rodeado de pessoas, entregue de corpo e alma ao teatro, e seu pai apaixonou-se pela atriz, mas quis uma esposa dona de casa responsiva aos desejos dele. O casamento deles permaneceu arrastado por muitos anos e pendurado por um fio em forma de criança: você. Você, Rober, unia os cacos daquilo que já era nascido para quebrar. Quando você se ausentava, lembro-me claramente da dificuldade que tinham de coexistir. Petrus, ao entender a definitiva perda de Riesa, preparou a mudança de nossa família e, enquanto sua mãe estava apresentando-se em uma temporada no Brasil e outros países latinos, nós migramos para o interior da Polônia, na casa de seu avô. Naqueles três meses em que você perguntava diariamente por Riesa.

Ficamos neste tempo concordando com o que seu pai dizia e aceitamos que você corria perigo ao voltar para a Alemanha e posteriormente para o contato com sua mãe no Brasil. Petrus dizia a todos sobre os planos de Riesa em sumir com você e deixá-lo sob os cuidados do novo homem que com ela estava, e nós quisemos acreditar. Seu pai nos contava as ameaças que sofria deste homem e quão cruel seria se deixássemos você com aquelas pessoas no Brasil. Tudo aquilo era estranho, mas nossa antipatia por sua mãe nos cegava e, conforme o tempo corria, mais sabíamos que Riesa o buscava pelos cantos e a mentira de seu pai foi se tornando insustentável. A história da mulher envolvida no amor por um homem agressivo não se encaixava. Logo soubemos que sua mãe estava solteira, buscando por você, já sem posses e com grande desespero. Petrus teve de calar algumas bocas com dinheiro no momento em que não conseguia mobilizar a família nas constantes mudanças de endereço e,

mesmo sabendo que seu pai criara uma grande mentira, apenas pude me certificar tempos depois e foi Paulo, lembra-se dele?

–Claramente. Paulo sinalizou o que acontecia, ele estava certo. E a senhora foi a primeira a impedir nossa conversa, expulsando-o de nossa casa.

–Tive muita inveja de Riesa, Rober, e tinha dúvidas se a história de seu pai continha alguma verdade, em minha cabeça apesar das provas em contrário, poderia, sim, existir um amante de sua mãe, e se existisse certamente ele seria perigoso. Era como eu pensava...

–Paulo poderia ter acabado com isso, muito mais cedo.

–Ele tentou e ouviu de seu pai a mesma história contada para todos. Petrus era enfático ao afirmar que sua separação havia sido necessária por causa do risco que seu filho corria nas mãos de Riesa e do amante. Sumiriam tão logo mantivessem contato contigo. Tudo isso coincidiu com um momento de péssima relação entre seu pai e Paulo. Ele estava na Alemanha nesta época e, numa das passagens por nossa casa, ouvi os dois discutindo a respeito de um boato que se passava em Portugal. Uma mulher estava procurando pelo filho e por todos os cantos disso se falava, pois a mulher era Riesa, ex-esposa de um importante empresário. Paulo exigiu explicações de seu pai e Petrus replicou com ameaças diante da incredulidade do amigo. Dizia Petrus, mais uma vez, ser necessário tirar você de Riesa poupando a todos do perigo externo. Paulo não acreditou em Petrus, eu não acreditei em Petrus e impossível naquela altura ele mesmo se dar algum crédito. A história envolvendo o amante de sua mãe e o perigo da aproximação com a família de Riesa no Brasil se tornaram descabidas a ponto de obrigatoriamente ser relatada a verdade.

–E qual foi a verdade, Bavlka?

–A verdade foi contada por seu pai sem antes uma súplica por segredo direcionada a Paulo e a mim. Petrus pediu para que analisássemos sobre as consequências de nossa fala e a prisão dele, já que ele tirou você sem consentimento do convívio materno. E lógico que não querendo ver meu irmão na cadeia concordei, mesmo sabendo que a prisão era apenas um jogo sentimental que Petrus dramatizava para nos convencer. Eu tinha desavenças que me motivariam por si só, e Paulo sem motivação alguma para manter esse enorme segredo, apenas o fez, em ato de compadecimento ao amigo. Notava-se, pois, nas visitas posteriores, a insuficiência do pacto que ele fizera com Petrus. Paulo era inquieto, irritado e às vezes agressivo com seu pai e comigo desenvolveu atitudes que jamais teve na vida. Aquela responsabilidade tamanha e tremendamente destoante de seu caráter encontrou um mínimo alívio no número de telefone que ele repassou a você no papel. Antônio era conhecido de Riesa e poderia contar a você o que realmente aconteceu com ela, talvez até lhe dissesse onde ela poderia estar.

–Como sabe disso, Bavlka? Escondi esse número, especialmente de vocês.

–Em suas horas ao telefone, alguma coisa de muito importante você queria ouvir, Rober. Além disso, você escreveu este número em todos os cantos de seu quarto. Sofri ao ver sua obsessão por aquele telefonema. Num de seus descuidos, seu pai apenas anotou o número, comparou com os disponíveis na agenda e concluiu tratar-se de Antônio, um conhecido dos seus pais na época em que eram casados. O telefone que tantas horas te consumiu era do escritório de Antônio. Quase sempre vazio naquele período. Petrus obteve contato com ele por outro telefone e foi vê-lo imediatamente em Portugal. Após este fato o nome de Riesa sumiu e ficou sem menção na casa. Petrus não nos deu satisfação alguma e somente posso imaginar que a linguagem do dinheiro foi usada.

–Fiquei muito nervoso com aquele papel exclusivo e tive de replicá-lo em muitos lugares de meu quarto com medo de perdê-lo da memória. Fui inocente e fui mais do que isso: fui traído por todos. São tantas as mentiras...

–O que posso te dizer, Vilts?

–Impossível responder. Lauriny, fique por perto... Eu mesmo não saberia. Nesse momento só quero saber o paradeiro de Petrus.

–Ele está em Berlim, Vilts.

–Já sei disso, Bavlka, quero saber o local exato, pois tentei contato com ele e não fui atendido.

–Ele está fechando negócios de venda em uma de suas lojas no centro e deve estar num hotel.

–Preciso falar com ele!

–Todos os dias pela manhã, Petrus liga para saber de minha saúde. Fique aqui, e amanhã poderão combinar um encontro.

–Farei diferente. Vou embora de imediato. Quando ele ligar, diga que estarei em Berlim e espero por ele em minha casa. Bavlka... Desejo que os sentimentos graciosos que tive por você durante minha infância, adolescência e até pouco tempo antes de me contar tudo isso, a acompanhem. Descobri com tristeza o quanto sou incapacitado de desejar-lhe mal mesmo tentando, e, apesar de tudo, sinto um grande pesar em saber de sua decisão em abandonar a vida. Continuarei seguindo, e você, Bavlka... Estando dentro ou fora da vida, de qualquer modo, estará fora de mim.



Coração

– Saber ao certo como encaminhar todas as novidades nunca é fácil, Vilts.

– O tempo poderia dividir as angústias comigo, e ele passou deixando-me afastado de muitas coisas.

– Iremos ao hotel ver seu pai?

– De forma alguma! Ele se esquivava dos telefonemas, de certo já sabe o que conversei com Bavička. Tudo está posto às claras, e estou aqui à espera.

– E se ele não vier, Vilts?

– Confirmará a covardia habitual, talvez eu já espere por isso.

– Ele tem muito a lhe dizer.

– Assim sendo, não posso forçar que venha à minha procura. As palavras são dele e fico na esperança de ouvi-las.

– A reunião que sua tia Bavička convocou com toda a família será amanhã, e o enfermeiro ligou novamente insistindo por sua presença.

– Isso muito mais me parece um artifício de meu pai. Bavička e eu já nos falamos e ela não insistiria por minha presença.

– Mas se seu pai ainda está em Berlim, por que acha que ele o quer nessa reunião?

– Todos estarão reunidos num momento de muita emoção, Lauriny. Bavička irá comover a todos com suas lamúrias fúnebres. Acabará se tornando a melhor das mulheres aproveitando a piedade que circunda a morte. Este é o melhor momento para meu pai se justificar diante de todos e tentar convencer-me daquilo que certamente inventará.

– Preciso ir, Vilts!

– Estou em igual saída, Lauriny. Irei à M.S depois conversamos.

– Encontrará com Tom na M.S.?

– Não sei. Gerrar pediu para me encontrar assim que chegasse à empresa. As coisas estão em suspenso.

– Quando sair do trabalho, me ligue. Talvez possamos jantar juntos, tudo bem?

– Sim, Lauriny. Ligarei se puder.

– Falando nisso, o telefone está tocando, Vilts. E tenho que sair às pressas se for para mim diga que retorno em breve.

– Ok. Beijos.

- Alô, Rober?
- Sim, quem fala?
- É Bavlka, como vai?
- Estou ouvindo, Bavlka, fale!
- Seu pai chega amanhã em Bautzen e quer muito sua presença junto à nossa família.
- Absurdo completo o que me pede, não acha Bavlka?
- Liguei diante do pedido suplicante de seu pai, e sei o quanto ele é quem deveria estar falando com você. Mas quem reavivou esta história fui eu, por isso acatei o pedido de Petrus e estou ligando.
- Nem uma mínima possibilidade existe. Não vou ao encontro de Petrus. Entenda isso, Bavlka!
- Entendo, Rober. Liguei porque prometi a Petrus que o faria. Faltei com nossa família após contar tudo o que lhe contei.
- Você promete muitas coisas a Petrus, Bavlka. Deveria parar com isso e perceber que mais uma vez ele está a se fazer de vítima. A atitude dele acabou comigo e com esta família faz muito tempo.
- Seu pai nunca saiu do papel de abandonado por Riesa e quis impor a você também este abandono. Sua mãe abandonou a ele e não a você.
- Vamos parar, Bavlka! Está ligando em nome de Petrus e ainda assim confirma o quanto ele foi cruel comigo? Não consigo confiar em nenhum de vocês.
- Causei todo esse conflito, Rober, e seu pai também tem razão quando diz que eu poderia ter morrido com essa história e evitado esse mal-estar. Em breve não estarei mais aqui e...
- Chega, Bavlka! Neste momento Petrus precisava ser sacudido para entender e me entregar os momentos perdidos sem minha mãe, sem os dois juntos, sem nossa família.
- É isso que ele tanto teme e não está pronto para falar contigo. Esses momentos não existem mais e seu pai não poderá devolver mais nada.
- O que sinto existe, e alguma coisa poderá retornar. Não sendo ele a dizer, você dirá, Bavlka. Onde está Riesa?
- ... Amanhã me despedirei de todos de nossa família. Amo você, Rober! Liguei também para dizer isso.
- Não sabe quando morrerá, Bavlka.
- Direi isso a todos. No entanto, ao menos até amanhã o que sinto e isto será exposto para cada um presente em minha casa. Esse assunto sobre você, Petrus e Riesa não pode tomar-me o restante do tempo. Petrus deveria conversar com você, mas deve ter razões particulares para não fazê-lo. Sua mãe está no Brasil, até alguns anos trabalhava numa espécie de produtora envolvida em música, teatro e cinema.
- Isso é tudo? Sempre soube que ela estaria ligada à arte. Mesmo em minha infância, entendi sua vocação perpétua. Como quer me ajudar assim? Brasil? Envolvida em teatro, cinema e música? Quer mesmo que eu a encontre, Bavlka?

– Sim, Rober. Essas são todas as informações que tenho. Seu pai não quer dizer onde está ou talvez não saiba. Uma pessoa entrará em contato contigo e te dirá os detalhes que não sei te dizer.

– Quem fará isso?

– Espere, Rober. Fiz vários telefonemas e prometeram que vão te ligar para informa-lo pessoalmente assim que souberem de algo. Petrus poderia fazer a mesma coisa dos tempos antigos e impedir a verdade, por isso fui cautelosa. Saberá de tudo e isso é o que te deixo. Talvez amenize a lacuna do abandono forçado que sofreu. Tchau, meu sobrinho.

– Tchau, Baviika.

(...)

– Gerrar?

– Sim, Tom, posso entrar?

– Claro. Tomei uma decisão e como sei que é amigo particular de Rober Vilts vou anunciar a você o acertado. Não se delongue em defesas em prol de seu amigo, por favor.

– Está falando como se também não fosse amigo pessoal de Rober Vilts, Tom.

– Era uma vez uma amizade... Agora a relação é puramente empresarial. Rober Vilts está desligado de nossa empresa, nosso contrato em Hamburgo obteve êxito e você arcou com todas as responsabilidades concernentes a Rober Vilts executando-as com excelência. Não precisamos mantê-lo. Outra coisa: procure não atribuir a mim o papel de chefe malvado.

– Se a decisão é irrevogável, será inútil advogar em favor de Rober. Lembre-se apenas do que ele fez por esse contrato, foi ele quem o conseguiu de fato.

– É uma decisão final e puramente racional.

– Racional ou emotiva, espero sinceridade apenas em sua decisão. Rober contou-me sobre o ocorrido no restaurante mas não deu detalhes. Foi algo com Suzy não é isso?

– Freie seus questionamentos, Gerrar! Sou seu chefe e agirei como tal. Rober está demitido e os motivos são empresariais, ele está incapacitado para exercer o alto cargo que lhe foi designado. É isso.

– Compreendo, Tom. Apenas uma questão: por que dizer isso tudo a mim?

– Porque você ficará no lugar dele e dará a notícia. Como bem você disse, também nutro uma amizade por Rober e preservarei o pouco que sobrou evitando desgastes e discussões. Dê a notícia a ele e diga que se for de seu interesse passe em minha sala se discordar das finanças relativas à dispensa.

– Direi a ele.

– Agradeço.

(...)

- Gerrar?
- Alô? Sim, Rober, fale!
- Gerrar, o que aconteceu? Liguei por várias vezes, fui à M.S e a sala estava trancada. Ninguém soube dizer onde você estava.
- Tive que me ausentar com urgência, Rober. Desculpe-me. Você está em casa agora?
- Sim.
- E Lauriny, está com você?
- Está, chegou ainda há pouco.
- Podemos nos encontrar em algum lugar? Estou com Loren e preciso falar com você e Lauriny.
- Lauriny e eu jantaremos em casa e vocês são muito bem-vindos para o jantar. Pode adiantar o assunto?
- Prefiro quando nos encontrarmos. Com rapidez estaremos aí.
- Tudo bem.... Lauriny! Gerrar e Loren jantarão conosco e estão vindo para cá.
- Deveria ter avisado antes, Vilts... Assim, de repente?
- Gerrar precisa falar algo importante comigo e estava estranho ao telefone. Procurei por ele na M.S. e não o encontrei na empresa nem em nenhum lugar.
- Temos vinho para servir?
- Temos, sim. Fique despreocupada, serão bem servidos e o prato que fiz satisfará a nós quatro.
- Vou procurar as sobras da adega. Enquanto isso ligue este aquecedor, Vilts, o frio está insuportável.
- Verei se é possível aumentar a temperatura. Ele está ligado desde minha chegada.
- Não está morrendo de frio?
- Longe estou do seu estado quase hipotérmico de frio, mas apenas com um friozinho.
- Estou congelando.
- Está mesmo, seus lábios estão ‘violetando’.
- Parece-me agradável saber que tenho os lábios em flor.
- Como vê... O frio tem suas vantagens.
- A duração deste inverno começa a mostrar suas consequências. Eles já chegaram, Vilts?
- Sim, deixe que eu abra a porta antes que você congele de vez. Boa noite, casal! Finalmente nos encontramos.
- Boa noite, Rober. E Lauriny, onde está?
- Nos confins da casa e com frio.
- Vocês também estão congelando?
- Passamos por invernos piores, este será suportável.

- Boa noite, Lauriny, quanto tempo sem nos vermos.
- Verdade, Loren. Como Vilts e Gerrar trabalham juntos, não lhes sobra tempo para sentirem saudades um do outro.
- Engana-se, Lauriny. Não vejo Gerrar desde Hamburgo e tenho saudades desse rapaz.
- Obrigado, Rober. Lembramos bastante de você em Hamburgo, seu nome foi citado por muitas vezes.
- Venham para a mesa, tomaremos um vinho. Como vieram de surpresa não pude preparar algo mais incrementado.
- Tudo bem, Rober. Não viemos para o jantar.
- Mesmo assim comerão e em poucos minutos estará quente.
- Pegue as taças, Vilts. E abra o vinho!
- Gerrar já o está abrindo. Como foi em Hamburgo, Gerrar?
- Conseguimos, Rober, e tudo saiu dentro do previsto. Consegui apresentar seu material, senão de forma fidedigna, ao menos satisfatória.
- E o que ocorreu nesta manhã? Marcamos na M.S, procurei por você, por Tom e ninguém soube precisar o paradeiro dos dois.
- Quanto ao Tom, ele estava na M.S e provavelmente não quis recebê-lo.
- Por quê?
- Pelo motivo pelo qual estou aqui, Rober. Fugi de nosso encontro matinal, pois a conversa com Tom deixou minha cabeça atordoada e precisei de um tempo para pensar. Falei com Loren e como somos amigos de muito tempo vim até sua casa para tratar do assunto.
- Fui dispensado e você está no meu lugar?!
- Como sabe disso? Tom disse que não iria falar contigo... Por que ele fez isso?
- Fico feliz com sua presença, Gerrar. Realmente o conheço bem e sei que carrega o peso de uma vitória pessoal sem que caminheamos juntos.
- Como soube disso, Rober? Estou ainda mais constrangido em saber que não lhe conto uma novidade.
- Soube assim que você entrou mudo e aflito aqui em casa. Esperava, no entanto, que Tom me dissesse isso.
- Tentei convencê-lo a fazer o comunicado, mas fui empoderado através de uma promoção e, como gratidão, a primeira tarefa seria dar o recado a você, já que ele se acovardou diante disso.
- Gerrar, a promoção que ganhou não decorre apenas de minha saída, e sim de sua capacidade. Parabéns.
- O que houve, Lauriny. Está bem? Traga água para ela, Vilts.
- Tudo certo, Loren. Apenas o frio me incomoda. Fico feliz por você, Gerrar. Desculpe-me se talvez eu não consiga esconder a tristeza por Vilts ter sido demitido da M.S.
- Desnecessário que se desculpe, não viemos para comemorar minha promoção e nem sequer estou satisfeito, tendo em vista o modo como aconteceu.

– Tom nem sequer abriu a possibilidade de diálogo, infantil da sua parte. Seria respeitoso se me demitisse ao menos em uma última conversa, por certo eu entenderia.

– A infantilidade tem nome e se chama Susy. Tom teimou em dizer que os motivos de seu desligamento eram puramente empresariais, tentei questioná-lo, mas ele foi irreduzível.

– Susy não trabalha com Gerrar nem com Vilts nem com ninguém na M.S. Muito estranho esta mulher influenciar dessa forma as escolhas do chefe de vocês.

– Concordo Loren. Realmente Susy sempre teve grande influência nas decisões de Tom. A demissão, porém, foi justa. Chegamos ao ponto da agressão física e seria difícil convivermos da mesma forma, ele levou tudo isso em consideração.

– Quando eu estava em Hamburgo, tentei falar com ele sobre o que aconteceu a vocês e Tom evitou o assunto. Disse apenas que você destratou a mulher dele em uma loucura após a outra. ‘Rober Vilts ficou louco’, foi o que ele disse.

– Ele tem muita razão em não querer meus serviços e nem mesmo minha amizade. Espero que não diminua perante os funcionários tudo o que fiz pela M.S nesses anos.

– Mesmo que ele se esforce, não será possível fazer isso, Vilts. Sua competência é anterior à M.S e, no mais, Tom é um admirador de seu trabalho.

– Tomara que esteja certo, Gerrar. Mesmo assim tenho receio.

– Entendo.

– Querem mais vinho?

– Sim, Lauriny, por favor. Poderíamos fazer uma viagem com vocês ainda este ano, o que acham?

– Minhas férias foram há pouco, Loren. Podemos combinar algo de curta duração, como um final de semana, o que acha, Vilts?

– Claro. Se nossas agendas baterem. Quanto a mim o tempo sobrá a partir de agora.

– Agora senti o mesmo frio que Lauriny está sentindo.

– Quer mais um casaco, Loren Este é o pior dos invernos, até mesmo minha fala está lenta.

– Um brinde então: à nossa futura viagem, à nova vida de Rober Vilts e a dias mais quentes.

– Um bom brinde, Gerrar, brindemos! E o prato, como está?

– Está ótimo, Vilts, conhecendo seus dotes culinários de antigamente, digo que Lauriny fez o prato e você está a levar os créditos.

– Não seja mentiroso, Gerrar, sempre fui um exímio cozinheiro. Seu paladar é que não possuía os requintes necessários para admirar meus pratos.

– Até parece, Rober Vilts! Admito sua pequena melhora. Lembra quando fizemos um jantar no início de nossos casamentos e você inventou de cozinhar?

– Desastroso... Ainda hoje faço um exercício mental para suprimir as cenas de minha memória.

– Pelo prato de hoje nós o redimimos, Vilts.

– Obrigado, Loren, cozinhar é um dos pontos que me aproxima de minha família. Gosto de cozinhar no fim de semana para meus netos.

– Que netos, Vilts? Você nem sequer tem filhos?

– Ainda não os conhece? Margareth está com eles neste momento.

– Quem é Margareth? Do que você está falando? Desculpe-me, mas não estou entendendo o que diz... São os netos de seu pai e Margareth e o nome de sua avó?

– Tudo bem, Loren, como faz tempo que não nos vemos é bastante normal não recordar de muita coisa sobre mim.

– Lauriny? Gerrar? O que está acontecendo?

– Deixe ele falar, Loren. Depois explicamos... Diga: conte-nos sobre você.

– Será um prazer dividir minha vida com vocês. Caro Gerrar, sei que parecerá um tanto repetitivo, mas Loren não me vê há muito tempo, então será de bom grado deixá-la a par de minhas mudanças.

– Claro, meu amigo, aproveite para me deixar a par também.

– Pois bem, Loren, já estou no auge de meus 68 anos e fui colocado à prova, alguns anos atrás, quando minha filha Rebeca saiu de casa. Lembra-se dela?

– 68 anos? Rebeca... Do que está fa...

– Deixe-o falar, Loren!

– Vejo que não se lembra de Rebeca e não a culpo. Muito tempo se passou e nosso contato só diminuiu nesses longos anos.

– Tudo bem, Rober, devo lhe chamar assim? Peço perdão e como você mesmo disse tanto tempo se passou que nem sequer lembro precisamente do seu nome.

– Nesses encontros espaçados, a memória nos visita casa vez menos, não se preocupe. Meu nome é Iketram. Acho que agora vai se lembrar!

– Claro. Senhor Iketran, foi somente uma fuga passageira de memória. Estava falando de sua filha e o interrompi, por favor, continue. Aos poucos devo ir lembrando das coisas que tem a dizer...

– Rebeca já é uma moça da sua idade, Loren. Demorei para entender que sua saída de nossa casa não foi um gesto de egoísmo. Ela estava há tempos amarrada em minha vida e eu era o dono do laço. Minha linda filha queria casar-se e explorar o mundo tanto quanto sua juventude permitisse. Ao contrário de sua história, eu criei um mundo particular e trancafiei-me por dentro. Bem sei que Rebeca nunca abandonaria o pai, nunca faria isso, ao menos sozinha. No entanto, o desejo contínuo de casar-se se tornou real quando ela se apaixonou. Existia outro homem em sua vida e senti

instantaneamente que ele a levaria para longe de minha presença. Forcei, então, minha garotinha a acreditar que seu pai estava muito doente. Souo estranho, pois minha altivez jamais permitiu qualquer tipo de adoecimento ou cuidados externos. Surpreendente como a vida é, ao fingir-me doente, adoeci. Cada vez mais e mais até um forte infarto. Feliz infarto! Um coração infeliz prestes a encerrar seu pulso contente, pois com a presença da filha enclausurada junto a ele.

Após meus sobressaltos no miocárdio, tive a certeza de que os males coronários trariam o benefício de ser acompanhado por Rebeca e por ela cuidado. Mas como disse a ti Loren, Rebeca já não estava só. Além de ser encorajada, cavou o pouco de coragem que tinha diante de mim e anunciou que a vida dela precisava ser vivida. Disse que meu coração aguentaria a solidão sendo acalentado pelos netos que eu tinha e não visitava e pela mulher que ainda me era companheira, mas por vaidade preferi abandonar. Por fim, disse que meu coração receberia visitas e se alegraria aos poucos com isso.

Revisitei médicos diversos em busca de um diagnóstico mortífero e uma condenação taxativa. Estava decidido em comprovar por documento que a atitude de Rebeca custaria a vida de seu pai. A medicina não me bastou! Reiteradas vezes fui advertido que a causa de meu coração enfartado estava no cigarro, na gordura e na falta de exercícios. Desconfio, porém, que se alguns corações pudessem dar testemunho diriam que apenas não cessaram seu pulsar de imediato justamente pela presença do cigarro, da gordura e de outros disfarces de uma vida egoísta que carregaram junto ao peito.

– E o senhor agora está bem, Iketran?

– Sim, Loren. Revi minha vida e esse mesmo coração egoísta afastou-me de um emprego falido e de minhas arrogâncias cotidianas. Ao parar na estação de trem onde pude reencontrar os netos e minha companheira, chorei quando percebi o peso da velhice. Tanto tempo havia passado e eu puro arrependimento era. O coração capenga permitiu esse encontro. Não estava morto, nem tampouco vivo como era de se esperar e dentro do trem o peito rufava. Olhei para o dia e finalmente percebi um deles, o vivi com atenção e com o restante desse coração inflamado. Olhando para fora do vagão, vi um orquidário esbranquiçado e somente nele pensei. Contemplei o movimento das nuvens azuis e o cachecol do rapaz sentado a meu lado e mais uma vez minhas preocupações foram estas: a nuvem e o cachecol. Pela primeira vez em minha existência estava submerso no presente. Antes a vida me acontecia e eu sempre a ‘futura-la’ como um passageiro que mesmo dentro do trem apressa-se mais do que ele.

Cheguei a meu destino e ali percebi o quanto poderia ter gasto minha viagem com o medo de não mais ser aceito por minha família, minha companheira. E, ao ver a mulher do outro homem que fui, apresentei-me. Ela, parecendo cônica do entendimento daquele momento, apresentou-se

a mim e de igual forma, também não era ela a mulher desse ou daquele homem. Não era possuída por ninguém. Era uma mulher linda com um sorriso de igual encantamento e, naquele momento, me apaixonei pela primeira vez. Grande parte de meus anos foram vividos com aquela mulher, mas sem paixão por minha própria vida não pude equalizar uma vida a dois. Envelhecido, descompassado de coração, hoje sou apaixonado de corpo presente...

– O telefone está tocando. Atenda, por favor.

– Estou dizendo a Loren algo importante.

– Atenda! Estou com frio e não vou me levantar.

– Irei.

– Lauriny? O que foi isso? Por que Vilts está contando essa história desse senhor como se fosse ele mesmo? É uma brincadeira de vocês?

– Não, Loren. Vilts falou sério. Deixe-me falar mais baixo antes que ele volte.

– Ele está falando muito alto ao telefone, melhor checar o que é.

– Deixe, Gerrar. Deixe-o por lá. Preciso falar a sós com vocês, pois já não

sei o que fazer e nem a quem solicitar ajuda. Vilts está falando em nome de outras pessoas há algum tempo, Loren.

– Você sabia disso, Gerrar?

– Sabia, Loren. E como nem eu entendia ou acreditava, estou tão surpreso quanto você vendo a realidade disso tudo. Vilts havia me dito que a briga com Tom e Suzy foi fruto de um desses devaneios e pelo visto isso é bem mais sério do que eu supunha.

– E vocês procuraram ajuda, Lauriny? Ele me pareceu completamente normal antes de falar desse tal de Iketrán.

– Muitas coisas aconteceram, Loren. Estamos à procura de ajuda. Eu estou, precisamente. E a cada dia um novo problema nos surge. Vilts conta histórias completamente alheias ao que ele vive.

– São realmente alheias? E ele se lembra do que diz?

– Ele se lembra de tudo e as vive com o mesmo grau de emoção que você presenciou nesta sala. Falando do jeito que fala, se qualquer estranho chegasse agora por aqui estaria convencido por completo da história contada.

– Ajudaremos você, Lauriny. Terei que conversar muito seriamente com Vilts sobre isso.

– Obrigada, Gerrar, nem mesmo Vilts entende essa fase de sua vida.

– Vocês precisam de um profissional para emitir uma opinião.

– Esse é um bom caminho, Lauriny.

– Sei disso, amigos, e com muito custo consegui convencê-lo. Precisamos de um momento mais calmo para buscarmos essa ajuda... As coisas andam fervilhando.

– Existem coisas mais urgentes?

– Antes de vocês chegarem anunciando a já intuída demissão de Vilts estávamos convivendo com o prenúncio da morte de Bavlka, a tia de Vilts.

– Lembro-me dela. Faleceu?

– Ainda não, mas está com uma doença que julga ser irreversível. Escolheu morrer em casa e não prolongar tratamentos médicos, nem mesmo saber sobre um diagnóstico preciso.

– Deve ser isso então o motivo de sua perturbação. Vilts sempre me disse que essa tia o criou.

– A mais do que isso, Gerrar. Vilts descobriu por meio de Bavlka que sua mãe não o abandonou, aliás, empreendeu sua busca por muito tempo na Alemanha. A família do pai de Vilts escondeu isso dele até este momento.

– Quantas coisas de uma só vez. Agora me parece menos estranho o modo como Rober está agindo. Algo teria acontecido com qualquer um de nós diante de tudo isso.

– Porém as histórias que Vilts conta e seu comportamento estranho são anteriores a tudo isso!

– Realmente complicado... Precisam tomar cuidado para que tudo isso não intensifique ainda mais essas histórias que Rober anda contando.

– Esse é meu maior medo de momento, Loren. Isso não pode se somar ainda mais.

– Acho melhor ir ao telefone. Vilts está berrando por lá.

– Deixe que ele retorne...

– Enquanto Vilts ou Iktran nos contava sua história, fiquei imaginando o que neste relato faz parte na vida real dele. Pensei agora, depois que Lauriny nos disse sobre o abandono e, na história de Iktran, ele estava sendo igualmente abandonado pela filha e havia se desligado do emprego. Talvez seja equivocado buscar por causas idênticas, mas temos semelhanças nessa história e na sua vida atual. Vocês acham?

– Faz certo sentido, Gerrar. Contudo, posso afirmar sobre o relato de Vilts em histórias completamente fora de paridade com sua vida real. Ele anda falando sobre coisas inusitadas e muitas vezes surpreendentes.

– Gerrar, Lauriny... Ele está vindo, depois falamos sobre isso.

– Por que está chorando, Vilts?

– Preciso de água, Lauriny.

– O que aconteceu ao telefone?

– Obrigado, Gerrar. Vou contar a vocês, mas antes preciso contar que tenho uma mãe e ela não esteve ausente como disseram a mim por todos esses anos.

– Eu já contei a eles, Vilts.

– Disse isso sem a minha presença, Lauriny?

– Estávamos todos assustados com mais uma de suas histórias e a conversa acabou chegando a esse ponto. Pedi ajuda a Gerrar e Loren. Afinal, são nossos amigos.

- São sim.
- Você se lembra de tudo o que nos falou, Rober?
- Sim, Loren. Mas não quero falar sobre isso agora.
- Por que chora, Vilts, quem era nesse telefonema?
- Era mais uma surpresa vinda da família, Lauriny. Bavlka disse que eu saberia sobre minha mãe e meu tio Maynor acaba de me ligar.
- Quem é esta pessoa, Rober?
- Você não o conhece, Gerrar. Ele é um tio em quem sempre confiei. Sabia ainda hoje tudo que se passou com minha mãe e decidi acobertar Petrus e suas mentiras.
- O que ele te disse, Vilts?
- Contou tudo o que Bavlka já disse e justificou-se reiterando minha proteção acima de tudo. Disse que minha mãe me reteria no Brasil se Petrus não fosse acobertado em sua decisão.
- Por que te ligou, então?
- Bavlka o ameaçou, com certeza. A todo momento ele falava sobre o leito de morte dela e esta ligação estava intimamente ligada aos últimos momentos de Bavlka. O fato é que ele me forneceu o endereço do bairro onde está a família de minha mãe. O local exato ele desconhece, mas disse que eu encontro Riesa com facilidade ao chegar.
- Onde ela está?
- No Brasil, o nome do local é avenida Beira Mar em Olinda.
- Então ligue para alguém desse lugar e verifique se isso é verdade.
- Em alemão, Lauriny?
- Você pronuncia algumas palavras em português.
- Pronuncio, no entanto, são palavras soltas, muitas vezes perco o sentido da frase e assim mesmo eu não entenderia o que se passa do outro lado da linha. Vou ao Brasil e vou já!
- Muito menos impulsão, Vilts! Se realizar um telefonema é inviável, como poderá ir ao Brasil?
- O que sugerem, Lauriny, Gerrar, Loren. Estou angustiado e essa história pode me enlouquecer ainda mais. O que fariam vocês? Descobri enfim onde minha mãe está, anos sem vê-la e agora que encontrei o lugar basta dirigir-se a ele, parece simples a mim, não lhes parece? Comprarei as passagens de imediato.
- Entendemos sua ânsia, Vilts. E Lauriny tem razão ao dizer que entre em contato prévio com o lugar, pois você não tem certeza do local a abrigar sua mãe. Há quanto tempo seu tio detém essa informação? E se ela não mais estiver por lá?
- Vou assim mesmo, Gerrar. Aqui ficando ganho somente as atitudes hostis de vocês?
- Quais atitudes, Rober?
- Percebo os olhares de terror ao verem o louco desta sala. Aquele que diz coisas entranhas e merece ser cuidado. Se estiver certo, e ao menos

querem cuidar-me: peço ajuda para revolver este ponto que revirou minha história pelo avesso.

– Como amigo, serei sincero pela enésima vez, Rober. E quantas outras mais forem necessárias. Muito me assustou ouvir você contando uma história que não lhe pertence e agora, pouco tempo depois, surge atordoado gritando a necessidade de viajar a um país no qual não poderá comunicar-se. Seria cruel falar a você qualquer coisa contrária ao desejo de encontrar sua família, mas, diante do que se ouviu essa noite, será impossível não emitir juízos acerca de sua sanidade ou ao menos cuidar minimamente de suas atitudes.

– Será que podem me ajudar ou vamos discutir os parâmetros de minha sanidade? Esse assunto nos levará somente à inimizade. Vamos ao Brasil, Lauriny e eu.

– Não irei dessa forma, Vilts. As coisas devem ser minimamente pensadas, tenho o trabalho, afazeres...

– Vou eu, Lauriny. Preciso apenas de seu apoio.

– Rober, você sabe que a M.S pode enviar seus funcionários para qualquer lugar do mundo e, se Lauriny concordar, posso conseguir assentos num desses voos comerciais.

– Nosso problema aqui e outro, Gerrar. Vilts não fala português e precisará perguntar para muita gente o local que deseja encontrar.

– Você não fala inglês, Rober?

– Optei pelo francês, Loren, e isso não ajudará muito neste momento. Quero manter-me afastado de qualquer vínculo com a M.S agora que não pertencço ao quadro de funcionários. Amanhã mesmo embarco para o Brasil.

– Vamos embora, Gerrar. Deixemos Lauriny e Rober a sós.

– Iremos, Loren. Decida o que quiser, meu amigo, tome cuidado e converse seriamente com Lauriny. No que puder, informe-nos e conte conosco.

– Está decidido, Gerrar. Parabéns pelos novos rumos da carreira, tenha uma ótima noite.

– A você também. Até mais, Lauriny.

– Até mais, Gerrar. Até mais, Loren.

– Ligue assim que puder, Lauriny.

– Obrigada, Loren, boa noite.



Salzbrand - Süße Feuer

- Demorou muito para ligar, Rober Vilts, o voo atrasou?
- Houve um pequeno atraso, Lauriny, porém o tempo se encurtou ainda mais na conexão entre São Paulo e Pernambuco. Por isso não pude entrar em contato.
- Seu motivo é nobre, mas nem por isso me agrada sua ida impulsiva ao Brasil. Liguei por muitas vezes, tente se acostumar.
- Ligue o quanto achar necessário, Lauriny.
- E qual o horário brasileiro? A que horas estou falando com você?
- Acabo de entrar no taxi e é quase uma da tarde no horário local.
- Estou muito preocupada com sua comunicação, Vilts. Como fará?
- Estou com os locais anotados e se tiver necessidade posso recorrer a meu inglês?
- Qual inglês, Vilts, você é péssimo nisso, a não ser que tenha levado um cidadão inglês consigo não vejo como recorrer ao inglês em seu auxílio.
- Depois nos falamos, Lauriny. O taxista terminou de colocar minhas malas e está voltando. Você iria gostar de sair um pouco deste inverno alemão e visitar o extremo oposto. A temperatura está em 39° Celsius, mais de 100° Fahrenheit.
- Bastante quente. Ligue quando estiver em um hotel. Até logo.
- Bom dia
- Bom dia! Este lugar, sim?
- Olinda, Avenida Beira Mar – Hotel Rubstein. De qual país é o senhor?
- Desculpe-me, sem entender. Não falo português.
- País, local, country?
- Country? Sim... Germany, Alemanha.
- Entendi, será difícil então puxar alguma conversa com o senhor. Alguém o espera no hotel?
- Não entendo, desculpe, siga hotel Rubstein.
- Tudo bem, bem-vindo ao Brasil.

(...)

- Bom dia, senhor. Tem os papéis de entrada?
- My passport.

–Corre lá e chame a Júlia para traduzir, diga que temos um gringo na recepção.

–Júlia não veio hoje.

–Pelo passaporte já deu para encontrar a reserva, o senhor é alemão... Senhor Rober Vilts, o quarto é o 327.

–Não entendo...

–Room 327, quarto 327... 327, entendeu? E no room 224 tem um alemão hospedado com a gente faz dois meses, pode conversar com ele.

–Sorry?

–224 Germany.

–Is my room 224?

–Não, nós o levaremos ao seu quarto 327. Ailton, leve o gringo para o quarto dele, o pobre está perdidinho. Avise ao senhor do 224 que chegou um alemão por aqui, quem sabe ele ajuda...

–Obrigado, senhor.

–Por nada, gringo. Vamos.

(...)

–Cheguei agora da rua e disseram que você é mais um alemão hospedado.

–Sou sim, e que sorte a minha tê-lo achado. Não estou me entendendo com ninguém por aqui, ao menos consegui chegar a este hotel.

–Meu nome é Jérôme.

–Muito prazer, o meu é Rober.

–Veio da Alemanha a passeio e não fala nem sequer inglês?

–Falo algumas palavras, talvez fale mais em português do que inglês.

–E como veio aventurar-se em um país estrangeiro dessa maneira, homem? Coragem a sua.

–Sim, mas tenho fortes motivos para encorajar-me.

–Deve os ter mesmo. Já estive antes por aqui?

–Neste país, sim, mas nunca por aqui. Estou procurando uma pessoa e ela está provavelmente em Olinda e precisamente na avenida Beira Mar.

–É bem vago... Tem o endereço preciso?

–Não.

–Bom, fica perto daqui e podemos caminhar até lá. Qual o nome da pessoa que procura? Talvez eu a conheça, já estive muitas vezes por aqui.

–É Riesa, uma amiga.

–Nunca ouvi este nome por aqui. Vamos à avenida e perguntamos por lá.

–Poderemos comer algo antes? Já faz algumas horas que estou me mantendo sob o sustento da comida de avião.

– Claro. A esta hora ainda servem almoço e poderemos comer em frente à praia. São ótimos pratos. E você veio completamente sozinho? Ainda permanece incrédulo.

– Minha esposa não pôde vir, ficou na Alemanha por conta de seu trabalho.

– Nesta época a Alemanha deve estar gélida!

– Bastante. E você, Jérôme, como veio para o Brasil?

– Sou um biólogo, Rober. Rodei por alguns lugares deste mundo e o Brasil é o local em que apareço quando preciso de encanto.

– É realmente um belo país. Recordo-me da infância quando conheci a cidade da Bahia.

– É um estado, e muito bonito por sinal.

– Pois bem, estive neste estado por algumas vezes exclusivamente nele, nunca pude estender-me para outros locais.

– Chegamos, Silvia irá nos servir um almoço, sempre venho aqui para comer. O que comerá?

– Não tenho predileções. Escolha por mim, por favor.

– Iremos de peixe, então. Você disse que vinha à Bahia na sua infância...

– Minha mãe é brasileira, então passei breves momentos por aqui.

– E não se acostumou com o idioma mesmo tendo mãe brasileira?

– A ponto de aprendê-lo, não. Foram viagens esporádicas de férias, pois morávamos na Alemanha e o português não se fazia necessário. O idioma, porém, não me é completamente estranho, entendo pequenas frases.

– Quanto a mim, já estou há cinco anos em andanças pela América do Sul e comecei minha estada acompanhado por um grupo de 27 pessoas num estudo na Patagônia Chilena e muitos falavam português, espanhol, inglês, menos alemão. A adaptação foi complicada.

– Imagino o quanto! Aventuras, no entanto, são sempre encantadoras. E as pessoas que vieram com você ainda estão pela América do Sul?

– Não, não...A grande maioria se perdeu em outros projetos e recentemente voltei a manter um contato com dois suecos que hoje moram no Uruguai. Apenas um grande amigo que pertenceu a outro projeto tem contato comigo e este é o motivo de minha estada por aqui. Ele mora em Olinda e vamos realizar estudos em Fernando de Noronha.

– Interessante, onde fica esse lugar?

– Fica em mar aberto, distante da costa, e nesta época do ano é reservado preferencialmente aos pesquisadores.

– É uma ilha?

– Um arquipélago.

– Pena eu não estar em férias, talvez pudesse conhecer.

– Quem sabe sua permanência se estenda? Vale a pena visitar o lugar. Por enquanto, caso queira posso apresentar-lhe meu amigo e sua

esposa. Faremos um encontro essa noite na casa deles com uns amigos e te convido de antemão.

– Ótimo. São alemães?

– Somente meu amigo Stephan. Sua esposa entende razoavelmente a língua e todos os demais são brasileiros. Às oito da noite nos reuniremos. Posso bater no seu quarto neste horário?

– Sim, mas não ficarei muito, pois estou cansado da longa viagem e agora me adianto para encontrar minha amiga na avenida Beira Mar.

– Tenho algumas tarefas agora à tarde, Rober, caso contrário o ajudaria. Você já está na avenida Beira Mar e caso se perca qualquer taxi o deixará novamente na porta do hotel.

– Ajudou demasiadamente, Jérôme, fique tranquilo.

– A comida chegou.

– O cheiro está magnífico.

– Você está diante de um dos melhores sabores deste mundo, Rober. Alguns que aqui vêm apaixonam-se pela comida antes de tudo.

– Deste modo serei fisgado facilmente pelo paladar. Provar comidas é um grande passatempo.

– E, falando em horas vagas, com o que trabalha na Alemanha, Rober?

– Trabalho como barman, sou especialista em drinks dos mais variados tipos.

– Sensacional!

– Estive em países da Ásia e até mesmo da África buscando misturas e modos inusitados de preparo visando aprimorar meu trabalho. Comecei com a profissão desde muito cedo e não demorei a perceber o quanto era acompanhado por um dom. As festas de Berlim carregam minha marca.

– Com a propriedade com que fala, deve ser mesmo um dos melhores de Berlim.

– Sim, temos em Berlim concursos de renome mundial e as vezes em que me apresento o sucesso do evento é sempre garantido.

– Deixei a Alemanha faz um tempo considerável. Pena não ter tido a honra de degustar seus famosos drinks.

– Foram muitas madrugadas de histórias e vou lhe contar algumas, podemos pedir mais um prato enquanto lhe conto.

– Estou satisfeito, Rober, e tenho de retornar ao hotel. Sugiro que vá a avenida por agora.

– Desculpe-me, Jérôme, falei demais, tive um devaneio, estou falando muito. Vou imediatamente para a avenida.

– Imagine, Rober, não falou nada demais, apenas contou sobre sua profissão. Às oito horas da noite bato em sua porta para irmos à casa de Stephan. Boa sorte em sua procura.

– Obrigado, Jérôme, até mais.

– Até mais, Rober, fique tranquilo que pago os almoços para Silvia.

(...)

– Boa tarde!

– Boa tarde.

– Procuro... Nome... Riesa... Avenida Beira Mar... Conhece?

– Olha, senhor... Esse bairro eu nunca ouvi falar não, mas deixe eu perguntar aqui na padaria: Jackson! Tem um estrangeiro aqui perguntando onde fica o bairro Kiesa na Beira Mar, você sabe?

– Kiesa? Deixe eu ver... Boa tarde, amigo. Aonde você quer ir?

– Procuro... Nome... Riesa... Avenida Beira Mar... Conhece?

– Nossa... Ele não fala português e não existe esse negócio de Kiesa aqui não.

– Riesa, conhece?

– Ah, rapaz... Riesa é uma pessoa?

– Riesa Vilts, avenida Beira Mar, conhece?

– Espera um minuto, gringo... Chama lá o senhor Edivásio. Morador antigo deve saber.

– Boa tarde!

– Senhor Edvásio, esse gringo aqui quer saber se alguém conhece uma tal de Riesa Dorneles. Ela mora na Beira Mar.

– Riesa Dorneles? O rapaz tá perdido, é?

– Tá perdido não, senhor Edivásio. Ele quer é encontrar essa pessoa desse tal nome aí.

– Pois é... Conheço esse nome também não. Riesa, é?

– Fala de novo aí, gringo... Nome.

– Riesa Dorneles Vilts, conhece?

– Esse sobrenome eu tenho na cabeça, sim. É de um ex-aluno meu. Aquele Jackson... que vinha trocar dinheiro aqui?

– Muita gente vem trocar dinheiro aqui na padaria, senhor Edivásio.

– Ele vinha muito, rapaz! Ele trabalha lá no centro, na bilheteria e por isso que tinha que trocar dinheiro toda vez antes de abrir o caixa. Ele tem esse sobrenome que o moço tá procurando, é o mesmo da chamada nos tempos de escola.

– Ah, senhor Edvásio! É o Otávio. Ele trabalha no centro cultural de Olinda.

– Conhece Riesa?

– Calma, gringo. Tem um papel aí, senhor Edivásio?

– O rapaz tem um na mão.

– Com licença, gringo, vou anotar... Escrever.

– Conhece Riesa?

– Calma, gringo, calma. Vou escrever, certo? Es-cre-ver.

– Sim, sim, desculpe.

– Aqui está: procurar por Otávio Dorneles no centro cultural de Olinda.

– Ele trabalha lá como guia, e o funcionamento é de oito às quatorze horas. Entende?

– Sim, para onde? Para que lado?

– Que lado, rapaz... Não dá para ir agora, olha o que escrevi para você. Amanhã, de oito às quatorze horas você vai lá. Centro cultural, Otávio Dorneles, amanhã, compreende?

– Sim! Amanhã às oito horas. Tomorrow?

– Isso! Tomorrow às oito horas. Onde está seu hotel, gringo?

– Hotel Rubstein!

– Pois é... Siga caminhando até o final daquela rua e de lá você vai ver o hotel.

– Obrigado!

– De nada, gringo. Amanhã às oito horas!

(...)

– Olá, Rober, vamos?

– Desculpe-me, Jérôme, cheguei ainda há pouco e falei com algumas pessoas e elas me disseram onde ficava o hotel, mas quis conversar com outras pelo caminho e acabei me perdendo, rodando por muito tempo e nem sequer tomei um banho.

– Acho que não deveria sair sozinho, Rober. Está quase impossibilitado de comunicar-se e assim se perderá facilmente. Vamos à casa de Stephan e eu não ficarei por muito tempo, também estou bastante cansado. Será bom que conheça mais gente por aqui já que está sozinho.

– Se não for ficar por muito tempo, então irei!

– Encontrou sua amiga?

– Perguntei para algumas pessoas e um senhor me disse que conhecia o sobrenome. Deram-me este papel, você pode ler?

– Claro. ‘Existe um rapaz de nome Otávio Dorneles que trabalha no centro cultural de Olinda das 8h às 14h e ele é guia de lá.’ Este sobrenome Dorneles é o da sua amiga.

– Sim, este mesmo. Poderia dizer onde fica este lugar, Jérôme? Amanhã cedo estarei por lá.

– Vou com você, Rober, a cidade é pequena, mas se você não a conhece se perderá certamente.

– Agradeço uma vez mais pela ajuda.

– Vamos lá, então. Estamos atrasados e Stephan nos espera.

– Pedimos um táxi?

– Está na frente do hotel nos esperando já faz alguns minutos.

– Certo! Esses seus amigos se agradarão da minha presença, Jérôme?

– Claro, Rober. Estão ansiosos para conhecê-lo. Stephan o aguarda para que o forneça o atual cenário da Alemanha, há tempos ele não pisa por lá.

– Imagino que guarde saudades.

– Todos temos saudades do cordão umbilical da terra onde nascemos, mesmo com a distância pequena de nosso tempo quase sem fronteiras, a saudade de onde se veio permanece intocável.

– Tem razão, e essas fronteiras difusas contribuem para que tenhamos saudades de vários lugares. No meu caso, tenho duas raízes e ao pisar aqui senti isso, esse lugar faz parte de mim.

– Compactuo igualmente de suas raízes não só do Brasil como também de toda a América do Sul, meu caso brasileiro é um caso de férias e amor esporádico. Essa terra me prende e vivo num eterno vaivém. A respeito disso, onde estão seus familiares por aqui, Rober? Ainda moram no Brasil ou isso foi só em sua infância?

– Prefiro contar-lhe sobre isso em outra ocasião, Jérôme. Tudo bem?

– Desculpe-me pela intromissão, Rober, façamos como quiser.

– Tudo bem, não se intromete em perguntar, a história é que se alongaria.

– Como quiser, o prédio do Stephan é este aqui. Pare em frente, por favor, amigo. Quanto custou a corrida?

– Vinte e dois reais e cinquenta, senhor.

– Aqui está, obrigado.

(...)

– Jérôme, muito bom te ver. Trouxe seu amigo de nossa terra!

– Rober, este é Stephan.

– Muitíssimo prazer, Stephan. Tive sorte em conhecer Jérôme e aqui estou!

– Fique à vontade, essa é minha esposa, Gabriela, e estes são nossos amigos: Cléber, Antônio, Alceu e Rebeca.

– Prazer... Boa noite! Jérôme... Avisou a eles que eu não falo português?

– Vou avisar: nosso amigo Rober pede para avisar que é gringo de tudo, não fala português, no entanto, não se preocupem, pois ele é um exímio barman e logo estaremos todos falando a mesma língua.

– Meu Deus...

– O que disse, Rober? Está tudo bem?

– Nada, Stephan, estou bem. Obrigado.

– Que bom conhecer um barman. Um ótimo amigo para se trazer aqui, Jérôme. Meus parabéns. Vamos provar todos os drinks alemães, só saio daqui quando provar todos.

– Fique calmo, Alceu. Rober não veio de tão longe para responsabilizar-se por sua embriaguez.

– Um drink ao menos ele não há de negar!

– Alceu está pedindo que faça um drink alemão para cada um. É possível, Rober?

– Precisaria de meus instrumentos, Stephan, e não os trouxe.

- Venha, temos tudo em nossa cozinha. Não lhe faltará absolutamente nada, e se algo lhe falta, basta pedir que daremos um jeito.
- Seu amigo faz malabarismos com garrafas?
- Se faz alguma performance, Rober, é o que Rebeca está perguntando.
- ... Claro, mas como o espaço aqui é curto não seria recomendável.
- Ele disse que não vai dar, Rebeca, pois o espaço do apartamento é pequeno e poderia machucar alguém.
- Tudo bem, nos contentaremos com os drinks.
- Aqui está nossa cozinha, Rober, temos um minibar no canto e alguns tipos de açúcar no armário. Deixarei você a sós para o preparo e se precisar é só chamar a mim ou a Gabriela.
- Obrigado, Stephan. Chamo se necessitar. Preciso antes fazer uma ligação e começo em poucos minutos.
- Fique tranquilo, Rober, tudo no seu tempo.
- Alô, Lauriny?
- Vilts? Por que não atendeu, liguei muitas vezes. Chegou ao hotel? Como você está? Aconteceu alguma coisa?
- Escute, Lauriny, só escute, por favor. Estou na casa do amigo de um alemão que conheci no hotel.
- Por que não ligou?
- Não recebi suas ligações, Lauriny. Conheci este rapaz alemão e ele está sendo meu elo de comunicação com todos.
- Por que você está na casa dessa pessoa?
- Tive sorte em encontrar Jérôme, esse alemão do qual te falo, e não pude recusar o convite que ele me fez. Peço que escute! Estou com um grande problema.
- O que lhe aconteceu?
- Aconteceu o seguinte: saí para almoçar com Jérôme e mais uma vez contei uma história estranha, meus devaneios sem lógica. Falei coisas que nunca fiz e afirmei coisas que não sou...
- Isso não é um problema, Vilts. O que importa isso em um lugar onde ninguém conhece quem você é, apenas sustente o que falou e tome pra si como verdade.
- Estou numa cozinha de apartamento, Lauriny, a bancada está cheia de bebidas que nunca vi na vida e a sala está lotada de gente esperando que eu, experiente e exímio barman alemão, prepare drinks para todos.
- Você disse que era um barman?
- Mais do que isso, falei que era o melhor deles. Falei um monte de besteiras e agora tenho que encher estes copos com alguma coisa, as pessoas estão esperando e eu vou acreditar em milagres se por acaso um deles acontecer agora.
- Diga a todos que você estava brincando e que não sabe fazer isso... Não vejo outra forma de lhe ajudar.

– Não posso, Lauriny, como Jérôme vai ficar? Ele me trouxe aqui e vou desmenti-lo na frente de todos se fizer isso. Liguei pra você, pois uma vez chamamos um de seus amigos de faculdade para nossa casa e ele fez variadas bebidas para todos, se lembra?

– Lembro, sim. O Pierre, posso ligar para ele e...

– Oi, Rober, tudo tranquilo? Ainda não fez? Quer ajuda?

– Perdão, Stephan, estou no telefone com minha esposa.

– Desculpe-me, se não se importa vou dividir a cozinha contigo. Tenho que preparar umas batatas para as bocas em alvoroço.

– Claro... Te ligo mais tarde, Lauriny.

– Atrapalhei sua conversa... Mil perdões.

– Já estávamos no final da ligação...

– Em que local moram na Alemanha?

– Atualmente estamos em Berlim.

– Jérôme estava dizendo na sala que você é um barman de renome em Berlim.

– Exagerei muitas coisas a ele, sempre temos o que aprender não é?

– Sim, sempre aprendendo. Também acho que as coisas caminham deste modo e a propósito, morei em Frankfurt por grande parte de minha vida, na época da faculdade fui a...

– E esse drink? Sai ou não sai? Estamos ansiosos!

– Está saindo, Jérôme, eu é que estou tomando o tempo de Rober falando sobre nossa Alemanha.

– Pois deixe o homem nos embebedar, Stephan, e depois você ficará mais solto para reviver as nostalgias alemãs.

– Farei isso. Jérôme, leve as batatas e a carne frita para o pessoal. Por enquanto isso será suficiente.

– Onde está mesmo o sal, Stephan? É só o que falta.

– Aqui, sal e açúcar.

– Pronto, Jérôme. Já que voltou pode me ajudar a levar os copos para a sala? Já estão prontos, fiz um de meus mais simples, pois não conto com os instrumentos adequados, falta só colocar o gelo.

– Vou levando pra sala e você traz o gelo.

– Tudo bem

– Pessoal, aqui estão os drinks de nosso barman!

– E onde está o nosso barman para apresentá-los.

– Trazendo o gelo... Aí está ele. Rober, queremos a apresentação dos drinks antes de degusta-los.

– Fiz dois tipos de drinks. Estes são os Salzbrand e Süße Feuer.

– Jérôme, Stephan, isto tem tradução?

– Ao pé da letra, Gabriela, quer dizer: fogo de sal e fogo de doce.

– Proponho então um brinde ao nosso barman, e que ele seja muito bem-vindo em Olinda. A cidade que adoramos.

– Um brinde!

– ... Diferente esse gosto, não é Antônio?

– Diferente é um elogio, está horrível, Cléber.

– Não fale alto, deve ser bom lá na Alemanha, vamos respeitar.

– Jérôme, agora que tomamos os drinks, peça para Rober girar as garrafas como fazem os barmen, eu sempre quis ver isso.

– Ele disse que não temos espaço suficiente, Rebeca, lembra?

– Sim, mas peça novamente, por favor.

– Rober, Rebeca está insistindo que você gire as garrafas no ar assim como fazem os barmen.

– Diga a ela que o espaço não é suficiente.

– Nós abrimos um espaço, Rober. Rebeca insistirá nisso a noite toda, eu a conheço, agora que bebeu falará disso a noite toda e Cléber é pior ainda, não demora e ele vai pedir-lhe o mesmo.

– Vou tentar então... Antes, me dê mais um gole desse drink.

– São seus, vai fundo!

– Vamos lá...

– Cuidado, Rober...

– Nossa... Por pouco não mata Alceu.

– Sua mesa de centro se foi, Stephan...

– Pois é, pessoal, Rober disse a todos que não havia espaço.

– Jérôme, preciso me esconder tamanha vergonha que sinto agora! Vamos embora. Aliás, peça desculpas a todos por mim. Estou indo embora.

– De modo algum, essas coisas acontecem, Rober.

– Vou mesmo embora, cheguei de uma longa viagem e nem sequer descansei, amanhã acordo cedo. Desculpe-me novamente.

– Pessoal, vou com Rober, ele ainda não descansou e vamos sair amanhã cedo, voltarei com ele.

– Tudo bem, Jérôme, depois nos vemos. O homem deve estar cansado mesmo, e toda essa gente o pressionando para fazer drinks. Fique tranquilo, Rober. Nada se passou. Volte quando quiser.

– Obrigado, Stephan. Desculpe-me por tudo. Até um dia.

– Calma, Rober. Já chegaremos ao hotel, você está muito nervoso, estas coisas acontecem e seu celular não parou de tocar um minuto enquanto você girava as garrafas, isso deve ter desconcentrado você.

– Jérôme, eu nunca fui barman na vida!

– Sério?

– Muito sério!

– E por que disse que era um?

– Estava brincando com você e não tive tempo de desmentir, pois mudamos de assunto rapidamente em nosso almoço. Outra coisa, estou vindo ao Brasil à procura de minha mãe e não de uma amiga. Estou passando por alguns problemas e não quis abrir-me completamente contigo. Comecei muito mal, me desculpe.

– Entendo não querer abrir-se com um estranho, mas por que inventou essa história? Falei a todos que você era o melhor barman de Berlim e todos tomaram aquele drink horrível que você preparou por conta

da propaganda que fiz, eu cheguei até a dizer que na Alemanha aquele tipo de bebida era comum, pois vi que todos quase se intoxicaram com sua bebida. Como faz isso, rapaz?

– Tive de manter essa história de barman porque você me anunciou como tal e não quis desmenti-lo para seus amigos. Desculpe-me mais uma vez.

– Stephan também não engoliu seus drinks de Fogo e ainda perdeu sua mesa de centro.

– O que mais posso te dizer? Sou apenas vergonha agora, não tenho mais a falar. Não te incomodarei mais.

– Tínhamos combinado de ir ao centro no encontro do rapaz que tem o sobrenome de sua amiga... Mãe, quero dizer, ou isso também não é verdade.

– Tudo verdade. Eu mesmo vou. Não se preocupe.

– E como vai se comunicar?

– Ainda não sei, estou com um dicionário de frases prontas em minha mala, vai ser por ele.

– Vou com você, ainda assim.

– Não gostaria que fosse, Jérôme. Estou com vergonha de ainda estar a seu lado, hoje já foi suficiente.

– Falei que iria contigo, Rober. Então irei a não ser que esteja brincando com minha cara novamente. Tem mais a me falar?

– Sem brincadeiras. Meu nome é Rober Vilts e procuro minha mãe que não vejo desde a infância. Riesa Dorneles Vilts.

– Amanhã cedo estarei na recepção do hotel após o café.

– Quanto tempo levamos até lá?

– Vinte minutos de caminhada se formos devagar.

– Boa noite, Jérôme.

– Boa noite, Rober Vilts!

(...)

– Como dormiu, Rober?

– Não muito bem, Jérôme. A noite de ontem foi bem agitada. Foi difícil pegar no sono de madrugada.

– Esqueça disso. Passou, Rober.

– No entanto, acordei animado, quem sabe encontro minha mãe?

– Há quanto tempo não se encontram?

– Muito tempo, Jérôme. Tinha por volta de nove anos quando nos separamos.

– Deve ser uma história complexa. E o que provocou toda essa distância?

– Várias coisas, Jérôme, e a principal delas foi a intenção de meu pai e sua família em nos afastar. Espere um só minuto, preciso ligar para minha esposa, prometi que ligaria pela manhã.

– Sua ansiedade encontrará o devido alívio, Rober. Fique à vontade, vou comprar algo para bebermos.

– Alô... Vilts. Está vivo depois de ontem? Fiquei rodando na cama preocupada e você não retornou nenhuma das ligações.

– Calma, Lauriny. A noite de ontem foi longa e quando cheguei ao hotel não quis prolongá-la ao telefone contigo. Estou indo para o centro de Olinda, pois parece que existe um garoto por aqui com sobrenome de Riesa, Otávio Dorneles. Consegui essa informação com alguns moradores do local.

– Otávio? Ótima notícia, Rober! Como vão se comunicar?

– Estou com Jérôme e ele será meu tradutor.

– O mesmo de ontem?

– Sim, ele mesmo e, antes da pergunta, Jérôme já sabe que não sou barman e entendeu a brincadeira de mau gosto.

– Deixa eu falar com ele.

– Nem o conhece, Lauriny.

– Passe o telefone, Vilts!

– Espere... Jérôme, minha mulher quer falar com você.

– Bom dia, senhor Jérôme. Aqui é Lauriny e sou esposa de Rober Vilts, como vai?

– Muito prazer, Lauriny.

– Quero agradecer por estar ajudando meu marido de bom grado. Ele me ligou ontem à noite e explicou a confusão em que se meteu brincando sobre a profissão de barman jamais exercida. Brincadeira de mau gosto.

– Foi uma brincadeira estranha, mas já resolvemos tudo.

– Ainda assim, agradeço.

– Estou tendo o prazer de ajudar a um conterrâneo. Dispensio os agradecimentos.

– Muito obrigada.

– Por nada, foi um prazer. Passo o telefone novamente a Rober.

– Vilts, vejo que está com sorte em ter esse homem em seu auxílio. Tente se policiar nos devaneios que lhe acometem e me ligue com mais frequência. Estou torcendo para que encontre Riesa.

– Obrigado, Lauriny, chegamos ao centro cultural para procurarmos o garoto, deixo você a par de tudo. Te amo.

(...)

– Bom dia a todos, estamos à procura de um rapaz que aqui trabalha de nome Otávio.

– Ele está lá dentro e vou chamá-lo. Vocês vieram para uma visita guiada?

– Digamos que sim!

– Estou nervoso, Jérôme. Não tenho ideia de como me portar frente a esse rapaz, não sei por onde começar as perguntas.

–Diga a ele que provavelmente são parentes, veio para isso, não é mesmo?

–Está longe de ser tão fácil!

–Tudo bem. O rapaz parece ser o guia deste local, façamos uma visita guiada junto a ele e quando você estiver mais seguro pergunte o que quiser e vou traduzindo para ele.

–Uma boa ideia.

–Bom dia, senhores. Vieram para a visita guiada?

–Bom dia, meu nome é Jérôme e tivemos a indicação de seus serviços. Gostaríamos que nos guiasse na apresentação do centro histórico.

–Será um prazer, meu nome é Otávio e vou conduzir os senhores aos locais mais visitados e importantes de nossa cidade. As histórias da cidade datam das primeiras décadas após a vinda dos portugueses ao Brasil assim como da entrada dos holandeses em nossas terras... E os senhores, de onde vêm?

–Somos da Alemanha, no entanto meu amigo não entende muito o português e serei o tradutor para nosso passeio.

–Sejam bem-vindos!

–Seu nome é mesmo?

–Otávio, senhor, Otávio Dorneles. Começaremos com a apresentação do artesanato local, passando pelos casarões de época, contarei a história da cidade de forma regressiva passando pela atual Olinda até os primórdios de sua história. Teremos ao final uma visita à casa de frevo para conhecermos os diversos tipos relacionados a esta marca de nossa cultura.

–A cidade é muito bonita e seu trabalho é muito importante, ajuda a fomentar o interesse pelo passado. Você me parece muito jovem para nos guiar a este passado, por que se interessou por este trabalho, Otávio?

–Estou em formação no curso de história e esta foi uma oportunidade para estar perto da cultura dessa cidade, além disso, é um bom trabalho. Conhecemos pessoas do mundo inteiro através dele.

–E você sempre foi de Olinda?

–Estou na cidade há cinco anos, vim para cá com minha família. Somos da Bahia. A terra de vocês não me é estranha e já a visitei algumas vezes.

–Espere um pouco, pois preciso traduzir essa informação a meu amigo.

–À vontade.

–Rober, Otávio está contando sobre seu passado: morou na Bahia, está aqui em Pernambuco faz cinco anos e foi algumas vezes à Alemanha. Está pronto para perguntar algo?

–Riesa Vilts. Pergunte se ele a conhece.

–Otávio, meu amigo pergunta se conhece uma mulher com nome Riesa Vilts?

–Minha mãe, vocês a conhecem? De onde a conhecem?

– O que ele disse, Jérôme?

– Que é a mãe dele, Riesa Vilts... Você é irmão desse rapaz.

– Não sei mais o que perguntar.

– Espere... E onde está sua mãe, Otávio? Nós a conhecemos e gostaríamos de falar com ela.

– Volta amanhã para Recife... De onde a conhecem?

– Fique tranquilo, Otávio. Vim acompanhar meu amigo que veio da Alemanha somente para procurar sua mãe, e ao que tudo indica, parece que ele a encontrou.

– E de onde seu amigo conhece minha mãe? Da Alemanha?

– Então, Rober Vilts, posso dizer a Otávio o porquê de sua visita?

– ... Seu nome é Rober Vilts?

– Sim!

– Meu Deus... Você é o irmão que tanto procurávamos?

– O que ele disse, Jérôme?

– Confirmou que você é o irmão dele.

– Você tem certeza de que está dizendo a verdade? É mesmo Rober Vilts?

– Mostre algum documento a ele, Rober.

– Aqui está.

– Vamos parar um pouco. Não precisa traduzir, senhor Jérôme. Consigo uma comunicação rasa em alemão. Apenas nos ajude.

– E por que não disse antes? Estou aqui para ajudá-los.

– Meu alemão não é dos melhores. Mas tentarei.

– Tudo bem.

– Rober, quando eu nasci minha mãe ainda estava à sua procura, por quase todos os meses, íamos para a Alemanha constantemente para encontrá-lo e a última grande tentativa se fez há cinco anos. Mudamos da Bahia neste período e viemos para cá. Minha mãe recebia informações todo o tempo e sempre eram falsas. Chegamos a vasculhar a Polônia por conta da possibilidade de encontrá-lo por lá.

– Estive breve período na Polônia e estou admirado em ter um irmão.

– Você tem uma irmã também, um ano mais nova que eu e ela mora em Hanover, na Alemanha.

– Em Hanover? Estávamos relativamente próximos. Moro atualmente em Berlim.

– Berlim? Talvez tenha cruzado com nossa mãe na rua, pois por lá ela também te procurou. Ela tentou voltar a fazer apresentações nos palcos berlinenses para manter o dinheiro necessário para sua procura pela Alemanha.

– E onde ela está agora?

– Está em nosso apartamento no Recife. Chegou ainda há pouco do Rio de Janeiro. Por lá dirige sua nova peça teatral. Eu disse para vocês que ela chegaria amanhã porque não os conhecia e nossa mãe recebeu algumas ameaças durante a vida devido ao empenho na sua busca.

– Ela então não abandonou os palcos. Essa é a imagem que tenho de Riesa em minha infância, rodeada da fantasia teatral e pelos inúmeros personagens e histórias que o teatro lhe oferecia.

– Ela nunca largaria o teatro. Vamos ligar agora e contar tudo isso. Estou muito feliz e nossa família mudará de agora em diante!

– Não pelo telefone, Otávio, a notícia é bem forte para esta via. Preciso abraçá-la e antes me preparar para este encontro, pois pensei muito nesse momento, mas a realidade extravasa minha coragem.

– Entendo, Rober, meu irmão... Você decide. Podemos ir agora e nem mesmo retorno ao trabalho, meu carro está próximo e já partimos daqui.

– Iremos agora, está decidido. Deixarei a impulsividade engolir meus medos, não conseguirei pensar racionalmente nisso. Vamos! Vem conosco, Jérôme?

– Fico por aqui, Rober, e fico feliz! Quando buscar seus pertences no hotel nos despedimos. Fico emocionado diante de sua belíssima história. Quero que um dia possamos sentar e conversar mais sobre ela.

– Agradeço, Jérôme. Você viabilizou de certa forma isso tudo. Sentaremos juntos e contarei toda minha vida a você. Sou muito bom em contar histórias até mesmo as que nunca foram minhas... Você já deve ter percebido.

– Percebi, meu caro amigo barman. Adorarei sentar contigo e ouvir suas histórias enquanto tomamos seus horríveis drinks de fogo doce. Muita sorte no reencontro com sua mãe.

– Obrigado, amigo!



O Teatro Real da Vida Teatral

– Qual o nome de minha irmã, Otávio?

– Nossa irmã se chama Cecília e fará dezoito anos no próximo mês. Ela virá correndo assim que souber o presente que recebemos dos céus lhe encontrando.

– A minha felicidade também é enorme, Otávio. É muito bom ter irmãos, saber que tenho uma família muito maior do que pensava, temos muito para conversar.

– Sua presença ainda é muito forte em nossa casa. Apesar de não termos conhecido você, crescemos ouvindo a história da sua vida, os momentos em que nossa mãe passou contigo e como vocês se separaram. Você ainda mora com seu pai?

– Sou casado e já não moramos juntos. Falemos sobre isso outra hora, no momento estou pensando no que direi a Riesa.

– Claro, peço desculpas. Deve estar muito ansioso. Gostei da Alemanha nas vezes que passamos por lá, apesar da tristeza de nunca encontrá-lo. Cecília mora com um de nossos tios em Hannover. Está estudando por lá. Quando eu tinha dezesseis anos, fiquei um ano com ele e por isso consigo falar alemão, ainda que não muito bem.

– E que tio é esse?

– É o Francisco, lembra-se dele?

– O nome não remete a uma lembrança e provavelmente ele era distante em meus tempos de infância quando estive no Brasil para as férias.

– Quando você sumiu, foi o tio Francisco quem mais deu suporte à nossa mãe. Ele tentou encontrá-lo, tal como ela. E após idas e vindas da Alemanha, ele ficou por lá e servia como uma base de apoio toda vez que minha mãe precisava ir novamente.

– E seu pai, Otávio, quem ele é? Ele ajudou também?

– Enquanto pôde, tentou ajudar. Ele já faleceu.

– Desculpe-me.

– Não é preciso, gosto muito de falar do meu pai e o amo como se ele ainda estivesse vivo. Você gostaria dele se o tivesse conhecido.

– Vejo que Riesa teve outras perdas durante a vida.

– Teve sim, nossa mãe ainda estava se recuperando da dor de ter perdido você e de repente teve que multiplicar suas forças quando meu pai também se foi.

– Muito aconteceu e isso me dói... São coisas que não retornam, boas ou ruins eu gostaria de poder estar por perto para vivê-las.

– Não tivemos somente tragédias em nossa família e nossa mãe se ergueu de tudo isso e usou o trabalho para voltar a sorrir. Nossa família se uniu bastante e sua chegada coroa o momento em que estamos todos muito bem. A vida tem sido calma com a gente.

– Estou contente em ouvir isso, Otávio. Tiveram muita força para lidar com tudo.

– E você, Rober, como viveu este tempo todo?

– É uma pergunta impossível de se responder em resumo, Otávio. Temos que degustar o tempo agora que nos encontramos. Quero contar tudo o que perguntarem, de modo lento com detalhes, vírgulas e pausas.

– Faremos isso com você também e estou ansioso para contar-lhe muitas coisas. Vamos descer aqui.

– Aqui?

– Sim, você está bem?

– Nem sei como te responder, Otávio, perdão. É uma situação em que preciso me conter, senão a ansiedade me deixará em choque.

– Estranho seria quem não reagisse assim, Rober. Pense que este é um momento muito feliz para todos nós e talvez te ajude a diminuir essa apreensão. Moramos no sétimo andar e temos a vista para a praia de Boa Viagem. Você irá gostar. Entrarei primeiro e aviso à minha mãe que te encontrei, preocupo-me diante da intensidade da surpresa. O que acha?

– Quero vê-la o quanto antes. Ela teve forças para suportar os anos de ausência e certamente estes foram bem mais duros do que a surpresa que terá agora.

– Sendo assim, entre e seja muito bem-vindo. Mãe, onde a senhora está?

– No quarto, Otávio, venha aqui.

– Venha na sala, por favor, venha logo.

– ... Meu filho?

– Riesa... Mãe? Sou eu Rober.

– Sei que é você... E não quero largá-lo nunca mais desse abraço... Esse é o melhor dos meus dias.

– Sinto que seu cheiro ficou gravado em mim, desde a última vez que nos vimos.

– Sente um pouco, mãe. Você está tremendo de cima abaixo.

– Estou mesmo, Otávio. É a saudade saindo de meu corpo.

– Entendo e sinto essa palavra em português ‘Saudade’.

– Muito do que senti nesses anos passa por ela, Rober.

– Enfim nos encontramos Riesa, minha mãe!

– Sim, e justo com um filho a trazer o outro. É maravilhoso o que está acontecendo. Como se encontraram? Como trouxe Rober até aqui, Otávio?

– Ele nos achou, mãe. Rober veio da Alemanha em busca da senhora e acabou por encontrar-me antes disso.

– Nunca imaginei que ainda estivesse na Alemanha. Sacudi aquele país pelo avesso à sua procura e você foi quem me achou.

– Encontrei a senhora somente por conta de Babilka.

– Babilka?

– Sim, ela resolveu expurgar os males que acompanhavam a alma antes de encontrar-se com a morte.

– Logo Babilka, interessante essa vida. Dela jamais esperei nobreza ou bondade em gestos. E do que Babilka morreu?

– Ela não morreu. Está com uma doença terminal que somente ela sabe do que se trata e, diante da finitude próxima, resolveu contar que você nunca me tinha abandonado.

– E como chegou aqui? Relutei durante anos em mudar de nossa casa, temendo que um dia você regressasse à Bahia e não mais nos encontrasse por lá. Deixei os vizinhos em vigilância constante e ainda hoje cada novo morador que se apresenta por lá fica sabendo que, se um dia você voltar, imediatamente deverá comunicar-me. A mãe de Rober Vilts, todos conhecem minha história por lá.

– Imaginava que já tivesse se desfeito daquela casa. Quando era criança vocês já falavam em vendê-la.

– Somente alugamos, pois, não tive coragem para me desfazer dela. Apesar do sofrimento, aquele era o único elo físico que me ligava a você. Ir naquela casa me fazia sentir um doloroso abraço de despedida e isso era tudo o que eu tinha de você quando passava por lá.

– Talvez nunca tenha a dimensão do que passou Riesa. Perder um filho vivo é encontrar a morte sem encará-la. Sofri muito com tudo isso e senti uma dor verdadeira mesmo diante de um falso abandono.

– Foram muitos sentimentos em todo este tempo, Rober, e meu coração está ainda tão machucado que aos poucos vai se adaptando em sentir essa grande alegria de revê-lo. Foram muitos anos à sua procura e, sinceramente, nunca desisti de procurá-lo, ainda que agora eu sinta o peso da idade.

– A idade não lhe pesou tanto, Riesa. E o que mais povoa minha memória de menino é este sorriso radiante ainda estampado em seu rosto.

– Gostaria de respondê-lo à altura, caso eu conseguisse parar de chorar, me desculpe.

– Chorar de alegria depois de tantas lágrimas em reverência da tristeza! Vamos aproveitar e chorar o quanto for necessário.

– Preciso avisar toda a família, amigos, ao mundo... Ligue para todos eles, Otávio. Avise todo mundo que Rober está novamente conosco. Eu não conseguirei falar isso sem soluçar ao telefone. Minha insistência fez muitas pessoas se envolverem em sua busca, agora chegou o momento de compartilhar este desfecho na minha família e na de meu ex-marido.

– Otávio comentou a respeito.

– Essa perda foi irreversível e não menos dolorosa. Aos poucos o tempo mostrou a ternura do que vivemos juntos e pouco a pouco voltei a sorrir.

– Com licença, mãe. Muitos da família se reunirão na Bahia para ver Rober e querem saber quando poderá levá-lo?

– Vamos ver isso mais tarde, Otávio. Tenho primeiro que desmarcar a apresentação pela Europa hoje mesmo e arrumar os quartos para todos. Onde estão suas malas, meu filho?

– As deixei no hotel em Olinda. Hotel Rubstein.

– Eu busco para você, Rober.

– Obrigado pela gentileza, Otávio. Peço o favor de avisar ao senhor Jérôme, que nos acompanhou, que enfim encontrei minha mãe. Encontrei Riesa.

– Vejo que ainda tem dificuldade em me chamar de mãe...

– Estou ainda em choque, Riesa. E nutri muitas coisas dentro de mim nos anos em que pensei ter sido abandonado, mas não falemos mais sobre isso. Responda-me, que apresentações são essas que fará pela Europa?

– Estou novamente em andanças pelo mundo, meu filho, carregando o teatro em minhas costas. É uma paixão que me deu forças para existir e resistir perante a sua ausência.

– Felicidade, Riesa! É o que sinto em saber da sua ligação perpétua com o teatro, lembro-me de que eu era o crivo de suas performances antes que elas fossem transportadas ao palco em definitivo.

– Você ainda se lembra disso? Se meus personagens o desagradassem com certeza desagradariam igualmente à multidão, você era o meu melhor termômetro.

– Lembro-me de tudo isso com riqueza de detalhes. Fui eu seu primeiro crítico apesar de nunca criticá-la.

– Você tinha medo de personagens esbranquiçados, cheios de pó no rosto e, quando eu inevitavelmente tinha que os interpretar, fazia longe de suas vistas.

– Disso não me lembro. Preferi guardar na memória os personagens cômicos que você criava, sempre achei que estes lhe caíam bem melhor.

– Aos seus olhos de criança, certamente eram esses que você precisava ver.

– Talvez assim fosse... Hoje, já adulto, consigo ter a dimensão do quão espetacular é poder expandir-se em outros seres através do ato teatral, poder ser aquilo que a imaginação permitir é fascinante.

– Suas palavras me fazem lembrar o encanto dos iniciantes. Corremos um risco na pretensão de ser tantas pessoas diferentes. Interpretar é absorver a vida dos outros e nem sempre estes outros são amigos do nosso próprio eu.

– E hoje? Continua a interpretar esses personagens inimigos?

– Muitas vezes isso não é uma escolha, meu filho, e ao interpretar personagens muito distantes do que sou acabo sendo eu a interpretada. No

palco, nos ensaios, ou mesmo em leituras de texto corro o risco do personagem, mesmo que por um instante, tomar a rédea da situação e mostrar que é muito maior do que as ferramentas que disponho para interpretá-lo.

– Alegria é o que sinto em ouvir essas palavras, Riesa. Elas se aproximam de meu atual momento. Ando inventando histórias alheias, talvez para descansar da minha própria.

– Talvez todos façam isso. A diferença é que eu julgo-me profissional.

– Quem dera esse meu fazer fosse profissional assim como as histórias dos seus personagens. Estou mergulhado em vidas que nunca pertenceram a meu conhecimento... Enfim, não é bom encher-lhe com isso. Temos outras coisas muito mais importantes a conversar. Qual apresentação fará na Europa?

– Não irei. Cancelarei hoje mesmo para que possamos ir à Bahia e fazer você rever a todos.

– Não cancele seu trabalho por mim, Riesa.

– Espero ouvir de você que ainda sou sua mãe.

– Se lhe conforta, minha intuição diz que está já na ponta da língua e ainda vou chamá-la de mãe para o resto da vida.

– Nunca houve abandono, meu filho. Houve Petrus e sua família a retirar você de mim por crueldade vingativa.

– Sei bem disso, Riesa e, aos poucos, esse saber se transportará ao coração. Quero entender, no entanto, por que irá cancelar seus compromissos por conta de minha chegada. Não faça isso. Sonhei durante muitos anos de minha vida vê-la atuando.

– Subo ao palco com muito menos frequência e atualmente produzo os atores e escrevo peças a serem apresentadas em todos os espaços conquistados durante minha carreira.

– É esta viagem para a Europa, apresentará alguma peça?

– Apresentamos em alguns estados brasileiros e a levaremos para Alemanha, França, Irlanda e Nigéria. A peça se chama A montagem da vida.

– Nome amplo para uma peça, pode me dar um resumo do que será apresentado?

– É uma peça aberta com participação da plateia. As pessoas que nos assistem já sabem de sua possível participação. Então, assim que compram as entradas, tornam-se possíveis atores e atrizes do espetáculo. Disparamos de cenas iniciais e os atores vão contando histórias falando sobre sentimentos humanos e sobretudo o que possa contagiar a plateia. Quem subir ao palco entra na peça e poderá modificá-la por completo agregando seus sentimentos, histórias, percepções e mudando o rumo da apresentação.

– Certamente é incrível, mãe!

– Ótimo ouvir isso de você.

– Foi espontâneo. Disse a você que naturalmente a pronunciaria e o fiz de coração.

– Eu senti isso, Rober.

– Desculpe-me a curiosidade: pode contar mais sobre esta peça?

– Posso, sim. Temos algumas conclusões ao encená-la, pois os participantes confrontados com a surpresa e a exposição da realidade não conseguem fugir da cadeia que aprisiona muitos de nós. Me refiro a uma cadeia do futuro. Sendo assim, eles montam uma vida no palco repleta de desejos previsíveis, idealizações redundantes. Algumas pessoas revelam no palco aquilo que querem de seus maridos ou esposas que o assistem na plateia e encenam relações conjugais imersas na felicidade, filhos com carreiras impecáveis. Muitas vezes colocam-se no lugar de artistas rebaixam suas vidas reais e em cima do palco se evidenciam com uma vida imaginária recém-criada.

– Ainda é um pouco obscuro para mim o entendimento total da peça e ao menos no que pude entender existe uma total liberdade para se montar uma vida em cima do palco e os atores podem ajudar nesse intento. É um projeto curioso.

– Uma boa palavra. É uma peça curiosa até mesmo para mim que há três anos dirijo e enceno. Surpreendo-me com as montagens feitas no palco e o risco que se corre quando a liberdade está disponível.

– Que tipo de risco?

– As pessoas querem ver um espetáculo, querem ser entretidas e nesta peça a liberdade chega mesmo ao ponto de destituir as expectativas teatrais. Quando abrimos uma peça ao acaso não podemos prever nem por um instante como terminará como será seu processo se porventura terá uma junção lógica de sentido. É realmente imprevisível.

– Imprevisível como um sonho.

– É uma ótima metáfora. Durante os anos no envolvimento deste espetáculo percebemos que as pessoas buscam entrar em contato com suas vontades e visam tornar real sua vida imaginada, nem que por um mísero instante. É uma pretensão irrealística, podemos, sim, chamá-la como você bem disse: Sonho!

– Um espaço para as pessoas montarem uma vida à moda de suas preferências?

– Talvez, não fosse o fato de que não se pode montar nem mesmo uma vida imaginária sem percalços de uma vida real.

– Tornou-se mais confuso agora.

– Na peça, quando os participantes sobem ao palco e montam sua vida controlando os atores fixos e os fazendo convergir para um final harmonioso, a montagem de repente desmorona como dominós enfileirados. Os nossos atores rebatem o mundo encantado que se formou e apontam o que não lhes satisfazem. No começo eles são direcionados pelo convidado da plateia e não oferecem resistência diante dos desejos do participante. Logo após, interferem ativamente e podem discordar, indagar,

direcionar e interagir de todas as formas com o participante. É nessa hora que a peça se torna interessante e o controle foge pelas arestas.

– Isso acontece com frequência? Os atores sempre interferem na montagem da vida dos convidados da plateia?

– Com bastante frequência. Para que isso não ocorra, as pessoas da plateia criaram alguns mecanismos: eles perceberam que para manter o domínio dos atores e de suas vidas montadas no palco teriam de nos dar papéis de subalternidade extrema, sendo assim, nós, os atores e atrizes, ficamos amordaçados nesses papéis e com pouca flexibilidade para interagir na peça. São artifícios que remetem à realidade de muitos os que no palco sobem. Muitas pessoas acabam criando uma fantasia dupla: a da vida real e a da encenação sob os holofotes.

– Imagino o quanto isso deva bagunçar os sentimentos do público. Preciso ver esta peça e, se possível, quando a senhora estiver atuando.

– Os sentimentos são variados. Por vezes, tivemos de separar agressões físicas, interromper choros compulsivos e também nos divertimos com risadas que não tinham fim.

– Fico somente a imaginar como tudo isso se dá.

– Uma vez, Rober, tivemos em numa apresentação um convidado que fez jus ao nome da peça: ele subiu ao palco como uma mulher que aparentava ser sua esposa e seus três filhos. Sentou-se na mesa leu o jornal que estava sobre ela. Seus filhos ainda de pequena idade brincavam como se ninguém os tivesse a observar. A mulher conversou sobre o casamento dos dois enquanto ele acariciava a cabeça de um de seus filhos. Este casal não modificou os atores que já estavam no palco, não lhes disseram o que fazer, pelo contrário, apenas se apresentaram e perguntaram os nomes como se conhecessem um vizinho novo. Conversaram de modo trivial com os atores e após longos minutos desceram do palco. A plateia se entreolhava, questionando o que essas pessoas foram fazer ali se praticamente nada fizeram. Esta família subiu ao palco como uma forma de dizer que a vida não precisa ser montada. Apresentaram o cotidiano por eles vivido, não deram papéis a quem quer que fosse, não idealizaram um futuro, mantiveram-se no presente e compartilharam isso conosco. A plateia se entediou diante da banalidade exposta e nessa hora, de modo fantástico, o casal subiu novamente e explicou que esta era a vida banal que tinham e só subiram ao palco porque as crianças queriam um espaço mais amplo para brincar do contrário não iriam ficar mais nem um minuto naquela peça chata, à qual foram forçados a ir...

– Realmente fantástico. É um senhor desafio lidar com nossas frustrações. Precisa levar a peça adiante. Não a interrompa, leve-a para todos os cantos que puder.

– A causa é nobre, Rober, não conseguirei pensar em nada agora que você está aqui. Peças vão e vêm com mais frequência. Você quando foi levou quase uma vida inteira para retornar.

– Deixe-me ir vê-la com sua peça, iremos juntos. É algo realmente muito importante para mim. Poderemos ver toda a família amanhã mesmo na Bahia, assim poderá prosseguir com sua peça.

– Eu embarcaria amanhã, Rober, e não teríamos tempo de ver nossos familiares.

– Por onde começa as apresentações na Europa?

– Alemanha e Portugal.

– Pois bem, mãe, iremos para a Alemanha! Você tem uma nora para conhecer e eu tenho uma peça para vê-la dirigir. Depois regressamos ao Brasil e desse modo você não precisará cancelar sua viagem.

– É tentador, Rober, pois já tenho acertos com toda a companhia de atores envolvidos e estou acertando essa vigem há meses. No entanto, Otávio falou com toda a família e não posso privá-los de seu abraço. Meu telefone não para de tocar.

– Estou igualmente ansioso, mãe, mas levá-la à Alemanha será um grande sonho. Quero muito que conheça Lauriny, minha esposa.

– Vou ligar para os parentes e explicar a situação, Rober. Eles vão se decepcionar, porém, noto que isso é realmente importante pra você. Consulte se poderemos pegar o mesmo voo amanhã às nove da manhã.

– Farei isso. Em quais cidades alemãs irão se apresentar?

– Teremos três dias de ensaios e organização. Começamos por Berlim, Hannover, Frankfurt, Bremen e depois iremos para Portugal.

– Iremos para minha casa, então. Moro em Berlim e a senhora ficará comigo e com Lauriny em nossa casa.

– É melhor ficar no hotel junto dos atores da peça, Rober. Não quero causar incômodo à sua esposa, pois ficaremos 10 dias em cada local de apresentação.

– Lauriny a receberá com toda a felicidade do mundo.

– Se for como diz, irei aceitar. Preciso mudar o primeiro local de apresentação com a equipe. Começaríamos por Bremen, mas vou ver o que posso fazer.

– E Otávio, virá conosco?

– Otávio tem muitos afazeres por aqui e poderá viajar somente no tempo de suas férias. A propósito ele deve estar chegando com suas malas. Tome um banho enquanto isso e fique à vontade para usar o telefone e o que mais quiser. Enquanto isso pedirei algo para comermos. Vou ligar para a família, pois preciso falar com cada um que esteve envolvido nisso tudo. Faça o que quiser, Rober, a casa é sua e fico muito feliz em vê-lo andando por ela.

– Que ótimo podermos ir à Alemanha!

– Mais do que isso. Agradeço muito por estarmos indo juntos, seja em qualquer lugar que for... Rober, por favor, não diga a seu pai que nos encontramos. Não quero pensar em nada disso no momento, mas acabei de perceber que agora que te encontrei é possível que também reveja a Petrus e não estou preparada para isso. Pelo menos não nesse momento. Quero

estar perto de você e curtir ao máximo esse presente antes de me deparar com as desavenças do passado.

– Isso pode ser evitado, mãe. Porém um dia necessito cobrar-lhe as devidas satisfações por tudo o que aconteceu com nossa família.

– Em que local vocês moraram por todo esse tempo?

– Rodamos por muitas cidades alemãs, fomos à República Checa, passamos pela Polônia e residimos enfim na maior parte do tempo em Bautzen depois de passarmos por Dresden e outros locais. Hoje sei que o propósito de tantas retiradas almejava seu afastamento.

– Procurei por você em quase todos os lugares da Alemanha, inclusive em Dresden. Até onde minhas pernas e posses deram conta eu não cansei de investigar.

– Imagino o quanto tenha sido horrível. Esses anos de procura devem ter sido iguais a meus anos de ausência.

– Tome um banho, Rober, falamos disso em outro momento.

(...)

– Acho que dormi um bom tempo!

– Dormiu, sim. É raro ver alguém dormir tão profundamente em cadeiras de avião.

– Meu cansaço chegou. Senti os efeitos dos fusos entre os continentes e quando cheguei ao Brasil, nem sequer tive um razoável descanso.

– Otávio ficou satisfeito em acordar o irmão hoje pela manhã. Ele pediu para fazer isso, pois sabia que estaria cansado e sentiu-se premiado em acordá-lo pela primeira vez em nossa casa.

– Esse foi um sono de quem enfim encontrou o que queria e pôde dormir em paz.

– Eu perdi o sono durante toda a madrugada.

– E por quê? Não estava passando bem?

– Pelo contrário. Perdi tantas noites de sono imersas na angústia de nunca mais encontrá-lo que desta vez o corpo não adormeceu em agradecimento por finalmente estar vivendo esse dia. Na angústia ou na alegria, o sono sempre sofrerá!

– É verdade. E você conseguiu avisar sobre minha chegada para a família?

– Bastava avisar apenas uma pessoa e a notícia se espalharia por todos os ouvidos, mas fiz absoluta questão de ligar até tarde da noite falando para cada pessoa em particular. Quando retornarmos, eles farão uma grande festa em comemoração. E você ligou para sua esposa avisando? Ela está à nossa espera?

– Avisei e ela não se conteve ao telefone, tamanha alegria que sentiu. Lauriny é muito especial e será um belo encontro. Não avisei, no entanto, que estou a caminho da Alemanha e nem que estou junto a você.

- E por que não?
- Quero fazer uma surpresa. Deixei todos preocupados na minha saída e fui ao Brasil sem apoio nem mesmo para falar a língua e com um endereço vago de onde você poderia estar.
- Tentaram tirar sua proximidade com o Brasil e conseguiram te afastar da língua. Petrus acatou as exigências de suas tias para com a sua educação e o privou disso.
- Nomes surgem em minha cabeça enquanto a senhora fala.
- Sim, é de sua tia Bavilka que estou falando. Ela tinha aversão a culturas diferentes da sua, tinha aversão a mim e era impregnada pela praga eurocentrista.
- Ela ainda tem tudo isso e nunca se deu ao trabalho de ir além de seu mundo de egoísmo e certezas inabaláveis.
- Quando Petrus e eu nos casamos, ela foi taxativa na advertência sobre o prejuízo que a família sofreria em se misturar com linhagens alheias. Quando engravidei de você a gravidade desse distanciamento alastrou-se para toda a família de seu pai, que passou a me evitar bruscamente.
- Tenho um filho e o criei com toda paciência que se pode retirar do tempo. Vê-lo em crescimento nem sempre é fácil tarefa.
- Você disse que não tinha filhos, Rober, entendi errado? Que ótima notícia.
- Costumo comparar esta fase paterna a um escultor fazendo sua obra com palha leve e seca e ao menor sopro do vento pelas arestas das portas e janelas fechadas a escultura modifica-se vagarosamente mesmo à revelia do artista criador. O vento é a vida lá fora a impedir que o escultor imprima seus desejos na criação. As crianças...
- Rober, Rober! Sobre o que está falando? Tem mesmo um filho?
- Desculpe-me, Riesa, aconteceu novamente, mil desculpas.
- Pelo que se desculpa, Rober, não entendo... Esse assunto souo estranho porque estávamos falando sobre minha relação com Petrus e de repente você me fala sobre seu filho. Estou feliz em saber que tenho um neto.
- Você não tem um neto, Riesa, e é sobre isso que peço desculpas. Quando vim ao Brasil na esperança de encontrá-la, tive igual expectativa em curar meus devaneios assim que tivesse contato contigo. Vejo, porém, que isso é mais grave do que pensei.
- Estou entendendo menos ainda, Rober.
- Estou contando histórias perdidas no tempo e destoantes da minha própria. É isso, mãe! Assim como fiz agora contigo fico a vagar por histórias que duram minutos ou horas e isso está comprometendo minha vida.
- E quando isso se dá?

– Repentinamente, não há um padrão que eu tenha observado. Caso a senhora não interrompesse minha fala, talvez eu estivesse falando coisas sem sentido até agora.

– Suas palavras tinham um sentido, Rober, porém não pareciam ser suas. Até em seu olhar pude reconhecer mudanças. Você disse com muita propriedade que tinha um filho, foi bem convincente.

– Caso Otávio e Cecília ainda não tenham lhe dado netos eu também ainda não o fiz, Riesa. Tenho tido histórias com filhos, viagens, profissões e todo tipo de coisas que a imaginação possa alcançar.

– Otávio apesar de novo já me deu um neto e lhe fez tio. Agora me responda: consegue ter algum controle sobre isso?

– São muitas as notícias! Infelizmente tenho um controle mínimo e fico em total mergulho nas histórias que conto. Elas são tão verossímeis que é impossível cessar algo que nem mesmo me é indiferente.

– Procurou alguma ajuda, Rober?

– Reluto em procurá-la, pois intuitivamente parece que estou em busca de algo que me faça prescindir dessas histórias e cheguei a pensar que este algo era você, Riesa.

– Histórias definem a nossa vida, Rober. Uma pessoa, mesmo sua mãe, não poderá modificar o que você mesmo construiu. Se você não quer procurar ajuda para o problema pelo qual está passando, procure enxergar um limite para que isso não lhe cause sofrimento.

– Esse limite se extrapolou.

– Bem que você poderia usar essa capacidade de transmutação para o teatro. Teria em mão tudo o que um ator mais deseja: vários seres sem si.

– Receio que seja impossível lidar com isso, Riesa.

– Não leve a sério, é uma brincadeira.

– No teatro imagino que você deva dividir-se em muitos personagens.

– Ainda o faço, mas com uma sutil diferença: na juventude o fervor da vida e das suas muitas possibilidades me fascinavam a ponto de querer interpretar os personagens teatrais e sentir o que eles sentiam desde a banalidade cotidiana até os mais aguçados prazeres. Isso consumiu muito dos meus anos até que a calma da experiência fizesse com que minha história fosse suficiente alimento para a alma inquieta. Absorvia os personagens e mudava meu humor ao sabor das interpretações. Às vezes a Riesa estava alegre e mesmo assim encarava a tristeza dos personagens da qual interpretava e isso a deixava triste. Demorei muito tempo para fazer a separação entre o teatro e a vida real. Usei-o por outras vezes como subterfúgio nos momentos mais difíceis. O teatro foi minha religião, meu esconderijo e mesmo assim minha história sabia onde me encontrar e nunca deixou que eu fosse coadjuvante de mim mesma.

– Todos temos uma história real e outras imaginadas. Minha diferença está em misturar esses dois mundos a ponto de flutuar entre a

realidade e a fantasia. Tenho muito medo de fugir de minha própria história e ficar entregue a lugares tão irreais.

(...)

– Estamos para pousar.

– Entre cochilos e devaneios, a Alemanha se aproxima.

– Será mais confortável que você avise sobre minha chegada para sua esposa, Rober.

– Assim perderemos a surpresa, mãe. Quero que Lauriny a veja sem ter tempo para preparações e angústias.

– Tudo bem, Rober, apenas preciso ir ainda hoje no hotel onde se hospedaram nossas atrizes e atores da peça. Temos detalhes para combinar.

– Deixo você em qualquer lugar de Berlim. Conheço cada canto dessa cidade.

(...)

– Esta é nossa casa. Lauriny deve estar lá dentro a esta hora. Estou com a chave em alguma dessas malas...

– Sua esposa já nos viu e está vindo, Rober.

– Ótimo!

– Vilts? Quando voltou?

– Agora mesmo, Lauriny, e trouxe uma pessoa para que conheça: Riesa, minha mãe.

– Nossa... Que grande prazer e que surpresa maravilhosa, Vilts! Desculpem-me a emoção, mas não sei muito o que dizer à senhora nesse momento.

– Sei que não é o melhor dos prazeres ganhar uma sogra, Lauriny, mas podemos começar a relação com um abraço.

– É maravilhoso conhecê-la, senhora Riesa. Sempre desejei ter uma sogra.

– Estou brincando com você. Pelo visto ganhei uma doce nora na vida. Não me chame de senhora e não chore...

– Meu choro é de alegria, Riesa, diante de tamanha surpresa. Entre, será um prazer recepcioná-la.

– Minha alegria por ter uma moça tão simpática ao lado de Rober também é muito grande.

– Tenho que falar que o senhor Petrus esteve há dois dias procurando por você, Vilts.

– E por que não me disse, Lauriny?

– Ele mesmo pediu que não dissesse até que você pudesse retornar à Alemanha e também achei melhor assim

– Deveríamos conversar todos juntos agora que minha mãe está aqui.

–Rober... É importante lhe dizer que imaginei muitas formas possíveis de matar Petrus quando o encontrasse, listei em papel pautado as formas de fazê-lo sofrer quando ele arrancou você de nossa família. Quanto mais eu o odiava e menos o encontrava fui absorvendo toda a raiva até ficar ensandecida. Os anos se passaram e enfim fui achando outras formas de abrandar meus sentimentos. Imaginei posteriormente que chegaria numa bela manhã na casa dele e levaria você comigo enquanto Petrus esbravejaria no seu trajeto rumo à cadeia. No desespero perguntei por várias vezes se tinha sido uma mulher ruim merecedora do que ele me fez. Era tanta saudade que tentei de modo ridículo reverter a situação assumindo a culpa que era dele. Agora que o momento imaginado torna-se real não consigo sentir o ódio dos velhos tempos, a raiva também não me consome e nem uma fagulha de culpa me acompanha. Olhar pra você é ter a certeza do término desses horríveis anos de espera e ter ficado longe da família de Petrus foi o que me fez sobreviver.

– Vilts, seu pai disse que Bavlka está se recuperando bem, apesar de todo o alarde na família.

– O que fará com meu pai?

– O que pode ser feito, Rober? Quer que esse homem velho que você chama de pai regresse a todos os sentimentos daquela época de juventude e confesse seus pecados? Isso não aliviará ninguém além dele mesmo. Petrus e eu vivíamos uma vida impulsiva cercada de muitos altos e baixos, nosso amor era intenso e nossas emoções abruptas. Logo transbordamos as piores coisas que guardávamos individualmente. Passei a olhar seu pai como um peso limitante e fui perdendo o encanto por ele à medida que me encantava por outros homens e outras vidas. Sua história real foi uma grande disputa, Rober. Petrus percebeu que eu estava separada dele e só não quis acreditar nisso. Eu ficaria com você no Brasil e nossa família já estava toda reunida e disposta a fazer exatamente o que seu pai e a família dele fizeram. Eu também o afastaria de algo que você amava, Rober, tiraria você do seu pai. O amor que guardamos um pelo outro foi muito grande e quando ele foi embora restou você... O símbolo daquele amor, o troféu de tudo o que vivemos e não poderíamos mais viver juntos. A família de seu pai queria você na Alemanha e me queria longe. Minha família o queria no Brasil e em nenhum momento perguntamos o que você queria. Sua história ficou à mercê de nossas vontades, subordinada às nossas emoções, por mais vis que estas fossem. O egoísmo do seu pai venceu e o meu não teve vez. A verdade é essa Rober. Sofreria a ausência de seu pai se comigo ficasse.

– ... Lidar com todo esse egoísmo me parece o limite, Riesa. Uma história em que a ausência seria inevitável.

– Essas são as piores maneiras pelas quais somos capazes de amar, Rober, respeitarei o seu momento até que adapte a história real da sua vida em seu coração. Restam-me as desculpas e o amor atual que lhe tenho. Irei para o hotel onde estão os participantes de nossa peça.

– Pode levá-la, Lauriny?

– Claro, Vilts...

(...)

– Esse é o hotel, Lauriny?

– Sim, Vilts, sua mãe nos disse para pegar os ingressos aqui com um amigo dela.

– Pois ele já está com 20 minutos de atraso.

– Chegou!

– Perdão, vocês são os acompanhantes de Riesa?

– Sim, somos nós. Aqui estão os ingressos. Perdoem-me pelo atraso, estamos com uma movimentação muito grande na porta do teatro e atrasei um pouco com alguns detalhes antes de sair de lá.

– Se soubéssemos poderíamos ter pego os ingressos na porta do teatro Berlim já que você estava lá.

– Acho que não, pois os ingressos de vocês são de área reservada e precisariam entrar para me localizar.

– Está voltando para lá? Quer uma carona?

– Gostaria, estou andando de taxi, mas, já que estamos indo para o mesmo lugar, vou aceitar a gentileza.

– Entre, não nos apresentamos: sou Rober Vilts e essa é Lauriny.

– Meu nome é Mario, muitíssimo prazer em conhecê-los. Riesa ficou muito brava ao saber que não tínhamos lhes dado os convites ainda. Pelo visto gosta muito de vocês.

– Riesa é minha mãe.

– Dessa forma encontrei a explicação para a tempestividade dela, porém não chegaremos atrasados. Os lugares em nosso setor são estritamente reservados aos atores da peça e vocês ficarão conosco.

– Você não me explicou sobre o que será essa peça, Vilts.

– Talvez Mario possa explicar-lhe melhor, Lauriny, com tudo o que se passou nestes dias nem sequer pensei sobre isso. Pode explicar a Lauriny do que se trata, Mario? Você deve conhecer bem a peça, não é mesmo?

– Claro! Participei da montagem de duas temporadas e creio que irão gostar bastante. A peça é um espetáculo participativo em que os atores podem ser conduzidos por alguém da plateia que queira participar.

– Então não há uma programação prévia?

– Existe, sim, uma peça formada e os atores a encenam plenamente, se ninguém interferir. Se alguém sobe ao palco, pode dar nomes aos atores e dizer o que cada um deles representa na sua vida.

– Na vida de quem?

– Na vida da pessoa que subiu ao palco!

– O espetáculo se chama A montagem da vida e quem no palco subir pode montar a sua vida para que seja encenada pelos atores que ali estão.

– Interessante, mas como os atores que estão no palco saberão encenar a minha vida, por exemplo?

– Veja bem, senhora Lauriny... Ao subir ao palco o participante conviverá com pessoas às quais ele mesmo deu nomes, atribuições, parentescos etc. No entanto, o participante tem um controle limitado sobre os atores. Ele não poderá dizer a eles o que poderão fazer e somente dar-lhes papéis. A partir desses os atores poderão agir conforme bem entenderem, assim, o participante terá de conviver com a vida que está montando no palco.

– Fiquei ainda mais interessada, fuge um pouco do convencional.

– Quando minha mãe explicou, tive a mesma sensação, Lauriny, é um espetáculo bem interessante.

– Várias cenas são formadas durante as três horas de espetáculo, mas às vezes alguma pessoa da plateia nos traz algo tão interessante que a peça acaba se consumindo apenas na história dela. Outras vezes não temos participação alguma e o espetáculo segue.

– Nenhuma participação? Isso acontece com frequência?

– Não, senhora Lauriny, foi apenas uma brincadeira. Quando ninguém da plateia participa é porque os atores estão ensaiando e não há ninguém na plateia.

– Bem, achei estranho que nenhuma pessoa se sinta entusiasmada a participar.

– Chegamos ao Teatro Berlim e temos um tempo antes do começo.

– Onde vai sentar-se Mario, pode se sentar com a gente.

– Obrigado, senhor Rober, mas os lugares estão marcados e estou envolvido na organização. Os assentos de vocês ficam à esquerda. Sua mãe está logo ali na frente e os assentos estão ao lado dela. Aproveitem a peça.

– Muito obrigado, Mario.

– Nesta noite, senhoras e senhores, daremos início aqui no grande Teatro Berlim ao espetáculo A montagem da vida, dirigido pela companhia de teatro Mar e cor. O espetáculo seguirá seu curso e se modificará na medida em que vocês, nossos amigos e nossas amigas da plateia, o transformarem. A todos uma boa noite e um bom espetáculo.

– Vai começar, Rober.

– Onde está Riesa?

– Deve estar em outro lugar por certo.

– Começou, vamos ouvir...

– ... Pensei que as pessoas fizessem fila para subir ao palco, mas, pelo visto, não.

– Não é muito fácil para alguém expor sua vida diante de uma plateia, Lauriny, além disso, estamos com poucos minutos de cena ainda.

– Parece que aquele senhor subirá.

– Não... Ele vai ao banheiro.

– E você, Vilts, aonde vai?

– Ao contrário do senhor, vou eu ao palco.

- Está louco? O que vai dizer?
- Temos um amigo da plateia! Qual seu nome?
- Rober Vilts.

– É com grande prazer que este palco lhe recebe para que você monte sua vida junto aos atores que aqui estão, Rober Vilts. Comece por dar papéis a eles para que possam interagir com a vida que você viverá neste palco.

– Boa noite, apresento a todos nesta noite a minha vida. Ela é composta por amores, um deles é a moça que não está no palco mais se senta a primeira fila e me observa com surpresa. Esta minha vida também é composta por reencontros, por decepções e cada ator aqui presente poderia representar com exatidão a este papel que é tão humano. Os cortes de cabelo fazem igualmente parte de minha vida, as horas de trabalho, a lembrança de uma infância, a vivência ainda presente de uma juventude e a perspectiva de uma velhice também a compõe. Lançados todos esses itens com os quais é preenchida, parece que nada mais tenho a lhes apresentar do que uma vida comum, e sim... Ela é comum. Tenho eu milhões de afinidades com vocês que agora me assistem. Quero dar aos atores que estão ao meu lado algumas histórias e é nisso talvez que nessa hora tenha eu muito pouco semelhança com todos vocês que me assistem.

Não darei a estes atores papéis de parentes, amigos, chefes, nada disso. Quero que cada um de vocês represente uma história minha. Ajam como se cada um de vocês fosse o detentor de minhas histórias, mesmo que não as conheçam, e as contem para a plateia que nos assiste. As histórias de minha vida estão agora em plena liberdade, peguem o que quiser...

– Pois bem, Rober Vilts, sou eu quem vai relatar a primeira história de sua vida: o seu nascimento! Você por acaso se lembra de mim?

– De nenhuma forma lembraria, pois nem as melhores memórias podem fazê-lo.

– É exatamente por este motivo que sou a mais humana das histórias existentes, sou o fruto do desconhecimento de quem me criou: você! Como sou a história do seu nascimento, só posso ser transmitida a você através de outras bocas, outras mentes outras memórias. Sou eu, a história livre, pense bem comigo: se o ser humano nem mesmo pode conhecer como ele próprio nasceu o que poderá ele dizer sobre o nascimento do mundo e da humanidade?

– Creio que formam a história de meu nascimento assim como formam a história da humanidade. Aquele que nasceu nunca tem acesso a sua história primária.

– Deixe-me apresentar Rober Vilts, sou a história que lhe contaram na infância sobre a bruxa má devoradora de corações. Seu mal comportamento sempre nutriu minha existência e fui usada como disciplina diante de sua má conduta infantil.

–Nunca me deixei envolver por tal história e de certo você é obsoleta, mas continua sendo cômica.

–Apresento-me a você, Rober Vilts, certo de que sou uma história que você já conhece: a história do homem que subiu a este palco e dividiu sua vida em várias partes. Deve agora escolher a história que mais lhe apraz e contá-la a todos. Nós, as suas histórias gostaríamos de ouvir qual é a sua história.

–Na montagem desta vida assim como na vida já prontamente montada que levo, não existe uma só história. Se padeço de doença e pudesse dar um nome para ela, diria que sou pela incapacidade de ser um só. Existe uma exuberância de vida em mim e o corpo que carrego não se contentou em ser somente um. O trem que se move por um trilho enferrujado deseja expandir-se para além da repetida rota imposta à alma deste ser humano diante de vocês. Estou em desarranjo e me comporto como um filete de água do rio que corre quase em sorriso na menor possibilidade da terra que se abre frente a ele. Percebi enfim que as histórias que conto pertenceram a outras bocas, outros tempos e apenas tenho a feliz honra de portá-las e retransmiti-las. Esse corpo, antes de fenecer, será galpão e fábrica das palavras e emoções humanas. Tenho o que todos carregam no peito, porém em mim as barreiras são frouxas, as comportas estão abertas, e os pássaros da alma estão livres. Divido com todos nesta noite aquilo que em mim se guardou durante muito tempo. Andei rodeado de histórias que me apavoravam e não encontravam elos com minha própria. Não haveriam de encontrar, pois agora percebo que um eu somente não basta. Dei permissão e passaporte para a vida transitar em mim e ela o fez, assustadoramente deu-me sensações, cheiros, gostos e memórias de todos os tipos... Cedo ou tarde descobriria que não há um desfecho, uma linha, um caminho, um partido a se seguir. Existe vilania em heróis e heroísmo nos vilões, são estas as histórias humanas. Não há desgosto, contragosto nem mesmo motivos para se montar uma vida seja no palco ou no mundo o que se monta num segundo no outro se desfaz...

(...)

–Agradecemos a Rober Vilts pela participação e continuaremos a encenar a peça na procura de novos participantes.

–Vilts, muitas coisas podem mudar em um instante...

–Gostei da experiência, Lauriny.

–Você está radiante! Vejo que isso lhe fez bem.

–Eu precisava compartilhar as histórias que me surgem, Lauriny, seja de que modo forem e sejam quais histórias forem elas surgem para serem contadas. Eu tenho muitas em minha vida, e tenho o aval da vida para contá-las. São minhas as histórias, suas histórias, e pensando bem, elas não têm dono...

–Mesmo que sejam contadas por Rober Vilts?

– Mesmo que assim seja, Lauriny! Você as ouvirá? Amaria muito se minha companheira se dispusesse a ouvi-las.

– Estou disposta. Entendo que talvez seja essa nossa história: o conjunto de todas elas.

– Vamos sentir a alegria de contá-las e nos apressar em vivê-las!